

ADRIEL GOMES DA SILVA

OS MORFEMAS EM -ÃO AOS OLHOS DA FONOLOGIA
LEXICAL: processos morfofonológicos



ARARAQUARA – S.P.
2017

ADRIEL GOMES DA SILVA

OS MORFEMAS EM -ÃO AOS OLHOS DA FONOLOGIA LEXICAL: processos morfofonológicos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática.

Orientador: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – S.P.
2017

G Silva, Adriel

OS MORFEMAS EM -ÃO AOS OLHOS DA FONOLOGIA
LEXICAL: processos morfofonológicos / Adriel G Silva — 2017
141 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) —
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho",
Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientadora: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

1. Aumentativo. 2. Processos Morfofonológicos. 3. Morfologia. 4.
Fonologia Lexical. 5. Português Brasileiro. I. Título.

Adriel Gomes da Silva

OS MORFEMAS EM -ÃO AOS OLHOS DA FONOLOGIA LEXICAL: processos morfofonológicos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática.

Orientador: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 12/05/2017

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho.

Membro Titular: Profa. Dra. Gisela Sequini Favaro
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho.

Membro Titular: Profa. Dra. Thais Holanda de Abreu-Zorzi

Local: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho.
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Aos meus pais, que lutaram e me incentivaram aos estudos, desde os anos de base da minha vida estudantil, e à minha “mãe-acadêmica”, por ser uma guia pelos meandros desta vida acadêmica que vem despontando.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma tornaram possível a realização desta dissertação, acima de tudo:

Aos meus pais, por desde sempre me incentivarem e me fazerem apegado aos estudos, enquanto trabalhavam e criavam a mim e a minha irmã numa cidade pequena como Curupá, onde as oportunidades são poucas e limitadas para muitos e até alguns que participaram da mesma caminhada estudantil que percorri.

À minha orientadora, Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari, que, como uma mãe-acadêmica, não só orienta para a pesquisa com perfeição, mas nos guia para a vida acadêmica, nos ajudando a nos encontrar, cada qual dos seus “filhos”, nos caminhos da academia, preocupando-se conosco, puxando orelhas quando preciso e sendo sempre presente, mesmo nos meses finais desta dissertação, com todas as adversidades e compromissos que vieram a surgir.

Aos meus irmãos de orientação, um grupo acolhedor sempre disposto a ajudar. Em especial ao Carlos Elísio do Nascimento, ao André Luiz Machado e à Natália Zaninetti Macedo, pela cumplicidade e amizade.

À CAPES, por ter financiado esta pesquisa e permitido que eu a tenha realizado de maneira integral.

Aos meus amigos do projeto CUCA-IQ, por sempre estarem ali para conversar, espairecer, aliviar a tensão dos momentos difíceis da pesquisa.

RESUMO

Nesta dissertação, realizamos um estudo morfofonológico dos morfemas em *-ão* no Português Brasileiro (doravante PB), tradicionalmente chamados de sufixos de aumentativo. Mostramos como se dão os processos derivacionais que tais morfemas desencadeiam, além dos processos morfofonológicos de adequação da palavra formada. A coleta de palavras com a terminação <ão> foi realizada com base no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, a partir de ferramentas de buscas do próprio dicionário, que nos retornou exatas 7465 ocorrências. A partir disso, foi realizada a categorização das palavras, compondo uma série de tabelas e gráficos, quantificando-as a partir de suas configurações morfológicas, e também um levantamento semântico, buscando os possíveis significados das 933 ocorrências categorizadas como formações com os morfemas de aumentativo em *-ão* e suas diversas significações. Desse modo, tendo descrito os dados quantitativamente, uma análise qualitativa foi realizada, buscando-se primeiramente elencar padrões e/ou a falta deles nas formações com os morfemas em questão, para assim apresentar os processos de formação que geram estas palavras e de adequação fonológica que permeiam tais processos. Por fim, tendo como apoio a linha teórica dos Modelos de Fonologia não Linear, em especial o de Fonologia Lexical proposto em Kiparsky (1982) e Mohanan (1986), uma análise morfofonológica dos dados foi feita, apresentando-se uma hierarquia de processos morfológicos e fonológicos nos ciclos lexicais, indo desde a estrutura profunda com os itens não derivados do léxico até a saída da palavra formada para a sintaxe. Com a descrição dos processos desencadeados pelos morfemas em questão, buscamos entender o que são os morfemas em *-ão* do Português Brasileiro, quais os morfemas que os realizam e quais as possibilidades de formação e de significados que o falante dispõe ao usar uma palavra derivada a partir destes morfemas

Palavras-chave: Aumentativo. Processos Morfofonológicos. Morfologia. Fonologia Lexical. Português Brasileiro

ABSTRACT

In this dissertation we carry out a morphophonological study on the morphemes *-ão*, traditionally called augmentative morphemes, in Brazilian Portuguese. We have shown how the derivational processes triggered by these morphemes happen, besides the morphophonological processes that adequate the formed words. A data collection of words ending in <ã> was made having as base the Eletronic Dictionary Houaiss of the Portuguese Language (*Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*), using the search tool of the same dictionary. This data collection gave us the amount of 7465 occurrences. A categorization of these occurrences was made according to their morphological configurations, generating a series of tables and charts, quantifying them; we also made a semantic survey searching the possible meanings of the 933 occurrences categorized as formations with the augmentative morphemes in *-ão*. Thus, having described the data quantitatively, a qualitative analysis was made searching for patterns and absence of patterns in the data, in order to present the processes of formation that generate these words and the processes of phonologic adequacy that permeate those morphological processes. Ultimately, with the support of the Non-linear Phonology Models, especially the Lexical Phonology Model proposed in Kiparsky (1982) and Mohanan (1986), we have made a morphophonological analysis of the data, presenting a hierarchy of morphological and phonological processes in the lexical cycles, from the profound structure with the non-derived lexical items to the output of the formed word to the syntax. Having the description of the processes triggered by the presented morphemes, we intend to understand the nature of augmentative morphemes in Portuguese, which are the morphs that actualize these morphemes, and which are the possibilities of formation and meaning that the speaker have when using a word derived from these morphemes.

Keywords: Augmentative. Morphophonological processes. Morphology. Lexical Phonology. Brazilian Portuguese.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Proporção das categorias focalizadas em relação à coleta total	60
Gráfico 2	Processos morfológicos da Categoria I	75
Gráfico 3	Processos morfológicos da Categoria II	79
Gráfico 4	Processos morfológicos da Categoria IV	93
Gráfico 5	Processos morfológicos da Categoria V	96
Gráfico 6	Processos morfológicos da Categoria VI	99
Gráfico 7	Quantificação de significados encontrados para os dados da Categoria I	109
Gráfico 8	Quantificação de significados encontrados para os dados da Categoria II	111
Gráfico 9	Quantificação de significados encontrados para os dados da Categoria IV	115
Gráfico 10	Quantificação de significados encontrados para os dados da Categoria V	117
Gráfico 11	Quantificação de significados encontrados para os dados da Categoria VI	120
Gráfico 12	Processos morfológicos dos dados coletados	124

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Quantidade absoluta de palavras terminadas em <ão> por inicial	59
-----------------	----------------------------------------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DEH	Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa
DH	Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa
FGN	Fonologia Gerativa Natural
MFnL	Modelos de Fonologia não Linear
n.p.	Não paginado
não-verbo-base	Não verbo usado com base no processo de formação
N_b	Base nominal
NCC	Princípio de não-cruzamento de linhas de associação (<i>No Crossing Constraint</i>)
NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileira
OCP	Princípio do contorno obrigatório (<i>Obligatory Contour Principle</i>)
PB	Português Brasileiro
SCC	Condição de ciclo estrito (<i>Strict Cycle Condition</i>)
SP	Princípio de preservação da estrutura (<i>Structure Preservation Principle</i>)
SPE	The Sound Pattern of English, Chomsky e Halle (1968)
TO	Teoria da Otimalidade
verbo-base	Verbo usado como base no processo de formação
C	Consoante ou Coda
C_L	Consoante Líquida
V	Vogal
X	Unidade de tempo no esqueleto
μ	Mora
σ	Sílaba
O	Ataque (<i>Onset</i>)
R	Rima
N	Núcleo
*	Cabeça do pé
·	Sílaba subordinada do pé
—	Sílaba pesada
U	Sílaba leve
ω	Palavra fonológica
< >	Grafema ou extrametricidade
/ /	Fonema
[]	Fone ou forma de base
{ }	Morfe e Alomorfe
()	Limite de pé
-morfema	Morfema
*palavra	Palavra não-encontrada isoladamente e/ou agramatical

As transcrições fonéticas e fonológicas seguem o padrão do IPA (*International Phonetic Alphabet*).

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	4
AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	6
ABSTRACT	7
LISTA DE GRÁFICOS	8
LISTA DE TABELAS	9
LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS	10
INTRODUÇÃO	13
1 OS AUMENTATIVOS EM -ÃO NOS DICIONÁRIOS, GRAMÁTICAS E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS	17
1.1 O termo “aumentativo” e os morfemas em -ão: sobre a denominação e possíveis funções	17
1.2 Flexão ou derivação: sobre a natureza do processo morfológico dos morfemas em -ão	22
1.3 A flexão de gênero e número dos vocábulos derivados com os morfemas em -ão	27
1.4 Considerações finais	29
2 SUBSÍDIOS TEÓRICOS	30
2.1 Fonologia não linear: das críticas à Fonologia Gerativa Padrão ao advento da Teoria da Otimalidade	31
<i>2.1.1 A Fonologia Lexical: a estrutura interna das palavras e hierarquizações de processos morfofonológicos</i>	33
<i>2.1.2 A Geometria de traços: a estrutura interna dos segmentos e hierarquização de traços distintivos em árvores</i>	38
2.2 O acento em PB	43
2.3 Da palavra ao morfema, a unidade indivisível portadora de som e significado.	52
2.4 Considerações finais	56
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	57
3.1 Houaiss e o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa	57

3.2 Coleta e categorização dos dados	58
3.3 Procedimentos de análise	65
3.4 Considerações finais	66
4 DOS MORFES FOCALIZADOS AOS MORFEMAS POR ELES REALIZADOS	67
4.1 As derivações e flexões dos morfemes encontrados	67
<i>4.1.1 Categoria I – Palavras deverbais com {-ão}</i>	71
<i>4.1.2 Categoria II - Palavras deverbais com {-alhão}</i>	76
<i>4.1.3 Categoria III - Palavras deverbais com {-arrão}</i>	79
<i>4.1.4 Resumo dos resultados para as categorias de base verbal</i>	80
<i>4.1.5 Categoria IV - Palavras com bases não verbais em {-ão}</i>	81
<i>4.1.6 Categoria V - Palavras com bases não verbais em {-alhão}</i>	94
<i>4.1.7 Categoria VI - Palavras com bases não verbais em {-arrão}</i>	97
<i>4.1.8 Resumo dos resultados para as categorias de base não verbal</i>	99
4.2 A profusão de sentidos dos morfemas em <ão>	100
<i>4.2.1 Categoria I – Palavras deverbais com {-ão}</i>	105
<i>4.2.2 Categoria II – Palavras deverbais com {-alhão}</i>	109
<i>4.2.3 Categoria III – Palavras deverbais com {-arrão}</i>	112
<i>4.2.4 Categoria IV – Palavras de base não verbal com {-ão}</i>	112
<i>4.2.5 Categoria V – Palavras de base não verbal com {-alhão}</i>	115
<i>4.2.6 Categoria VI – Palavras de base não verbal com {-arrão}</i>	118
4.3 Considerações finais	120
5 FONOLOGIA LEXICAL DAS FORMAÇÕES COM OS MORFEMAS {-ÃO}: A HIERARQUIA DOS PROCESSOS MORFOLÓGICOS E FONOLÓGICOS	123
5.1 Considerações finais	134
CONCLUSÃO	135
REFERÊNCIAS	138
APÊNDICE	(CD-ROM)
CORPUS COLETADO	Apêndice 1
CATEGORIZAÇÃO MORFOLÓGICA	Apêndice 2
LEVANTAMENTO SEMÂNTICO	Apêndice 3

INTRODUÇÃO

O objetivo principal desta dissertação é descrever os processos morfológicos e fonológicos na formação de palavras a partir dos morfemas em *-ão* no Português Brasileiro (de agora em diante, PB). O trabalho aqui apresentado está vinculado ao Grupo de Pesquisa Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro, contribuindo e recebendo contribuições de pesquisas desenvolvidas no grupo como Prado (2010), Abreu (2012), Abreu-Zorzi (2016).

A escolha pelos casos de palavras formadas por sufixos *-ão*, entre os quais o aumentativo, se deu primeiramente pelo fato de estes morfemas possuírem em sua forma fonética o ditongo nasal [ẽõ], cuja compreensão em termos de estrutura morfológica, fonológica e fonética constitui um terreno ainda pouco explorado no PB. Assim, esta pesquisa foi também elaborada como mote e primeiro passo de um estudo maior e mais aprofundado destes ditongos nasais, a ser desenvolvido no futuro. Posto isso, ainda que os morfemas em *-ão* tenham um processo de flexão bem regular e controlado, os processos derivacionais que eles podem desencadear são bem variados. Portanto, para esta dissertação, para que possamos avançar no conhecimento do seu comportamento morfofonológico, focamo-nos em descrever tais processos.

Com isso, tal estudo pode permitir:

- uma melhor compreensão a respeito do funcionamento do morfema estudado em relação à formação de palavras, tendo como base os conceitos da fonologia lexical, a partir da mais conhecida análise para o PB nesta teoria, encontrada em Lee (1995). Este modelo de análise se mostrou uma ferramenta proveitosa para o objeto escolhido, permitindo entendermos qual processo de formação de palavra — derivação, composição ou formação produtiva, usando os termos encontrados em Lee (1995, p. 11-12) — o morfema se enquadra, além de, a partir disso, podermos entender a ordem dos processos morfológicos e fonológicos dos itens lexicais não-derivados formados a partir de *-ão*;
- contribuir para a discussão da questão da diferenciação de formas compostas/derivadas, relativas à formação de palavras com alguns dos até então conhecidos como “sufixos” pela gramática tradicional — como

-mente, *-íssimo* e *-inho*. Nestes casos a literatura (como em Abreu, 2011, 2012; Borges 2008; Lee, 1995) mostra que não temos de fato sufixos ou, se tivermos, eles funcionam de maneira diferente em relação a outros sufixos derivacionais. Tal diferença se encontra principalmente no fato de que, em afixações de sufixos derivacionais como *-ice*, por exemplo, há ocorrência de neutralização de vogais médias (de “v[ɛ]lho” temos “v[e]lhice”) o que não ocorre na formação de palavras com *-mente*, *-íssimo*, *-inho* (de “v[ɛ]lho” temos “v[ɛ]lhamente”, “v[ɛ]lhíssimo” e “v[ɛ]lhinho”). Assim, buscando por formações de palavras com *-ão*, pode-se perceber que ele está mais próximo do último grupo (já que de “v[ɛ]lho” chegamos a “v[ɛ]lhão” e não “v[e]lhão”), salvo algumas exceções como a forma “portão” que é uma lexicalização do aumentativo de “porta”, na qual temos “p[o]rtão” e não “p[ɔ]rtão”.

Desse modo, este trabalho adiciona à literatura linguística do PB maiores descrições sobre os morfemas em *-ão*, os morfes que os realizam, suas possíveis flexões, regularidade e irregularidade de processos, regras fonológicas presentes durante a formação, enfim, intenciona apresentar o aparato morfofonológico destes morfemas tradicionalmente chamados de sufixos de aumentativo.

Para tanto, compomos um *corpus* com palavras terminadas em <ão>, colhidas no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (doravante DEH) (HOUAISS, 2001) e categorizadas de acordo com a formação morfológica, classe da base¹ e regularidade delas. A escolha pelo DEH se deu primeiramente pela facilidade em manusear os dados deste, permitindo uma melhor coleta, e pela profusão de dados e informações que o dicionário traz para seu usuário a cada vocábulo, facilitando o reconhecimento de bases, morfes envolvidos e possíveis processos por eles desencadeados.

Para a análise destes dados, tomamos por base os conceitos da fonologia não linear, em especial o modelo que cuida dos fenômenos fonológicos ligados à formação de palavras, designado em Kiparsky (1982) e Mohanan (1986) como Fonologia Lexical. O uso deste modelo fonológico foi interessante para as análises deste trabalho devido à

¹ A classe da base (ou a base em si para dados mais irregulares) foi considerada da maneira como é encontrada no DEH.

possibilidade que ele traz de hierarquizar os processos morfofonológicos, mostrando que tais derivações acontecem de determinada forma, devido à sucessão de regras serem feitas em uma determinada ordem e não de maneira desordenada ou intrinsecamente concomitante.

Assim, esta dissertação está organizada da seguinte maneira:

Na Seção 1, delimitamos melhor o objeto de estudo de maneira mais ampla, apresentando como os morfemas em *-ão* e o grau aumentativo são tratados em dicionários, gramáticas e estudos linguísticos, além de apresentar discussões sobre a natureza dos processos de formação com *-ão*, delimitando que se tratam de processos derivacionais, diferente do que gramáticas tradicionais tendem a afirmar.

Na Seção 2, explanaremos sobre as teorias que embasam este trabalho, apresentando desde a formação dos que ficaram conhecidos como Modelos de Fonologia Não Linear (de agora em diante, MFnL) até passarem a ser considerados ultrapassados, a partir da introdução e ampla divulgação de novos estudos em fonologia; serão explanados mais pautadamente os MFnL usados nas análises, mais especificamente os modelos de Fonologia Lexical e Geometria de dados; bem como uma apresentação das teorias de acento pautadas na Fonologia Métrica, além de apresentar estudos sobre acentuação em PB; e por fim é feito um panorama a respeito de noções e conceitos de morfologia, a fim de explicar os processos apresentados nas análises morfológicas e termos utilizados.

Na Seção 3, mostraremos a metodologia de coleta de dados e de análise, além de apresentar o DEH como fonte de coleta, expondo dados sobre quem foi Houaiss e sobre o projeto de produção do dicionário.

Na Seção 4, apresentaremos os dados enfocados, descrevendo os processos morfológicos e fonológicos que os geram; bem como exporemos o levantamento semântico feito a fim de acessar os diferentes significados em relação aos morfemas encontrados na coleta.

Na Seção 5, mostraremos a hierarquização dos processos descritos na Seção 4, de acordo com o modelo da Fonologia Lexical.

Por fim, na última seção, apresentaremos um panorama das conclusões que este trabalho pôde trazer, como a existência de dois morfemas com realizações e usos diferentes que foram nomeados como *-ão* verbal e *-ão* não verbal; a profusão de significados possíveis trazidos pelos morfemas em *-ão*; e quais os processos morfológicos e fonológicos desencadeados por estes morfemas, durante a passagem pelos estratos de formação.

1 OS MORFEMAS EM *-ÃO* NOS DICIONÁRIOS, GRAMÁTICAS E ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Nesta seção focalizamos a maneira com que os morfemas em *-ão* são tratados na literatura, como em gramáticas, dicionários e afins. Assim apresentaremos nas subseções quês e seguem questões que melhor descrevem o objeto de estudo dessa dissertação como a visão tradicional dos morfemas em *-ão* quanto aos significados que podem denotar; a natureza do grau em PB ora visto como um processo flexional ora como um processo derivacional; e por fim, a possibilidade desses morfemas serem flexionados em número e gênero.

1.1 O termo “*augmentativo*” e os morfemas em *-ão*: sobre a denominação e possíveis funções

O morfema *-ão* é popularmente conhecido por criar aumentativos, mas seu uso em língua portuguesa é bem amplo. Assim, ainda que haja processos morfológicos semelhantes nas diversas palavras formadas a partir de *-ão*, uma profusão semântica é encontrada a cada grupo de palavras.

Para a entrada “*-ão*”² no DEH uma separação em cinco grupos é feita, relacionando a origem diacrônica dos grupos de palavras com terminação em <ão> do PB. A seguir as definições dos grupos:

- o primeiro, que vai denotar ação de verbos, é designado como “*-ão substantivo verbal*”, estando mais relacionado ao morfema *-ção* atualmente, que, por sua vez, teria vindo do latim vulgar *-ione/-tione*. Segundo esta entrada, eles apresentam as seguintes características:
 - a) ser de substantivos femininos exclusivamente, b) ter plural sistemático em *-ões*, e c) ser sempre de radicais verbais, [são exemplos “a abanação”/“as abanações”, “a elevação”/“as elevações”, “a formação”/“as formações”, entre outros]”. (HOUAISS, 2001, n.p., grifo do autor).
- o segundo é designado como “*-ão substantivo nominal*” e engloba as palavras que têm origem em certas terminações do latim. Segundo esta entrada, as palavras deste grupo apresentam as seguintes características:

² Forma como a entrada é denominada no dicionário.

a) ser oriundo de nomes, isto é, de substantivos, ou adjetivos, ou subst. e/ou adj., **b)** ter fl. fem. em *-ã* ou *-oa* ou *-ona*, ou as três ou duas dessas f., **c)** ter pl. masc. em *-ãos*, *-ães* ou *-ões* (ou os três ou dois deles) e fem. em *-ãs*, *-oas* ou *-onas* (ou os três ou dois deles) e **d)** apresentar uma rica matização de funções semânticas ou categoriais (aumentativos dimensionais, afetivos, subst. instrumentais de ação etc.) [são exemplos “bom”/“boa”, “leão”/“leoa”, “órfão”/“órfã”, entre outros] (HOUAISS, 2001, n.p., grifo do autor)

- o terceiro é designado como “-ão nominal verbal” e engloba palavras com derivações variadas como **gentílicos** (Ex. “beirão”, “parmesão”); **agentes** (Ex. “babão”, “sabichão”); **resultantes** (Ex. “aleijão”, “safanão”); **numerais** (Ex. “milhão”, “bilhão”); etc.;
- o quarto é designado como “-ão empréstimo” e engloba empréstimos variados de origem **latina** (Ex. “anão”, “varão”); **árabe** (Ex. “alazão”, “tufão”); **espanhola** (Ex. “furacão”, “rincão”); **francesa** (Ex. “ancião”, “espião”); **italiana** (Ex. “canhão”, “macarrão”); **tupi** (Ex. “capão”, “tinhorão”); etc.; e, por fim
- o quinto, designado “-ão aumentativo”, engloba os aumentativos, de fato, tendo como origem as formas *-anu*, *-on*/*-one* do latim. Ainda neste agrupamento, o dicionário traz nove subgrupos, encontrados de acordo com o significado e terminação dos termos:

a) -ão como mero suf. dimensionais de outra coisa: *abelhão* [...]; **b)** -ão como suf. moral ou ético de típico valor afetivo: *alegrão* [...]; **c)** -lhão como suf. encorpado de valor dimensionais ou de outra coisa: *bagalhão* [...]; **d)** -lhão como suf. moral ou ético de valor afetivo: *amigalhão* [...]; **e)** -eirão como suf. encorpado de valor dimensionais ou de outra coisa: *capeirão* [...]; **f)** -eirão como suf. encorpado de valor afetivo: *asneirão* [...]; **g)** -rrão como suf. encorpado de valor dimensionais ou de outra coisa: *barbarrão* [...]; **h)** -rrão como suf. encorpado de valor afetivo: *beberrão* [...]; **i)** suf. encorpados em -ão, dimensionais ou afetivos, de fraca ocorrência: -chão (*bonachão*), -gão (*espadagão* [...]), -strão (*falastrão*), -tão (*borratão* [...]), -jão (*varejão* <*vara*>), -rão (*brancarão* [...]). (HOUAISS, 2001, n.p., grifo do autor).

Com base nestas definições da terminação em <ão> do PB, podemos ver quão amplo é o seu uso na língua, algo que pudemos aferir na coleta dos dados. O mesmo pode ser visto para o vocábulo “aumentativo” e, em relação à definição deste termo neste mesmo dicionário, temos:

adjetivo 1 que aumenta; **2** Rubrica: gramática. diz-se de certos prefixos e sufixos, como *arqui-*, *extra-*, *hiper-*, *sobre-*, *super-*, *-íssimo*, *-érrimo*, -

ão etc., que acrescentam ao significado de um radical de substantivo, de adjetivo ou de verbo as noções de 'muito bom', 'excelente', 'muito grande', 'em alto grau', 'em excesso' etc. (p.ex.: arquimilionário, chiquérrimo, superbombardeiro, hipermercado). **adjetivo e substantivo masculino** Rubrica: gramática.³ diz-se de ou grau que acrescenta ao significado do substantivo ou do adjetivo a noção de 'grande' ou 'muito', como p.ex. manápula ('mão grande'), felizardo ('muito feliz'), pobretão ('muito pobre'), altão ('muito alto'), carrão ('carro grande'), moçona ('moça grande') etc. (HOUAISS, 2001, n.p., grifo do autor)

Neste dicionário, podemos ver que, apesar de ter-se considerado também a noção de afetividade para os casos aumentativos, ao descrever o termo aumentativo em si, esta noção não é levada em conta, assim como em outros dicionários escolares, como podemos ver nas entradas “aumentativo” dos dicionários *Novo Aurélio Século XXI* e *Michaelis*:

[De aumentar + -tivo] **Adj. 1.** Que aumenta. ~ *V.charada* -a e *verbo* -. **S.m. 2.** E.Ling. Categoria gramatical que se expressa como palavra ou construção de significação engrandecida em relação a outra, tomada como grau normal; grau aumentativo. (FERREIRA, 1999, p. 231, grifos do autor)

adj (aumentar + -ivo) Que aumenta. *sm Gram* Grau em que a significação da palavra aparece aumentada. (MICHAELIS, 2002, p. 260, grifos do autor)

Também em dicionários linguísticos o termo aumentativo não traz outras significações que não a de dimensão, como podemos ver a seguir:

Termo usado na MORFOLOGIA com referência a um AFIJO com o sentido geral de “grande”, como a forma CASARÃO, do português. (CRYSTAL, 2000, p. 35)

Diz-se que um prefixo (arqui-, extra-, sobre-, super-) ou que um sufixo (-íssimo) é aumentativo quando tem o sentido de “em um grau muito alto, a um ponto elevado”. Assim, extraduro é formado pelo adjetivo duro e do aumentativo extra, significando a palavra “que é muito duro”; o adjetivo riquíssimo é formado pelo adjetivo rico e pelo aumentativo -íssimo. (DUBOIS, 1973, p. 80)³

Nomes substantivos derivados, com grau implícito, que com um sufixo lexical específico denotam em relação aos primitivos de que se derivam; ex: sala-salão. (CAMARA JR. , 1986[1973], p. 64)

³ É importante notar a confusão nas definições tanto de Houaiss (2001, n.p.) quanto de Dubois (1973, p. 80), tratando de conhecidos sufixos de superlativos como *-érrimo* e *-íssimo* na entrada “aumentativo”.

Contudo, estas últimas definições nos confirmam algumas informações para os termos, como apresentar as noções de que haja afixos⁴ e a de que o processo de formação de aumentativos se trata de uma derivação, conforme apresentado em Camara Jr. (1986[1973], p. 64)⁵, algo diferente do que podemos encontrar em relação ao que gramáticas escolares costumam expor.

Assim temos que os morfemas em *-ão*, ao serem chamados de sufixos de aumentativos, tem evidenciado neles a capacidade de gerar vocábulos que designam aumento dimensional do vocábulo base, quando muito traz uma noção de afetividade. Contudo ao buscar estudos de uso desses morfemas vemos que tratar o grau em PB somente nesse âmbito apresentado anteriormente mostra um tratamento diminuto em relação às suas funções.

Basílio (2004, p. 68), por exemplo, descreve o aumentativo como a “expressão de grau que se refere à dimensão maior do que o normal”, mas considera que haja funções expressivas ou denotativas do grau, sendo a função expressiva “para expressar subjetiva ou retoricamente o impacto da dimensão, excelência ou intensidade de algo” e a função denotativa para “designar um novo objeto, relacionado, porém distinto do que é denotado pela base, e caracterizado como de grande dimensão” (BASÍLIO, 2004, p. 68).

Rocha (1998, p. 198), por sua vez, trata os morfemas em *-ão* como “sufixo[s] de grau avaliativo” junto ao diminutivo, por considerar que há sempre uma relação de afetividade ao usar sufixos de grau, tratando de aumentativos e diminutivos juntos numa mesma classe de morfemas.

Rio Torto (1987, p. 161) define os aumentativos em *-ão* com a operação semântica “de intensificação ou de aumento de alguma ou de algumas das propriedades designadas pela base”, acrescentando que algumas das palavras formadas por tais aumentativos “relevam de factores de ordem referencial e/ou pragmática, sendo por isso

⁴ Logo, os autores consideram que haja tanto prefixos quanto sufixos em português que sejam de aumentativos, o que está implícito em Crystal (2000, p.35) e explícito em Dubois (1973, p.80), e que também é levantado no DEH, como vimos nas definições para a entrada “aumentativo” do dicionário.

⁵ Camara Jr. (2004[1970], p.82-83) já postula isso, afirmando que os sufixos de grau não apresentam características de flexão, mas de derivação.

significações imprevisíveis e idiossincráticas”. A autora também adiciona outros significados possíveis, alguns dos quais foram atestados nesta dissertação⁶, como:

- o que ela chama de “adjetivos deadjectivais”, que são definidos como “uma operação de intensificação da(s) propriedade(s) designada(s) pela base” (RIO TORTO, 1987, p. 162). A exemplo, pode-se citar “bonitão” que seria uma intensificação de “bonito”;
- produção de diminutivos (RIO TORTO, 1987, p. 162), como em “cordão”, que, salvo lexicalizações, seria uma corda pequena;
- o que ela chama de “adjetivos denominais”, “cujo significado pode ser descrito como ‘relativo a N_b[base nominal]’, ‘que possui propriedades sémicas que definem N_b’”(RIO TORTO, 1987, p. 164), como em “aldeão”, denominando “alguém relativo à aldeia”;
- o que ela descreve como sendo “*Nomina actionis*”, “que representam a nominalização do evento, da acção, do processo, do estado designado pelo verbo de base” (RIO TORTO, 1987, p. 166), podendo ou não ter uma noção de intensidade, como em “empurrão”, que seria “o ato de empurrar”; e, por fim;
- o que ela descreve como sendo “*Nomina agentis* deverbais”, que seriam “nomes que designam o responsável [±humano] pela execução da acção/ do processo verbal” (RIO TORTO, 1987, p. 166), podendo ou não ter uma noção de intensidade, como “brincalhão”, significando “aquele que brinca muito”.

Com base nos estudos apresentados, podemos afirmar que a profusão de funções e significados do morfema em questão, ainda que seja popularmente conhecido como um morfema de aumentativo, é algo próprio dele em PB. Tanto em dicionários escolares ou linguísticos, o termo “aumentativo” é descrito somente com a noção de dimensão, se não, com a noção de afetividade pejorativa, conforme é encontrado no quinto grupo da definição da entrada “-ão” no DEH, explanado anteriormente. Ainda assim, podemos encontrar vários outros significados e usos para o morfema *-ão*. Portanto, concluímos que chamar *-ão* de “morfema aumentativo” seja mais uma denominação que uma definição para o morfema.

⁶ O levantamento semântico feito para esta dissertação se encontra na Subseção 4.2.

1.2 Flexão ou derivação: sobre a natureza do processo morfológico dos morfemas em *-ão*

Encontramos comumente a expressão “Concordo com você em gênero, número e grau”, quando quem fala quer demonstrar que concorda totalmente com alguém. Embora leviana e sem muitos julgamentos quanto aos significados literais, essa expressão nos demonstra que popularmente se conhece o grau como um processo flexional (estando no mesmo grupo de flexões de gênero e número).

Tal conhecimento popular encontra apoio em muitas gramáticas escolares, contudo há certa confusão entre considerar o grau como um caso de flexão ou derivação como vemos a seguir:

- Em Cegalla (1973, p. 105, grifo nosso), temos que “Os substantivos **flexionam-se para indicar** o gênero, o número e **o grau**”, trazendo, portanto, a noção de que o aumentativo seja uma flexão e não uma derivação.
- Cunha e Cintra (2008) são dúbios quanto a isso e tratam as formações em *-ão* tanto como derivação (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 102), quanto como flexão, tratando a respeito do grau aumentativo no capítulo de flexão de substantivos (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 102).
- Bechara (2005, p. 140) afirma que o grau seria um processo derivativo, dizendo não ser flexão pelo fato de ele não ser “sistemático, coerente e obrigatório”.

Um dos pontos que podemos levantar para explicar tal confusão é o da cisão entre o que estudos linguísticos e a criação de normas de nomenclaturas gramaticais apresentam a respeito do grau em relação à flexão e à derivação.

Tal criação de normas está no projeto de *Nomenclatura Gramatical Brasileira* (NGB) publicado pela *Portaria nº 36, de 28 de Janeiro de 1959*, a qual recomenda “a adoção da Nomenclatura Gramatical Brasileira [...] no ensino programático da Língua Portuguesa e nas atividades que visem à verificação do aprendizado, nos estabelecimentos de ensino” (MINISTÉRIO ..., 1959, p. 1). Ali o grau se encontra como um processo flexional tanto de substantivos quanto de adjetivos junto das flexões de

gênero e número (MINISTÉRIO ..., 1959, p. 3), de acordo com que vimos em Cegalla (1973, p. 105) e em Cunha e Cintra (2008, p. 102).

Esta noção de que grau é uma flexão vem por influência da gramática clássica, que considerava que o grau “seria uma categoria gramatical, na medida em que expressaria um significado accidental” (BASÍLIO, 2004, p. 67).

Contudo, estudos linguísticos do PB apresentam outra ideia para o grau na língua. A princípio, a discussão da diferenciação entre derivação e flexão pode ser encontrada desde o latim, conforme Camara Jr. (2004[1970], p. 81-82). Naquela época,

o gramático latino Varrão (116 aC - 26 aC) distinguia entre o processo de *derivatio voluntaria*, que cria novas palavras, e a *derivatio naturalis*, para indicar modalidades específicas de uma dada palavra. (CAMARA JR., 2004[1970], p. 81).

Exemplificando os termos de Varrão, Camara Jr. (2004[1970], p. 81) afirma que:

Uma derivação pode aparecer para um dado vocábulo e faltar para um vocábulo congênere [...] Os morfemas gramaticais de derivação não constituem assim um quadro regular, coerente e preciso. Acresce a possibilidade de opção, para usar ou deixar de usar o vocábulo derivado. Foi ela [a opção] que sugeriu a Varrão o adjetivo **voluntaria**.

Temos aí, portanto, que a derivação não é obrigatória, diferentemente do que vemos na flexão ou, nos termos de Varrão, na *derivatio naturalis*.

Já na flexão há obrigatoriedade e sistematização coerente. Ela é imposta pela própria natureza da frase⁷, e é *naturalis* no termo de Varrão. É a natureza da frase que nos faz adotar um substantivo no plural ou um verbo na 1ª pessoa do pretérito imperfeito. (CAMARA JR. 2004[1970], p. 81,82).

Outro ponto para a diferenciação de flexão e derivação para o PB, segundo Camara Jr. (2004[1970], p. 82), seria a concordância, que vai marcar novamente a ideia de obrigatoriedade da flexão.

Com base nesta noção de regularidade trazida por Camara Jr. (2004[1970], p. 81), Rocha (1998, p. 199) diz que, “sob o ponto da regularidade, o grau do substantivo deve ser considerado, portanto, como flexão”, visto que, ao considerar os sufixos de grau como “sufixos de grau avaliativos”, admite uma regularidade sistemática, ao passo

⁷ É importante dizer que, aqui, entendemos “natureza da frase” num sentido meramente estrutural, em que há uma obrigação na concordância entre os termos da frase. O fato de se estar usando um determinado número ou gênero (ambos flexionais) é, na verdade, imposto pela semântica/pragmática do conteúdo que se quer enunciar.

que, “dado um substantivo, é possível constatar a existência do mesmo substantivo com a marca morfológica de grau” (ROCHA. 1998, p. 198), sendo esta marca tanto de diminutivo, quanto de aumentativo. Mas ainda admite que, por este mesmo critério de regularidade, separando o tipo de grau, teríamos que o diminutivo seria um caso flexional (por podermos encontrar para todo substantivo sua forma em diminutivo) e o aumentativo, derivacional (visto que não há esta regularidade para este tipo de formação) (ROCHA. 1998, p. 198). Por outros critérios, como o de concordância, não há como considerar tanto diminutivo quanto aumentativo como flexões (ROCHA, 1998, p. 225).

Em vista disso, temos que considerar uma série de outros critérios para chegar a uma conclusão mais clara. Em Laroca (2005, p. 16-19), por exemplo, são elencados cinco pontos que diferenciam flexão e derivação, ou, na denominação dela, “a morfologia flexional e a lexical” (LAROCA, 2005, p. 14), respectivamente. A seguir, os cinco pontos levantados:

- **Obrigatoriedade e previsibilidade:** neste ponto a autora segue o mesmo raciocínio que vimos em Camara Jr. (2004[1970], p. 82), o de que há uma obrigatoriedade na flexão. Portanto, esta seria algo previsível na frase. Laroca (2005, p. 16) apresenta a frase a seguir com lacunas e, como podemos perceber, um falante de português pode intuitivamente completar as lacunas, por conta da previsibilidade da flexão:

(1.1) “Antigamente nós dançá ___ n ___ velh ___ clube de noss ___ cidade.”
(LAROCA, 2005, p. 16)

Mas, ainda, nos é opcional usarmos derivações nessa mesma frase, que, por sua vez, não são previsíveis, como pode ser visto no exemplo da autora:

(1.2) “Antigamente nós dançávamos no **velhíssimo** clube de nossa cidade**zinha**.” (LAROCA, 2005, p. 16, grifo nosso)

- **Generalidade:** este ponto diz respeito à aplicabilidade da flexão e derivação. Flexões são aplicadas de maneira geral; assim, no exemplo de Laroca (2005, p. 17, grifo nosso) a seguir, vemos que o plural se aplica de maneira geral a todos os elementos concordantes entre si:

(1.3) “aqueles nossos brilhantes alunos japoneses”

Já na derivação, não vemos uma generalidade; há, sim, produtividade em alguns morfemas derivacionais, mas há também concorrência entre paradigmas derivacionais, ou lacunas nesses (LAROCA, 2005, p. 17).

- *-eza* concorre com *-idão* (LAROCA, 2005, p. 17), ambos trazendo a ideia de “qualidade de [adjetivo]”

(1.4) **certeza:** “**qualidade**, caráter ou virtude **do que é certo** ou considerado certo” (HOUAISS, 2001, n.p., grifo nosso)

(1.5) **sequidão:** “**qualidade**, estado ou condição **de seco**” (HOUAISS, 2001, n.p., grifo nosso)

- *-onho* possui lacunas (LAROCA, 2005, p. 17), visto que temos “tristonho”, mas não “alegrinho”.

- **Estabilidade semântica:** para este ponto, Laroca (2005, p. 17) mostra que as flexões têm estabilidade semântica, por não variarem seus sentidos conforme a formação se dá; em outras palavras, o morfema *-s* de plural sempre vai ter o significado de plural, não importando a base que flexiona, diferentemente da derivação, que pode variar o significado da palavra derivada, a depender da base ou do uso feito. O próprio *-idão*, tratado anteriormente, mostra esta variação de significado da derivação; pela noção

básica deste sufixo, teríamos que “**certidão**” significa “a qualidade daquilo que é certo”, sendo um sinônimo de “certeza”, mas, além deste significado, temos “documento com fé pública emitido por tabelião ou escrivão comprovando determinado evento” (HOUAISS, 2001, n.p.), mostrando que a derivação pode ter uma variação semântica, a depender do uso.

- **Grau de relevância semântica:** Nesse ponto, a autora (LAROCA, 2005, p. 18) diz que as flexões não alteram o significado das bases, só acrescentando significados gramaticais previsíveis morfossintaticamente, enquanto as derivações podem alterar:

(1.6) bravo / bravura (qualidade ou caráter de bravo)
bravo / braveza (ferocidade, coragem)
(LAROCA, 2005, p. 18)

- **Mudança de classe gramatical:** este ponto relaciona o fato de a flexão não conseguir mudar a classe gramatical da base que flexiona, enquanto a derivação pode fazer isso (LAROCA, 2005, p. 18).

(1.7) livro - livros
(substantivo) (substantivo)

cantar - cantávamos
(verbo) (verbo)
(LAROCA, 2005, p. 18)

(1.8) bravo - bravura
(adjetivo) (substantivo)

jogar - jogador
(verbo) substantivo
(LAROCA, 2005, p. 18)

Com base na Portaria apresentada e nos estudos citados, vemos que a normatização trazida pela NGB e as definições que linguistas trazem para estes termos divergem entre si e podem ser fruto desta confusão entre flexão e derivação trazida pelas gramáticas tradicionais, visto que nestas gramáticas, há a tendência de se seguir a NGB, por nela conter normas direcionadas ao ensino de português no Brasil, mas também tendem a ter como referência certos estudos, por neles haver análises de fenômenos linguísticos que se quer descrever.

Baseando-nos nos estudos expostos, concluimos que o grau dos nomes em PB, independentemente da confusão apresentada, seria de fato um caso de derivação, visto que:

- não desencadeia concordâncias: temos a frase “o menino levado”, mas é incomum e não obrigatório encontrarmos “o menino levado”, por exemplo.
- apresenta concorrência de formas: temos “o menino grande” e “o menino”, em outras palavras, uma forma analítica e outra sintética, respectivamente. Mesmo em formas sintéticas, encontramos concorrências como em “santão”, “santilão”, “santarrão”, etc.
- Não há uma estabilidade semântica (conforme pode ser visto na Subseção 4.2).
- Pode alterar o significado da base, ainda que não seja o comum, como em “santão”, que tem como base “santo”, mas, como significado, “falso beato”.
- Pode alterar a classe da base, como em “fujão”, que é substantivo, mas tem como base “fugir”, que é um verbo.

1.3 A flexão de gênero e número dos vocábulos derivados com os morfemas em *-ão*

Dito que o grau em PB é gerado por processos de derivação, há também de se descrever o fato de que os morfemas em *-ão* são passíveis de flexões de gênero e número:

- Cunha e Cintra (2008, p. 103) admitem a flexão de gênero, dizendo que “o gênero normal [dos aumentativos] é o masculino, mesmo quando a palavra

derivante é feminina”, mas “os adjetivos [derivados com *-ão*] fazem diferença entre o masculino e o feminino, diferença que, naturalmente, conservam quando substantivados”, mostrando a flexão de <ão> para <ona>. Posteriormente, dizem que, no grupo que “muda a terminação *-ão* em *-ões*” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 195), durante a formação de plural, estão todas as formas de aumentativos (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 196), admitindo, portanto, flexão de <ão> para <ões>.

- Cegalla (1973) não fala em flexões para o aumentativo, mas é interessante notar que <ona> se encontra entre os sufixos aumentativos na listagem feita pelo autor (CEGALLA, 1973, p. 120), indicando que a forma feminina não é considerada como uma flexão, mas como um sufixo próprio de aumentativo que tem gênero feminino.

Ainda que se considere que de fato os morfemas em *-ão* podem ser flexionados quanto ao número, o gênero é uma questão à parte e, com base nas gramáticas citadas, há a confusão entre duas possibilidades:

- as palavras formadas a partir dos morfemas em *-ão* podem ser flexionadas durante a formação.
- não há flexão de gênero em palavras derivadas com *-ão*, mas um morfema independente *-ona*.

Podemos encontrar em Camara Jr. (2004[1970], p. 90) uma análise na qual podemos reconhecer que o autor admite uma flexão de gênero em *-ão*:

O sufixo derivacional aumentativo /oN/ (no singular, concretamente -ão) transfere o travamento nasal posvocálico /N/ para a sílaba seguinte como consoante /n/, antes de acrescentar a desinência de feminino: valentão (/valeNtoN/) - valentona.

Tal análise foi *a posteriori* retomada por alguns estudiosos ao se tratar de flexão de gênero. Monteiro (2002, p. 83), por exemplo, reformula a descrição dos processos morfofonológicos feita por Camara Jr., dizendo que há o “desenvolvimento de uma consoante nasal /n/ antes do acréscimo da desinência, quando [ão] for um sufixo de aumentativo. Ex: valentão → *valentõe → valentõ → valenton+a”.

Já em Costa (2016, p. 60), encontramos uma análise a partir da alomorfa no radical derivacional das palavras formadas com os morfemas em *-ão*; assim,

“valentão” teria a possibilidade de assumir o alomorfe de radical “valentô” durante a flexão de gênero, gerando “valentona” ao fim do processo.

Para esta dissertação, consideraremos que há flexão de gênero para as formas geradas a partir da sufixação com *-ão*, visto que:

- ainda que estruturalmente diferentes⁸, a nasalidade se faz presente;
- a terminação <a> de <ona> pode remeter diretamente à marca de gênero feminino; e, por fim,
- o gênero é a única diferença aparente, no que se diz respeito ao significado, preservando-se, portanto, os significados que podem ser trazidos pelo morfema de aumentativo *-ão* após a flexão.

1.4 Considerações finais

Como mostrou esta seção, a expressão “morfema de aumentativo” é antes de tudo uma designação de *-ão* e é errôneo pensar que ela o define completamente, visto que as definições de “aumentativo” fazem menção prioritariamente à dimensão da palavra formada. Vimos também que o grau, apesar de a literatura gramatical tradicional não ser tão clara a respeito, deve ser considerado como uma derivação, visto que as definições de flexão, de que esta se trata de algo sistemático e obrigatório, não abarcam o uso do grau aumentativo em PB. Por fim, foi levantada a possibilidade de flexões de gênero e número para as formações em *-ão*, sendo a mudança de <ão> para <ões> e, de <ão> para <ona> claramente flexões de número e de gênero, respectivamente.

⁸ O morfema *-ão* é composto por um ditongo e a forma feminina é composta por duas sílabas. Portanto, temos a forma masculina “barrigão”, na qual o morfe {-ão} é um ditongo compondo uma só sílaba, enquanto na forma feminina “barrigona”, temos o morfe {-ona} composto por duas sílabas.

2 SUBSÍDIOS TEÓRICOS

Nesta seção, buscamos delimitar e explanar as teorias e conceitos que embasam este trabalho.

Na Subseção 2.1, descrevemos o que são os MFnL desde sua formação a partir das críticas à Fonologia Gerativa Padrão até o surgimento e propagação da Teoria da Otimidade, para assim focar em dois modelos dentre os MFnL mais importantes: O modelo de Fonologia Lexical, por nos permitir uma melhor compreensão da hierarquização dos processos morfológicos e fonológicos desencadeados durante a formação de palavras; e o modelo de Geometria de traços, por facilitar a representação de processos fonológicos nos permitindo demonstrar como tais processos se dão e onde atuam especificamente.

Na Subseção 2.2, fazemos um panorama dos estudos de acento em PB, a fim de explicar conceitos e noções que foram caras para as análises dos dados como a noção de extrametricidade⁹ e de peso silábico¹⁰.

Na subseção 2.3, apresentamos os conceitos e noções sobre morfologia nos quais nos balizamos para tecer as considerações sobre as formações e processos dos dados coletados. Expomos nesta seção estudos que discursaram sobre morfemas, raízes, radicais, temas, entre outros conceitos e com base na discussão destes estudos pudemos chegar a um entendimento de como defini-los para realizar as análises morfológicas desta dissertação.

Para então finalizar a seção com uma síntese do que foi nela discutido e dos posicionamentos assumidos para a análise, com base nas teorias que foram apresentadas.

⁹ Esta noção nos possibilitou compreender o que permitia que certos dados possuíssem alomorfes de radical mais marcados usados durante a formação com *-ão*, a despeito do alomorfe de radical menos marcado. Como exemplo, a base “nuvem” gera a forma “nuvarrão”, que faz uso do radical [nuv-] em vez do esperado [nuvem-]. Teorizamos na Subseção 4.1.5 que esse radical mais marcado é gerado devido a extrametricidade do segmento /N/ da palavra “nuvem”, permitindo o apagamento deste segmento em produções mais marcadas

¹⁰ A noção de peso silábico nos permitiu explicar o deslocamento de acento que as formações com os morfemas em *-ão* geram em relação a sua base. Assim sendo, ao final dos processos independentemente da posição do acento primário da base, sempre são formadas palavras oxítonas, devido ao caráter pesado que o ditongo nasal empresta às sílabas finais da palavra derivada.

2.1 Fonologia não linear: das críticas à Fonologia Gerativa Padrão ao advento da Teoria da Otimalidade

Para realizar as análises fonológicas dos dados, delimitamos os Modelos de Fonologia não linear, em especial o modelo de Fonologia Lexical introduzido nos trabalhos *From Cyclic Phonology to Lexical Phonology*, de Kiparsky (1982), e *The Theory Of Lexical Phonology*, de Mohanan (1986), por ser, entre os modelos não lineares, aquele que melhor trabalha com questões de formação de palavras¹¹.

Os MFnL começam a surgir a partir da década de 80 como críticos às análises da Fonologia Gerativa Padrão baseadas no *The Sound Pattern of English* (SPE) de Chomsky e Halle (1968). Como precursora dos modelos não lineares, pode ser citada a Fonologia Gerativa Natural (FGN), “um movimento iniciado por Hooper e Vennemann que resultou numa grande quantidade de trabalhos descritivos e teóricos durante os anos 70 e começo dos 80”¹² (DURAND, 1990 p. 134)¹³, surgiu como “uma forte reação” que “apareceu contra análises do estilo das do SPE” (DURAND, 1990 p. 134)¹⁴.

Com estas primeiras críticas da FGN, modelos independentes começaram a surgir, cada um deles discutindo um aspecto da fonologia, buscando refinar ou revolucionar o que foi proposto pelo SPE. Assim, em conjunto, tais modelos formaram o que se chama hoje de Modelos não lineares.

O nome “não lineares” vem da tendência destes modelos fonológicos em hierarquizar os elementos trabalhados — diferentemente do que se via desde o estruturalismo, com a linearidade dos fonemas representados um atrás do outro até o SPE, com as matrizes de traços formando feixes que designavam um fonema. Desse modo, como vemos em Goldsmith (1990, p. 8), nestas teorias “as unidades de som

¹¹ Apesar de os MFnL serem atualmente considerados por alguns como ultrapassados, sendo a Teoria da Otimalidade (TO) a mais difundida hoje, esta dissertação buscou utilizar aquela em vez desta por ainda serem teorias produtivas e que dão campo para pesquisa. Consideramos que os MFnL acabaram tendo seu poder explicativo pouco explorado, talvez pelo aparecimento e pela concorrência da TO. A Fonologia lexical é, ao nosso ponto de vista, a melhor teoria para embasar pesquisas em que a interface entre fonologia e morfologia se faz presente, por permitir que se trabalhem tanto os processos morfológicos quanto os fonológicos, explicando como se dá a concatenação entre eles, hierarquizando-os. Ainda que seja possível em TO trabalhar questões morfológicas e fonológicas, a concatenação entre uma e outra, que é buscada neste trabalho, não fica de todo clara, por a teoria avaliar os dados com a ideia de processamento conjunto para que um candidato ótimo seja escolhido e não algo processual, como é na Fonologia Lexical.

¹² As traduções feitas por nós, para melhor redação no corpo do texto, terão notas de rodapé com o texto original.

¹³ “a movement spearheaded by Hooper and Vennemann which spawned a great deal of descriptive and theoretical work during the 1970s and early 1980s”.

¹⁴ “a strong reaction took place against SPE-type analyses”.

distintivas ou fonemas de uma língua são blocos de construção que ocorrem em uma linha, nunca uma em cima de outra ou sobrepondo-se”.¹⁵

Os principais MFnL são:

- A **Fonologia Autossegmental**, que trabalha e refina os traços distintivos do SPE, com estes traços sendo analisados em um ou mais planos, mostrando que há uma espécie de hierarquia entre eles. Desta teoria foi elaborada posteriormente a **Geometria de traços**, que desenvolve melhor a ideia de hierarquização dos traços por meio de árvores com nós que hierarquizam e agrupam os traços em classes.
- As **Fonologias Métrica e Prosódica**, que vão representar as questões métricas da fonologia como acento, ritmo, tom, etc., hierarquizando os elementos métricos.
- E, por fim, a **Fonologia Lexical**, que ficou responsável por descrever as interações entre morfologia e fonologia, de modo a mostrar como se dá a formação de palavras a partir do léxico não-derivado.

Com a chegada dos anos 90, surgiu a que seria “A Teoria Linguística dos anos 90” (ARCHANGELI, 1997, p. 1)¹⁶: a Teoria da Otimalidade (TO). McCarthy (2008, p. 1) admite como início dessa teoria a divulgação de fotocópias de um manuscrito que tinha por autores Alan Prince e Paul Smolensky chamado *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar* e teria surgido como uma crítica às Teorias fonológicas derivadas do SPE e às regras de derivação destas. Em Prince e Smolensky (2004, p. 2), temos que a ideia básica explorada pelos autores é que a “Gramática Universal consiste de um grande número de restrições de boa formação representacional, das quais gramáticas individuais são construídas”¹⁷.

Com o advento da TO, que “cresceu tremendamente [...], e está vindo para dominar o mundo da pesquisa linguística” (ARCHANGELI, 1997, p. 1)¹⁸, teorias anteriores, como os MFnL, passaram a ser menos propagadas, não por uma ou outra ser

¹⁵ “the distinctive sound-units or phonemes of a language are building-blocks which occur in a row, never one on top of another or overlapping”.

¹⁶ “THE Linguistic Theory of the 1990s”.

¹⁷ “Universal Grammar consists largely of a set of constraints on representational well-formedness, out of which individual grammars are constructed”.

¹⁸ “Research in Optimality Theory [...] has grown tremendously ever since, and is coming to dominate the world of linguistic research”.

a melhor ou até por estas teorias estarem ultrapassadas, mas pelo sucesso da TO e a maior divulgação recente desta em relação àquelas.

2.1.1 *A Fonologia Lexical: a estrutura interna das palavras e hierarquizações de processos morfofonológicos*

A Fonologia Lexical é o MFnL responsável pela descrição e explicação dos fenômenos morfofonológicos de uma língua. Kiparsky (1982, p. 131) apresenta a teoria como “uma convergência de muitas linhas de pesquisa originalmente independentes”¹⁹ e diz que “quando estas ideias são postas juntas e desenvolvidas em uma certa direção, elas explicam uma série de propriedades de regras fonológicas e suas relações com morfologia e léxico”.²⁰

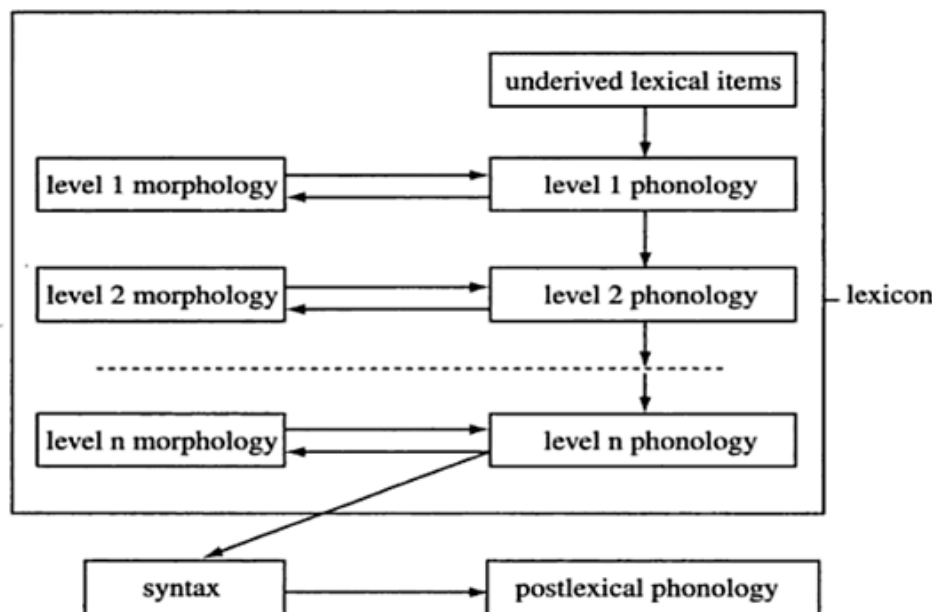
Tal teoria se constrói por meio de hierarquização de processos expostos em quadros que vão considerar uma série de n-níveis²¹, nos quais os itens não derivados do léxico, morfemas ou palavras lexicalizadas, passam por processos morfológicos estritos para cada camada, a fim de fazer a formação de palavra necessária no estrato em que se encontram. Logo após cada processo morfológico, processos fonológicos acontecem para adequar a palavra em formação aos padrões da língua dada. Por fim, após a passagem da palavra por todos os processos, ela sai pronta para a sintaxe no nível pós-lexical, onde ainda podemos encontrar regras fonológicas conforme demonstrado a seguir (KIPARSKY, 1982, p. 132):

¹⁹ “a convergence of several originally independent strands of research”.

²⁰ “When these ideas are put together, and developed in a certain direction, they explain a series of properties of phonological rules and their relation to morphology and the lexicon”.

²¹ Sendo “n” diferente para cada língua.

(2.1)



Tendo isso em consideração, vemos em Mohanan (1986, p. 5) que a raiz deste MFnL está em distinguir as regras entre aquelas que ocorrem no léxico, para formar as palavras, e aquelas que ocorrem fora dele, com a palavra já formada. Assim, as regras ocorridas no léxico geram fonemas a partir de fonemas (da estrutura profunda à superficial) e as ocorridas fora dele geram a forma fonética a partir da forma fonêmica (MOHANAN, 1986, p. 6). Distinguindo estes dois tipos de regras, temos que elas em si não são diferentes, mas suas aplicabilidades é que o são, como pode ser visto em Hernandorena (1999, p. 73):

- Temos as **regras lexicais**, que podem ser cíclicas (podem se repetir ao longo dos níveis lexicais); permitem exceções; ocorrem no interior das palavras para adequá-las aos padrões fonológicos da língua que está sendo trabalhada — seguem, portanto, o Princípio de Preservação da Estrutura (*Structure Preservation Principle, SP*)²² —; são intuitivas aos falantes nativos; quando cíclicas seguem a Condição de Ciclo Estrito (*Strict Cycle Condition, SCC*)²³; e
- O das **regras pós-lexicais**, que não são cíclicas (não podendo ser repetidas ao longo dos processos pós-lexicais); ocorrem nos limites de palavras por

²² O SP estabelece que certas regras só podem ser aplicadas caso não resultarem em formas imprevistas pelo sistema.

²³ A SCC limita as regras cíclicas à formação de palavras ou a formas resultantes de derivações morfológicas ou fonológicas. Desse modo, certas regras só ocorrem com formas derivadas e são bloqueadas em formas não-derivadas.

motivos diversos (como preservação da curva melódica, eufonia, variação da velocidade de fala, entre outros); não respeitam o SP; não são facilmente recuperadas intuitivamente pelo falante nativo; e não obedecem a SCC, podendo atuar em formas tanto derivadas quanto não derivadas.

Além do SP e da SCC, outras duas condições são levantadas e que nos ajudam a entender o funcionamento da teoria:

- *Bracketing Erasure*: diz que as juntas internas de palavras (que podem ser representadas por parênteses) são apagadas ao final de cada nível, significando que regras de níveis posteriores que acontecem na junta interna de palavras não se aplicam àquelas apagadas no nível anterior.
- *Elsewhere Condition*: explica o bloqueio de certas regras quando outra anterior ocorre. Devido a essa condição, durante a formação de uma palavra, uma regra B só pode ser aplicada caso anteriormente uma regra A não tenha sido.

Além disso, é importante dizer que a Fonologia Lexical trabalha, como pode ser visto em Mohanan (1986, p. 7), com a aplicabilidade das regras e não com as regras *per se*. Tendo isso em consideração, para descrevê-las, é necessário se apoiar em outras metodologias, para então mostrá-las sendo aplicadas nos estratos compostos na Fonologia Lexical.

Para o PB, este MFnL em específico foi amplamente trabalhado na tese de doutorado de Lee (1995), que apresenta uma análise por este modelo para a língua, além de mostrar a aplicação dele para os casos de variação nas vogais médias, das nasais e a simplificação das geminadas de /S/ e /N/ na formação de palavras. Tal análise, proposta por Lee (1995, p. 11), conta com três níveis, sendo dois lexicais — níveis α e β — e um pós-lexical — nível da palavra fonológica (ω):

- Em α são encontradas as regras morfológicas relacionadas com os processos de derivações mais comuns; com um grupo de composições designadas na tese como Composição I, que incluem compostos que podem sofrer derivação, como “puxa-saco”/“puxa-saquismo”; e com as flexões irregulares de verbos.

- Em β , vemos regras morfológicas voltadas aos processos de flexões regulares dos verbos e não verbos; e aos casos de formação produtiva, “como as formações de diminutivo (-inho, -zinho), advérbio (-mente) e grau (-íssimo)” (LEE, 1995, p. 12).
- Por fim, no nível da palavra fonológica (ω), encontramos a saída para a sintaxe, ou seja, onde as regras pós-cíclicas vão ocorrer com a palavra fonológica já pronta. Os compostos realizados com os processos de Composição II acontecem neste nível, visto que os resultados destes processos contam com duas ou mais palavras fonológicas já formadas nos estratos lexicais, criando um bloco delas.

Em relação aos morfemas enfocados nesta dissertação, podemos ver que são próximos daqueles enquadrados como “formação produtiva”, ainda que Lee (1995, p. 12) só tenha colocado neste grupo o diminutivo, advérbios de modo e superlativo.²⁴ Para descrever estes casos, o autor se alonga na descrição do diminutivo (LEE, 1995, p. 75).

Nota-se na análise de Lee que ele considera para o grau diminutivo dois morfemas, *-inho* e *-zinho*. Primeiramente, diferencia os morfemas em relação ao item derivado por ele, sendo que “-inho é afixado a uma forma não verbal contendo marcador de palavra” (“casa”/”cas**inha**”), enquanto “-zinho é afixado à palavra sem o marcador de palavra”, além de ser afixado em “palavras proparoxítonas e nas palavras que terminam em sílaba pesada” (LEE, 1995, p. 75, grifo do autor) (“café”/”cafe**zinho**”; “lâmpada”/”lampada**zinha**”; “mar”/”mar**zinho**”).

Do ponto de vista métrico, Lee (1995, p. 78) mostra que *-inho* se comporta como um sufixo e *-zinho* como um composto, mas, comparando o primeiro a outros sufixos, vemos que ele não sofre a aplicação de certas regras comuns a processos derivacionais, como a mudança de qualidade vocálica da vogal média da base (“v[ϵ]lho”/”v[**e**]lhice” se contrapondo a “v[ϵ]lho”/”v[ϵ]lh**inho**”). Mesmo *-zinho* não se comporta de todo como um composto, visto que enquanto há um amálgama entre a marca de plural e a primeira consoante de *-zinho* (“hotel**zinho**”/”hote**izinhos**”), este amálgama não acontece em

²⁴ Contudo, ainda, ver o grau diminutivo e o grau superlativo nesta categoria é mais um ponto de proximidade entre os casos de formação produtiva de Lee (1995) e os morfemas em *-ão*.

demais casos de composto com o mesmo contexto (“médico-cirurgião”/”médicos-cirurgiões”).²⁵

Assim, o autor postula que ambos ocorrem no nível β como “formação produtiva”, por acontecerem posteriormente às derivações do nível α e anteriormente às composições do nível ω , caracterizando este grupo a partir dos seguintes pontos (LEE, 1995, p. 81):

- Os morfemas deste grupo não causam alteamento de vogais médio-baixas em posição alta ao fim da sufixação.
- Têm propriedades morfológicas semelhantes, mas podem ter uma distribuição de sufixação determinada fonologicamente (como se comportar mais como um sufixo ou mais como um composto).
- Já vêm acentuados do nível α (nível em que ocorre a acentuação de não verbos).

Por conseguinte, consideramos aqui que os morfemas em *-ão* fazem parte deste grupo, por atender pelo menos à primeira condição, que, por sua vez, é a que mais diferencia os sufixos de “formação produtiva” e os demais.

Com relação à segunda condição, não encontramos na coleta casos como *-zinho*, em relação à semelhança das formações com este e compostos em PB, nem mesmo em dados que tenham a forma <zão>, buscando por uma comparação. Contudo, esta semelhança com as formas compostas só é encontrada em *-zinho* e *-mente* e não em *-inho* e *-íssimo* (LEE, 1995, p. 77); portanto, *-ão* se assemelha aos dois últimos, podendo, ainda, ser enquadrado como “formação produtiva”.

Já na questão de acentuação, vemos que Lee (1995, p. 81-82) admite que os sufixos de “formação produtiva” já vêm acentuados do nível α , por considerar que em PB o domínio do acento é o radical, ou seja, um item lexical. Com base nisso, tais sufixos poderiam já vir acentuados do nível α , visto que são itens lexicais que derivam formas em não verbos.

Contudo, para esta dissertação, como veremos na Subseção 2.2, admitimos que a acentuação das formas com *-ão* é feita ao fim da formação, por acreditarmos que o

²⁵ Nos exemplos, vemos o segundo preservando a marca de plural {-s}, mesmo diante de uma consoante homorgânica, enquanto no primeiro esta marca de plural não é preservada.

domínio do acento primário é a palavra fonológica, e devido ao fato de estas formas configurarem derivações (ainda que diferenciadas das demais derivações) e não compostos.

Por fim, para esta dissertação, apresentaremos as análises pela Fonologia Lexical, com base nos níveis e estratos propostos por Lee (1995), distanciando-nos, porém, de sua proposta, principalmente em relação ao acento principal das palavras formadas.

2.1.2 A Geometria de traços: a estrutura interna dos segmentos e a hierarquização de traços distintivos em árvores

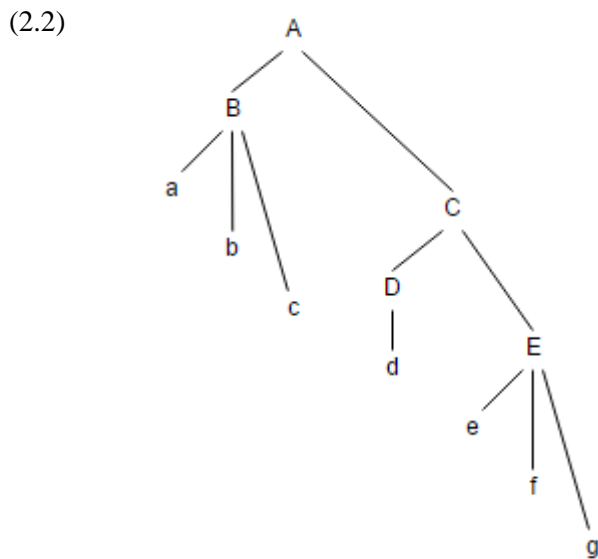
Das teorias responsáveis por descrever as regras aplicadas aos segmentos e sua estrutura, a Geometria de traços sem dúvida é a de mais peso entre aquelas que compõem os MFnL.

Sendo uma teoria Autossegmental, a Geometria de traços é guiada por alguns dos pressupostos daquela, como:

- não haver uma relação de um-para-um entre segmento e seus traços, significando que “os traços podem se estender além ou aquém de um segmento” (HERNANDORENA, 1999, p. 45), e a possibilidade de os traços não desaparecerem por completo quando o segmento ao qual se ligava for apagado.
- o segmento tem uma estrutura interna hierarquizada na qual os traços se ordenam. Isso traz para as teorias autossegmentais não só uma questão representacional, mas a possibilidade de mostrar com estas representações se os traços funcionam isoladamente ou em conjunto nas regras representadas (HERNANDORENA, 1999, p. 45).

Como exposto, nas representações de Geometria de traços, encontramos esta estrutura hierarquizada dos traços de um segmento, com eles dispostos em árvores com nós intermediários e finais, sendo os primeiros destinados às classes dos traços e os últimos, aos traços em si. Com esta representação é possível, segundo Clements e Hume (1995, p. 249), agrupar “traços que regularmente funcionam em conjunto como uma

unidade nas regras fonológicas”²⁶. Desse modo, teríamos uma representação como a do exemplo a seguir, encontrada em Clements e Hume (1995, p. 249):



Nesta representação, temos que toda a árvore parte de um nó raiz *A*, que se ramifica em nós intermediários a cada camada, com os nós *B* e *C* sendo subordinados a *A*; e *D* e *E* sendo subordinados a *C*. Como dito, estes nós intermediários são responsáveis por agrupar os traços em classes de acordo com a possibilidade de funcionarem em conjunto nas regras fonológicas. Assim, os nós terminais são estes traços com *a*, *b* e *c* sendo agrupados na classe *B*, *d* pertencendo à classe *D* e *e*, *f* e *g*, à *E*.

Com isso, pode-se criar certas condições para as representações e regras como estas a seguir:

(2.3) “Regras fonológicas realizam somente uma operação” (CLEMMENTS; HUME, 1995, p. 250).²⁷

(2.4) “A organização de traços é determinada de maneira universal” (CLEMMENTS; HUME, 1995, p. 250).²⁸

²⁶ “features that regularly function together as a unit in phonological rules”.

²⁷ “Phonological rules perform single operations only.”

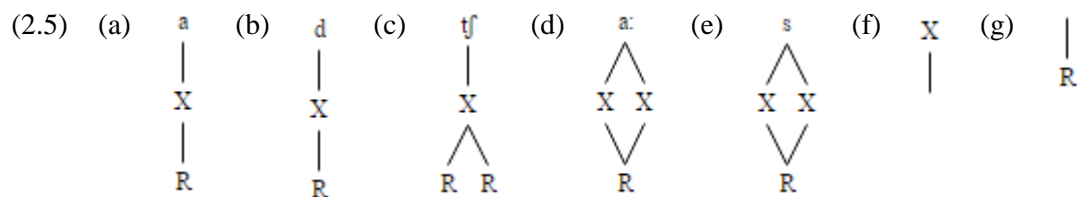
²⁸ “Feature organization is universally determined.”

Na condição apresentada em (2.3), temos que uma regra fonológica não pode alterar mais de um traço, exceto quando tais traços são subordinados a um mesmo nó intermediário, visto que a regra poderia ser aplicada ao nó e não aos traços individualmente. Para (2.4), temos que a hierarquia das classes e traços é universal e não varia de língua a língua, impedindo que se criem regras *ad hoc* para satisfazer idiosincrasias e, segundo os autores, “há muita razão em acreditar que a organização dos traços seja universal, visto que o mesmo grupo de traços é encontrado a cada língua” (CLEMENTS; HUME, 1995, p. 250).²⁹

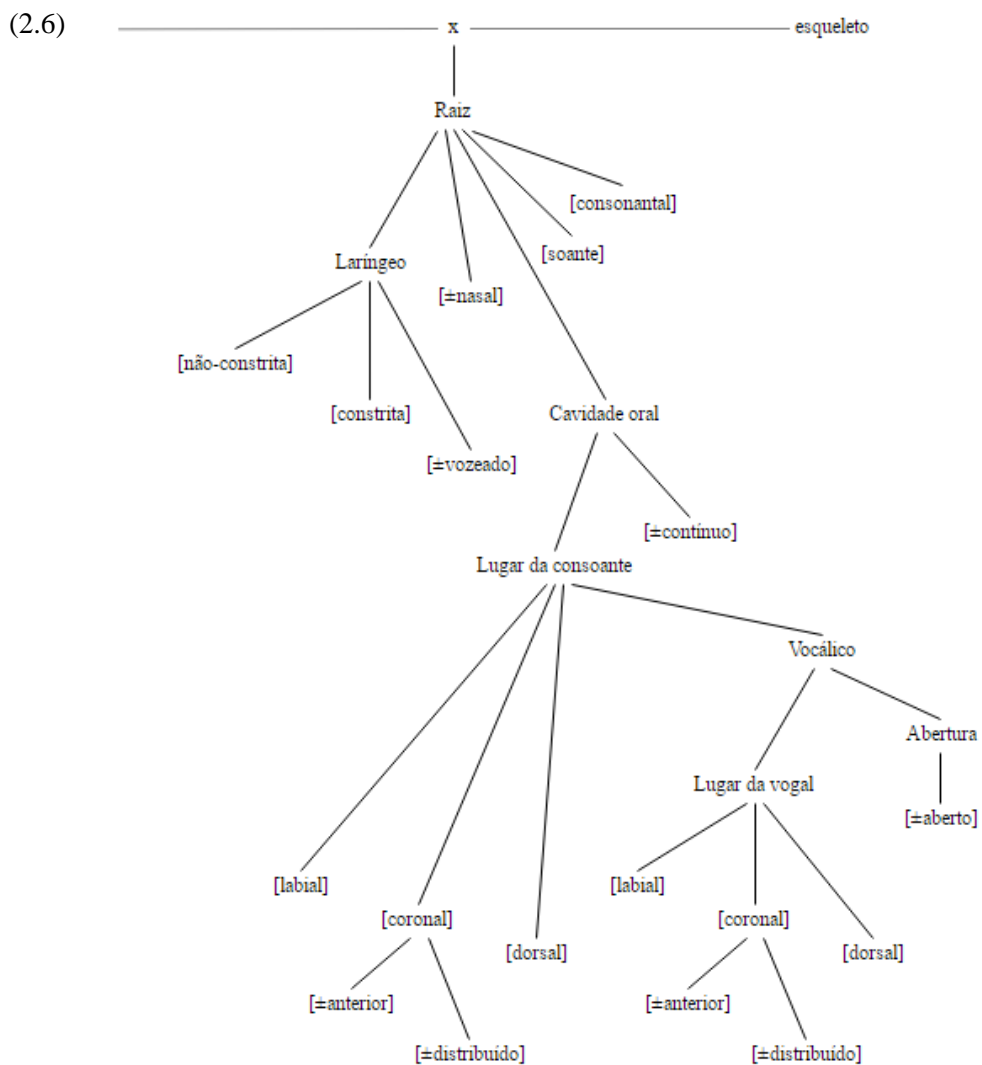
Ainda sobre a representação em (2.2), deve-se considerar uma unidade temporal dominando o nó raiz; tal unidade (também conhecida como esqueleto ou linha prosódica) serve para indicar a quantas unidades de tempo um feixe de traços está ligado ou mesmo o contrário, e cada representação depende de considerarmos este número. Hernandorena (1999, p. 48) apresenta esta diferenciação da seguinte forma:

- uma unidade de tempo dominando um nó raiz pode representar vogais (2.5 a) ou consoantes (2.5 b) simples numa noção bijectiva;
- uma unidade de tempo dominando dois nós raiz pode representar consoantes de contorno, como africadas (2.5 c);
- duas unidades de tempo dominando um nó raiz pode representar vogais longas (2.5 d) ou consoantes geminadas (2.5 e);
- uma unidade de tempo que não domina nós raiz representa uma unidade flutuante (2.5 f) que pode ser ligada ou não a algum nó durante a derivação, caso não, esta unidade é apagada ao fim da derivação;
- um nó raiz não dominado por algum nó de tempo é um nó flutuante (2.5 g) que pode ser ligado ou não a algum outro nó, caso não, este nó flutuante deve ser apagado ao fim da derivação.

²⁹ “there is much reason to believe that feature organization is universal, since the same feature groups recur in language after language”.

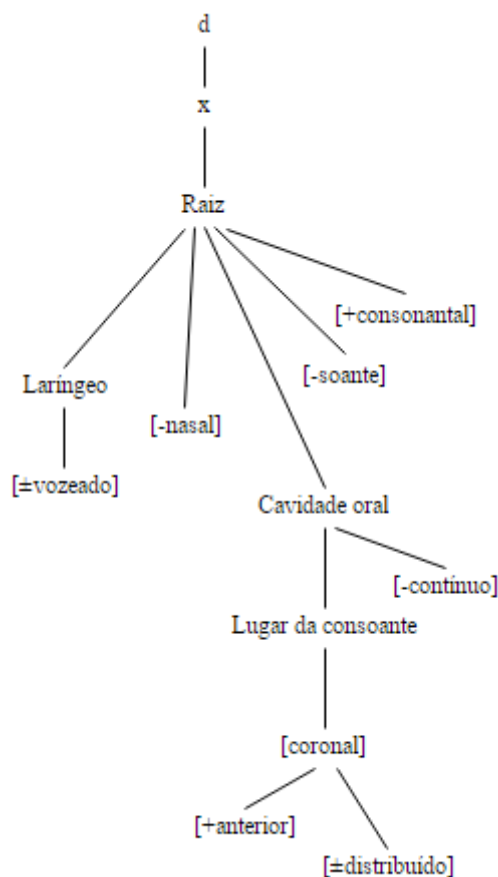


Assim, Clements e Hume (1995, p. 292) apresentam duas geometrias de traços em sua teoria, uma ligada à unidade de tempo de consoantes e outra à unidade de tempo de vogais, sendo a única diferença entre uma e outra os nós a partir do nó “Ponto de C” e, devido a estas semelhanças, Cagliari (2002, p. 126) apresenta uma adaptação que une as duas geometrias, que é a que vemos a seguir:



Assim, a partir desta árvore, qualquer segmento pode ter sua geometria representada e regras que se aplicam a um traço ou nó de classe podem ter sua atuação representada. A seguir, apresentamos um exemplo da autossegmentação dos traços do fonema /d/, com base em Hernandorena (1999, p. 50):

(2.7)



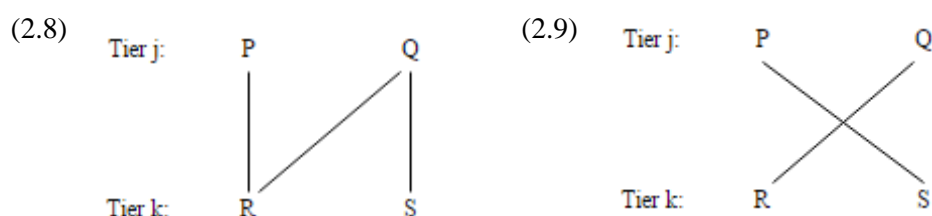
Uma série de processos, como desassimilação, inserção, apagamento, harmonia vocálica, entre outros, podem ser descritos pela geometria de traços, segundo Cagliari (1997, p. 20), entre os quais os seguintes processos, principalmente:

- assimilação ou espraiamento: ocorridos quando um traço ou nó de classe de determinado segmento se liga à árvore de um segmento adjacente. Esta ligação é representada com linhas de associação pontilhadas.
- desligamento: quando um segmento perde um traço ou nó de classe. Este desligamento é representado com um corte na linha de associação que liga o traço ou nó de classe a ser desligado e o restante da árvore.

- fissão: um nó raiz se ramifica em duas árvores ou uma nova unidade de tempo aparece no esqueleto.
- fusão: duas unidades de tempo são ligadas a um único nó raiz.

Por fim, para as regras e processos desta teoria serem considerados bem formados, os seguintes princípios e condições devem ser cumpridos:

- Princípio de não-cruzamento de linhas de associação (*No-Crossing Constrains*, NCC): tal princípio impede formações que gerem cruzamento de linhas de associação ao ligar dois elementos de uma camada com outros dois de outra camada. Nos exemplos a seguir, encontrados em Clements e Hume (1995, p. 266), temos uma ligação possível em (2.8) e outra impedida pelo princípio em (2.9):



- Princípio do contorno obrigatório (*Obligatory Contour Principle*, OCP): com este princípio, formas adjacentes com elementos idênticos são proibidas. Clements e Hume (1995, p. 262) indicam que, quando uma derivação apresentar formas adjacentes semelhantes, é necessária a atuação de regras que adêquem a formação, a fim de que ela não viole o princípio, como uma regra de fusão ou desassimilação.
- Restrição de ligação: este princípio diz que “as linhas de associação em descrições estruturais são interpretadas exhaustivamente”³⁰ (HAYES, 1986, p. 331).

Por fim, estes são os pressupostos da teoria de Geometria de traços que embasaram algumas das regras que representam e explicam a formação dos dados coletados para este trabalho, facilitando a representação da atuação e seu local nas regras.

³⁰ “Association lines in structural descriptions are interpreted as exhaustive”.

2.2 O acento em PB

Nesta subseção, buscamos explicitar, por meio de estudos de MFnL, em especial a Fonologia Métrica, como se dá o fenômeno do acento em PB. Primeiramente, expomos como esses estudos tratam do acento para depois mostrar seu funcionamento na língua.

As representações na Fonologia Métrica se iniciaram por meio de árvores com nós representando os elementos prosódicos e as camadas que estes dominavam. Nestes nós, as relações de proeminência eram marcadas por meio de um *s* (*strong*/forte) para as sílabas mais proeminentes e um *w* (*weak*/fraco) para as sílabas menos. Contudo, com as discussões sobre ritmo sendo trazidas para os estudos desta teoria, representações usando grades passaram a aparecer (COLLISCHONN, 1999a, p. 125).

Neste modo de representar as proeminências dos elementos métricos, temos que uma língua deve fazer três escolhas para construir as proeminências: uma quanto à ordem da construção, que pode ser da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita; outra relacionada à quantidade de sílabas nos constituintes, que podem ser binários (duas sílabas), ternários (três sílabas) ou ilimitados; e a última relacionada à posição do cabeça do constituinte (sílabas mais proeminente), podendo ser à direita ou à esquerda. Em Massini-Cagliari (1999, p. 78), encontramos a seguinte representação com uma construção da direita para a esquerda com constituintes binários e cabeça à esquerda:

(2.10) (*)
 (*) (*)
 (*) (*) (*) (*)
 (* .) (* .) (* .) (*) (*) (* .)
 U ni ver si da de de Cam pi nas

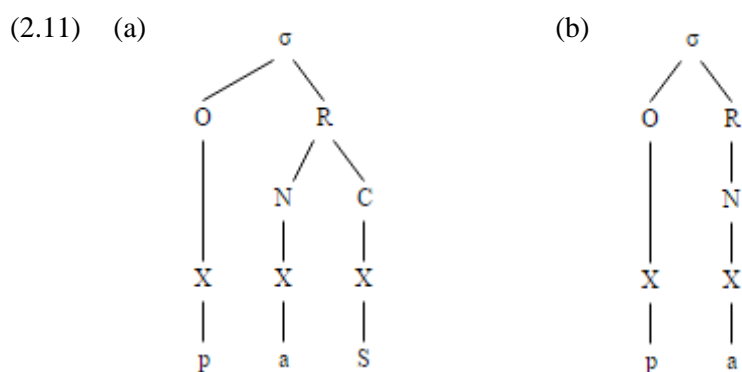
É importante notar, na representação do exemplo (2.10), que, embora a construção tenha sido feita com constituintes binários, as sílabas <Cam> de “Campinas” e <de> do clítico “de” ficaram sozinhas em um constituinte. A tal má formação de constituintes se dá o nome de degenerados (mal formados), por não haver sílabas à

esquerda, na palavra fonológica, que os completam, algo perfeitamente cabível na teoria, segundo Halle e Vergnaud (1987, p. 121).

Outra noção que tomou importância nos estudos de acento pela Fonologia métrica foi a de extrametricidade. Hayes (1982, p. 227) admite que uma sílaba é considerada extramétrica quando “ela é ignorada pela regra de acento, isto é, quando ela é tratada como se não estivesse lá”³¹. A extrametricidade é representada por meio de colchetes angulados. Um exemplo clássico deste fenômeno é o fato de o latim nunca receber acento na última sílaba, conforme Hayes (1995, p. 91), significando que ela é invisível à regra do acento, sendo assim extramétrica.

Além desta noção, o peso da sílaba também é algo importante e deve ser levado em consideração numa análise métrica, visto que há línguas que são sensíveis ao peso e outras que não, em relação a regras de posição do acento.

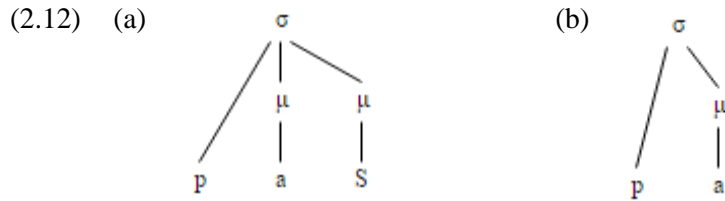
Temos em Collischon (1999b, p. 95), que uma sílaba pesada é aquela que possui uma ramificação na rima ou até quando no núcleo há uma vogal longa, enquanto a leve só possui o núcleo com uma vogal simples, conforme vemos nas árvores silábicas da palavra “paz” (2.11 a), como exemplo de sílaba pesada, e da primeira sílaba de “pato” (2.11 b)³², como exemplo de sílaba leve, representadas a seguir:



³¹ “it is ignored by the stress rules; that is, treated as if it were not there”.

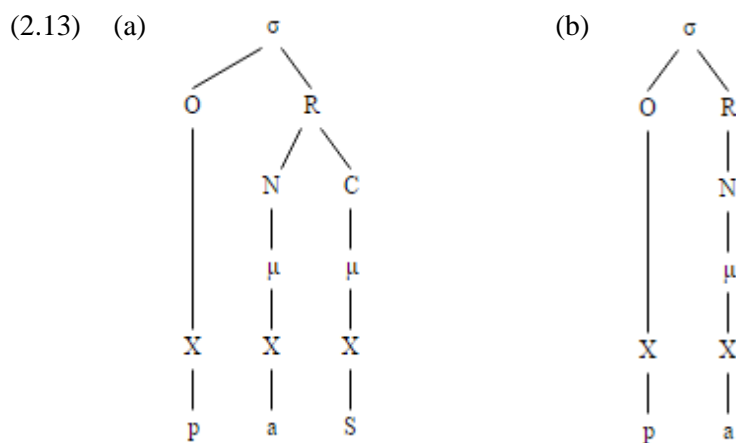
³² Representamos o nó terminal da estrutura silábica com “X” por considerar que neste nível o segmento não é especificado, conforme a teoria X-slot. Em Levin (1985, p.29), pode ser encontrada uma extensa discussão sobre o uso do sistema X-Slot em comparação ao uso do sistema C ou V-slots, marcando que esta não especificação no esqueleto é interessante, por permitir melhores representações de análises.

Em Hyman (1985), encontramos, por sua vez, uma representação para o peso silábico com base no conceito de mora (μ) cunhado por Trubetzkoy (1939). Nesta representação, o autor usa a mora para indicar o peso silábico, atribuindo uma mora para o núcleo da sílaba (uma vez que o *onset* não contribui para o peso silábico) e uma mora para a coda. Além disso, temos que vogais longas ramificam duas moras, e cada vogal de um ditongo, uma mora (COLLISCHON, 1999a, p. 96). Desse modo, temos a seguinte representação de moras para as mesmas sílabas dos exemplos (2.11 a; b):



Vemos que o exemplo (2.12 a) tem duas unidades de peso em sua sílaba, enquanto (2.12 b) tem uma só unidade; assim a sílaba do primeiro é mais pesada que a do segundo.

Por fim, podemos unir as representações numa só, marcando, em um nível acima do esqueleto (nó terminal da estrutura silábica), as unidades de peso com “ μ ” para os segmentos que contribuem ao peso silábico, conforme mostrado a seguir:



Dito isso, o latim também é um ótimo exemplo em relação à influência do peso da sílaba na regra de acento. Além da extrametricidade da última sílaba, nessa língua,

Com base nisso, podemos encontrar cinco possibilidades de acento para o português, quando consideramos o peso silábico: dentre as paroxítonas encontramos aquelas terminadas em sílaba leve e aquelas terminadas em sílabas pesadas; dentre as oxítonas e monossílabos tônicos também temos aqueles terminados em sílabas leves e os terminados em pesadas; e, por fim, as proparoxítonas, que por seu padrão marginal não diferenciam quanto ao peso.

Tendo estes cinco padrões em vista, os estudos que descrevem o acento do PB buscam trazer suas contribuições para a análise de cada um deles. Temos em Lee (1994, p. 37-38), por exemplo, uma análise para o não verbo, que considera a construção de pés com proeminência à direita (configurando iampos na teoria de Hayes, 1995, p. 71), da direita à esquerda de maneira não iterativa no domínio do radical. Tal análise dá conta de descrever os casos que diz serem menos marcados na língua como as paroxítonas, oxítonas e monossílabos tônicos terminados em sílabas leve, e oxítonas e monossílabos tônicos terminados em sílaba pesada, conforme vemos a seguir:

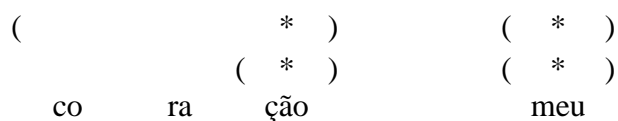
(2.16) (a) Paroxítonas terminadas em sílaba leve (“caneta”/“**canet**+a”)

(*)
 (. *)
 ca ne ta

(b) Oxítonas e monossílabos terminados em sílaba leve (“urubu” e “café”):

(*) (*)
 (. *) (*)
 u ru bu dó

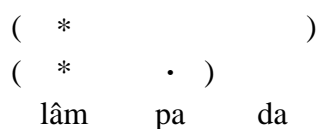
(c) Oxítonas e monossílabos tônicos terminados em sílaba pesada (“coração”, “também”, “meu” e “paz”):



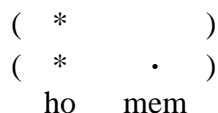
Em (2.16), vemos que, tendo como domínio o radical, esta abordagem de Lee (1994) parece coerente para o PB. Principalmente quando vemos que, ao não considerar a palavra fonológica, o pé iâmbico consegue ser aplicado em palavras como as do exemplo (2.16 a) sem a necessidade de considerar extrametricidade de vogais temáticas e marcas de gênero.

Contudo, para casos mais marcados como as proparoxítonas e paroxítonas terminadas em sílaba pesada o autor admite a construção de outro tipo de pé, os trocaicos silábicos. Tal construção, no entanto, também seria da direita para a esquerda de maneira não iterativa, tendo novamente como domínio o radical. Assim teríamos para estas formas as seguintes construções de pés:

(2.17) (a) Proparoxítonas (“lâmpada”/“**lâmpad+a**”):



(b) Paroxítonas terminadas em sílaba pesada:



Assim, o autor fecha sua análise considerando duas regras para o acento do não verbo, sendo uma para casos marcados e outra para casos não marcados, admitindo que

o PB pode eleger dois pés do inventário de três apresentados em (2.15), algo que abordagens que elegem o iambo para o PB tendem a realizar (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 126).

Massini-Cagliari (1999, p. 128), por sua vez, afirma que o acento do PB se dá por meio de pés trocaicos moraicos. Tais pés seriam construídos da direita para a esquerda de maneira não-iterativa, visto que na língua o acento primário só pode ocorrer em uma das três últimas sílabas da palavra³³, tendo como domínio a palavra fonológica. Assim, os casos padrão de acento em português estariam todos abarcados por este tipo de construção, como vemos a seguir:

(2.18) (a) Paroxítonas terminadas em sílaba leve:

(* .)	(* .)
ca ne ta	tem po
U U	— U

(b) Oxítonas e monossílabos terminados em sílaba pesada:

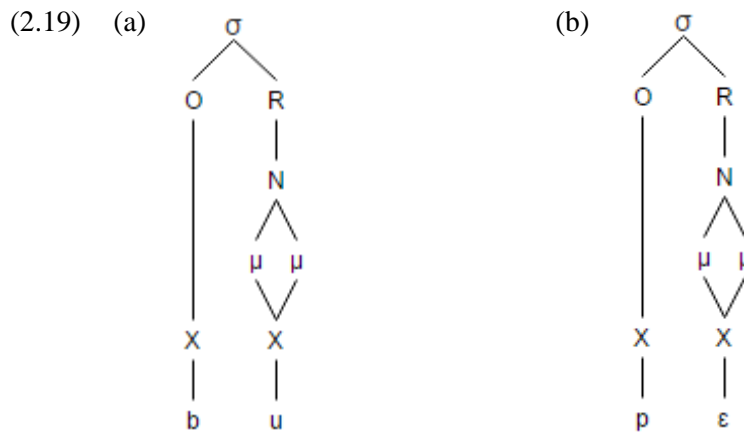
(*)	(*)
co ra ção	tam bém
—	—
(*)	(*)
meu	paz
—	—

Contudo, há a necessidade de se descrever três outros casos que fogem ao padrão apresentado em (2.18), que são o das oxítonas e dos monossílabos tônicos

³³ Quanto a haver acentos secundários em PB, o que poderia ser um argumento contra a não iteratividade proposta em Massini-Cagliari (1999, p. 128), o fato de ele não ser obrigatório e/ou poder variar de posição indica que não é construído pela iteratividade dos pés trocaicos moraicos, mas a partir de outra regra que venha a determiná-lo. Para mais sobre acento secundário em português, ver Collischon (1999a, p. 149-155) para o PB e Costa (2010, p.179-186) para o Português Arcaico.

terminados em sílaba leve, paroxítonas terminadas em sílaba pesada e as proparoxítonas.

A autora apresenta uma análise que considera a última sílaba das palavras do primeiro grupo como pesadas, visto que estas se comportam como tal (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 129-131). Desse modo, postula que o PB apresenta vogais longas na estrutura profunda, ainda que estas tenham sido neutralizadas na forma superficial e fonética durante os processos de mudança linguística do latim ao PB. Portanto, a estrutura silábica da última sílaba de uma palavra como “urubu” (2.19 a) e “pé” (2.19 b) seria conforme o exemplo a seguir:



A autora aponta ainda que esta solução pode recair em um dilema de causalidade, uma vez que nos leva a pensar se “a sílaba é longa porque é acentuada ou [se] é acentuada porque é longa” (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 130). Contudo, a simplicidade da análise e a falta de necessidade de regras que venham para adequar a forma final destas palavras a torna uma boa análise, agrupando estes casos com aqueles mostrados em (2.18 b).

Quanto aos dois outros casos, as análises mais ortodoxas consideram que haja uma extrametricidade ou na última sílaba para as proparoxítonas (2.20 a) ou da coda da última sílaba para as paroxítonas (2.20 b) conforme vemos a seguir:



a	bó	bo	< ra >		ho	me	< m >
	u	u			u	u	

Outras análises menos ortodoxas, como a de Abaixamento datílico e espondáico³⁴ encontradas em Wetzels (1992, p. 31-42), podem mostrar abordagens diferentes para estes casos. Contudo, para esta pesquisa, análises semelhantes à encontrada em (2.20 b) são mais preferíveis, visto que foram encontradas na coleta formações como “homão” e “nuvarrão”, mostrando que há até mesmo alomorfes do radical que desconsideram esta parte considerada extramétrica, tanto em “homem” quanto em “nuvem”. É importante notar ainda que esta abordagem da extrametricidade nos força a marcar todas as palavras proparoxítonas, individualmente, no léxico, conforme Massini-Cagliari (1999, p. 130) e, portanto, também se deve fazer o mesmo com as paroxítonas terminadas em sílaba pesada.

Por fim, com os dados apresentados nesta seção, podemos concluir que os acentos das palavras formadas com os morfemas em *-ão* deslocam, em relação à base, indo para a última sílaba destas palavras pelo fato de tal sílaba ser pesada, recaindo nos casos como os expostos em (2.18 b).

2.3 Da palavra ao morfema, a unidade indivisível portadora de som e significado.

Nesta seção, buscamos apresentar conceitos sobre a estrutura interna das palavras, usados nas análises dos processos morfológicos dos dados coletados.

Toda a definição da morfologia partiu da noção de “palavra” e o fato de ela ser de difícil definição, ainda que intuitivamente recuperado pelo falante nativo de uma língua, seja na escrita ou na fala³⁵.

³⁴ Tais análises trazem argumentos a favor do fato de haver, em níveis lexicais de formação de palavras em PB, a geração de um pé ternário excepcional com configuração datílica (uma sílaba pesada seguida de duas leves) nos casos proparoxítonos ou a geração de um pé binário, também excepcional, de configuração espondáica (uma sílaba pesada seguida de uma outra também pesada) nos casos paroxítonos de sílaba final tônica. Com a geração destes pés, o autor mostra como uma vogal médio-alta na sílaba tônica de uma palavra em formação é abaixada, à semelhança do que ocorre com “esquel[e]tico” sendo formado de “esquel[e]to” ou “m[ɔ]vel”, de “m[o]ver”.

³⁵ Em escrita a existência de espaços torna a existência da palavra mais aparente. Quanto à fala, ainda que nem sempre sejam feitas pausas entre as palavras, o conhecimento lexical e sintático do falante, bem

Monteiro (2002, p.9-11) apresenta como definição para palavra: “um conjunto ordenado de fonemas” (MONTEIRO, 2002, p.9). Contudo, segundo o autor, tal definição não distingue “vocábulo” de “palavras” e a fim de diferenciá-los diz que “Toda palavra é vocábulo, mas nem todo vocábulo é palavra” (MONTEIRO, 2002, p.10).

Desse modo, ele define que palavras são vocábulos que apresentam significado e expressam ideias, além de terem sua função e valor gramatical na língua, como “luta” e “serpente” em seus exemplos. Vocábulos, por sua vez, não são palavras por apresentarem apenas função na língua, possuem, portanto, um valor gramatical e não um significado próprio. Na frase “luta de serpentes” vemos que os portadores de sentido são somente “luta” e “serpentes” enquanto “de” só faz a relação entre as últimas tendo apenas uma função gramatical (MONTEIRO, 2002, p.9).

Ainda que a definição primeira de “conjunto ordenado de fonemas” seja simplista (por permitir que qualquer conjunto ordenado de fonemas seja considerado uma palavra), ao adicionarmos as noções de significado e função, podemos definir “vocábulo” como mostra o exemplo (2.21) e, com base nesse conceito, a definição de palavras seria conforme o exemplo (2.22).

(2.21) Conjunto ordenado de fonemas com uma função e valor gramatical na língua.

(2.22) Vocábulos que expressam ideias.

Basílio (1989, p.11-12), por sua vez, define e distingue palavras a partir dos conceitos de derivação e flexão (ainda que não haja distinção nítida e definitiva entre eles), dizendo que a flexão gera formas diferentes da mesma palavra enquanto a derivação gera palavras diferentes a partir de uma palavra base. Com base nisso, a distinção entre palavras se dá pela sua estrutura interna.

como a pragmática envolvida no momento da fala o permitem separar mentalmente o bloco sonoro em palavras.

Assim sendo, é pela estrutura da palavra que se chega à definição e distinção dela e devido a isso “a linguística do século XX retirou da noção de *palavra*, em favor da noção de *morfema*, a ênfase que tinha nos séculos anteriores” (ROSA, 2000, p.44).

Por conseguinte, Podemos definir morfemas como “signos mínimos”, por serem unidades indivisíveis com som e significado (ROSA, 2000, p.47-48). Tal definição é trazida de várias formas na literatura, com a constante de que ele seria a menor unidade de sentido como vemos em Bloomfield (1926, p.155; 1933, p.161) Rocha (1999, p.27), Rosa (2000, p.48), entre outros. Mas ainda, tal noção de morfema pode ser redefinida a partir de uma noção de “morfe”.

Nesse caso, o morfema passa ser uma classe de morfes, que assumiriam a definição dada acima, por ser “uma sequência fônica, a que é possível atribuir significado” (ROSA, 2000, p.58). Assim, o morfema é uma abstração de morfe, isto é, “cada morfe [...] é um elemento de um conjunto (que pode ser unitário) formador de uma unidade estrutural, que é o morfema” (ROSA, 2000, p.58). Com base nisso, ao tratarmos de morfema, nesta dissertação, nos referimos a esta unidade abstrata, que pode ser realizada por um ou mais morfes diferentes em dado discurso.

Assim, é preciso definir os tipos de morfemas que usamos nas análises. Talvez o principal deles são a raiz e o radical, conceitos, que acabam sendo tomados um pelo outro muitas vezes devido suas similaridades, mas há que se distingui-los.

Em Monteiro (2002, p. 24-27) vemos essa distinção sendo feita a partir de raiz, que, segundo ele, é definida como “o núcleo semântico da palavra” (MONTEIRO, 2002, p. 26). Dessa forma, raiz seria o morfema comum entre as palavras de uma mesma família, aquele que carrega o sentido comum entre todas elas. Como exemplo temos *mar-*, raiz presente em “mar”, “maré”, “marinha”, “marítimo”, entre outros (MONTEIRO, 2002, p.24). Enquanto o radical seria a raiz somada aos afixos que compõem a palavra e vão particularizar e especificar a raiz, assim, “Quanto mais afixos, menos geral é o sentido da palavra” (MONTEIRO, 2002, p. 26). Com base nisso, temos que *marinheir-* é um radical formado pela raiz *mar-* somada aos sufixos *-inh* e *-eir* (MONTEIRO, 2002, p. 26).

Em Rosa (2000, p.51) temos as mesmas definições sendo estruturadas como: “A **raiz** ou **radical primário** é o elemento mínimo de significado lexical. Se for ampliado

por derivação ou por composição, forma o **radical** ou **radical secundário**” (ROSA, 2000, p.51, grifo da autora).

Rocha (1999, p. 102) reserva à raiz a mesma definição vista em Rosa (2000, p.51) e Monteiro (2002, p. 24), mas adverte que tal definição parte do ponto de vista exclusivamente sincrônico. Para radical, ainda que defina de outra forma, acaba chegando ao mesmo resultado deles. Segundo o autor o radical seria “a parte que está presente em todas as formas de uma mesma palavra” (ROCHA, 1999, p. 103). Podemos, portanto, entender como radical o morfema comum entre formas flexionadas de uma palavra. Assim, da mesma maneira que os autores citados, temos a raiz *mar-* em palavras como “mar”, “mares”, “marinheiro”, “marinheira”, “marinheiros”, o radical *mar-* para palavras como “mar” e “mares” e o radical *marinheir-* em palavras como “marinheiro”, “marinheira”, “marinheiros”.

Já Kehdi (2003, p.26) apresenta somente o termo radical para falar do “elemento irreduzível e comum a palavras de uma mesma família” (KEHDI, 2003, p.26) e ainda adiciona que “Devemos evitar a designação de raiz, vinculada à perspectiva diacrônica” (KEHDI, 2003, p.27).

Para essa dissertação adotamos somente o conceito de “radical” da maneira como é exposta em Monteiro (2002, p. 24), visto que os morfemas em *-ão* são sufixos derivacionais que podem ser adjungidos a palavras já derivadas e, portanto, para analisar os processos, que ocorrem somente a partir de *-ão*, o conceito de “raiz” não nos é interessante.

Há também que se definir o conceito de “tema”, caro principalmente na análise dos dados derivados de bases verbais.

De forma geral, Monteiro (2002, p. 41-46) define tema como o radical somado a vogal temática (seja do verbo ou do não verbo) e acrescenta que ele é “o radical completo do vocábulo, pronto para receber os morfemas próprios das categorias gramaticais” (MONTEIRO, 2002, p. 41).

Kehdi (2003, p.34) não fala especificamente em tema, mas, seguindo a mesma linha de Monteiro (2002, p. 41), diz que “vogais temáticas acrescentam-se, normalmente, ao radical para constituir uma base, à qual são anexadas as desinências”.

Assim por “tema” entendemos como: “o morfema composto por radical e vogal temática”, e vale a advertência de Monteiro (2002, p. 42) de que a vogal temática do tema pode, por ser átona, sofrer elisão ou crase quando o morfema a ser adjungido a ele for iniciado por vogal. Nesses casos ainda que aparentemente o radical seja a base para a formação devido a falta de vogal temática com a palavra formada, ela pode ter sofrido algum processo durante a formação cabendo, portanto, não ao radical, mas o tema a função de base.

Por fim esses são os conceitos utilizados nessa dissertação para as análises morfológicas feitas tendo principalmente as noções de radical, como raiz somada a afixos, e tema, como o radical somado à vogal temática, como os principais norteadores dos processos de derivação com os morfemas em *-ão*.

2.4 Considerações finais

Buscamos, nesta seção, apresentar as principais teorias que embasam esta dissertação. Vimos como se deu o surgimento dos MFnL, desde as críticas às teorias baseadas no SPE até chegarmos ao desenvolvimento da TO. Mostramos ainda quais os pressupostos e funcionamentos dos principais MFnL: Fonologia Lexical e Geometria de Traços. Por fim, apresentamos como os estudos em Fonologia Métrica passaram a tratar o fenômeno do acento, bem como apresentamos análises de acento para o PB, buscando modelos para as análises dos dados. Postulamos que as análises desta dissertação consideraram a noção de que o acento do PB se dá por meio da construção de pés trocaicos moraicos e, por esta razão, os dados coletados para esta pesquisa são todos oxítonos terminados em sílaba pesada.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, faremos uma apresentação da fonte para a composição do *corpus*, como ele foi composto e os recortes feitos nos dados coletados. Além disso, apresentamos os procedimentos seguidos para a análise morfológica e posteriormente morfofonológica destes dados.

3.1 Houaiss e o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa

Para a coleta e formação do *corpus* desta pesquisa usamos como fonte o DEH a versão eletrônica do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (DH). O DH foi um projeto de 15 anos com participação de “34 redatores generalistas e especialistas, e 43 colaboradores externos” (VILLAR, 2001, n.p.) além de contar com colaboradores de outros países lusófonos.

Antônio Houaiss (quem dá o nome para o dicionário) foi um filólogo que muito contribuiu com estudos nas áreas como “a bibliologia, a documentação, a crítica textual e a literária, a tradução e a lexicografia” (ANTÔNIO ..., 2001, n.p.). Deu início ao trabalho do DH em 1986 e nele trabalhou até 1992, quando, por motivos financeiros, teve de parar a pesquisa, que foi retomada cinco anos depois, em 1997, quando o idealizador do DH fundou o *Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia* junto de Francisco Manoel de Mello Franco e Mauro de Salles Villar.

Devido à formação de Houaiss como filólogo, o DH apresenta todo um aparato filológico para cada verbete, ainda que sejam palavras de uso corrente. Com isso o dicionário traz, para os usuários dele, informações quanto à datação das palavras, à sua etimologia, e a bases e morfemas de derivados, informações estas que foram caras para a presente dissertação, além de definições que levam em conta regionalismos e jargões técnicos. Tais informações nos foram caras, por conta da facilidade que elas trouxeram ao fazermos levantamentos relacionados ao significado trazido para as bases derivadas pelos morfemas estudados. Apresentando, portanto, qual a base dos dados colhidos e a qual acepção desta base tal dado se remete.

Por fim a escolha do dicionário como fonte para a composição do *corpus* se deu primeiramente pela facilidade que o dicionário apresenta em se trabalhar com os vocábulos e pela profusão de dados e informações sobre eles, .

3.2 Coleta e categorização dos dados

Para a composição do *corpus*, foi realizada uma coleta de palavras terminadas em <ão> presentes no DEH, para, dentre estes dados, selecionar aqueles que contêm os morfemas *-ão*, *-alhão*, *-arrão* e variante desses.

Utilizando a ferramenta de pesquisa do próprio dicionário, 7465 entradas terminadas em <ão> foram encontradas, as quais foram divididas em dez categorias, de acordo com a configuração morfológica destas palavras.

Destas dez categorias, seis são compostas por formações com os morfemas em *-ão*, que são o objeto desta pesquisa, enquanto as outras quatro não serão foco de análise. Assim, um recorte de 933 palavras foi feito do total coletado, o que compõe cerca de 12,50% dos dados.

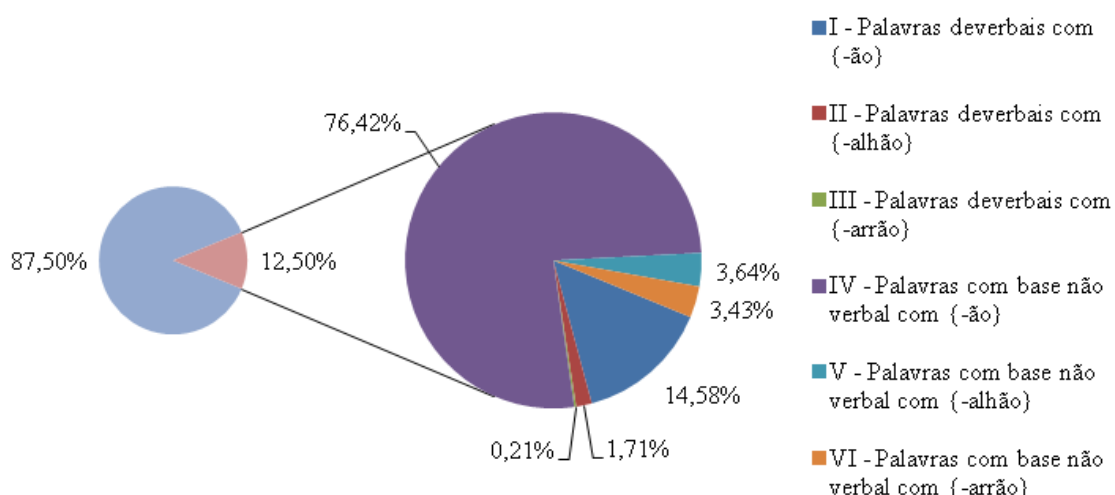
A tabela a seguir organiza a quantidade absoluta dos dados enfocados e não enfocados na pesquisa, organizados pela inicial destas palavras. Nela podemos notar a profusão de ocorrências na categoria IV, mostrando que o morfema *-ão* é muito produtivo em nomes prioritariamente.

Tabela 1 - Quantidade absoluta de palavras terminadas em <ão> por inicial

	I - Palavras deverbais com {-ão}	II - Palavras deverbais com {-alhão}	III - Palavras deverbais com {-arrão}	IV - Palavras com bases não verbais com {-ão}	V - Palavras com bases não verbais com {-alhão}	VI - Palavras com bases não verbais com {-arrão}	Dados não focalizados	TOTAL
A	15	1	0	37	1	0	779	833
B	6	3	1	76	6	5	215	312
C	15	2	1	107	2	4	741	872
D	2	1	0	13	2	2	838	858
E	15	0	0	28	1	2	535	581
F	6	0	0	53	6	2	215	282
G	8	1	0	31	4	1	151	196
H	1	0	0	1	0	1	97	100
I	2	0	0	3	0	1	358	364
J	0	0	0	9	0	0	43	52
K	0	0	0	1	0	0	1	2
L	4	0	0	33	0	1	167	205
M	8	2	0	69	2	4	347	432
N	0	0	0	10	1	2	99	112
O	0	0	0	4	0	0	109	113
P	11	0	0	64	2	1	514	592
Q	1	1	0	11	0	1	52	66
R	21	1	0	42	2	0	469	535
S	8	1	0	43	2	5	396	455
T	12	1	0	51	2	0	235	301
U	0	0	0	2	0	0	33	35
V	1	2	0	23	0	0	116	142
W	0	0	0	0	0	0	0	0
X	0	0	0	0	0	0	12	12
Y	0	0	0	0	0	0	0	0
Z	0	0	0	2	1	0	10	13
TOTAL	136	16	2	713	34	32	6532	7465

O gráfico a seguir relaciona as quantias plotadas na Tabela 1 em relação ao total de elementos terminados em <ão> coletados, a fim de evidenciar o enfoque da pesquisa em relação ao total da coleta, além da relação de proporção entre as categorias:

Gráfico 1 - Proporção das categorias focalizadas em relação à coleta total



Podemos ver mais claramente no Gráfico 1 o recorte feito. Os dados que serão analisados representam 12,50% da coleta total e dentre eles vemos que as formações com bases não verbais são muito mais numerosas que as deverbais, sendo que a primeira compõe 83,49% dos dados analisados, enquanto as últimas ficam com os 16,51% restantes. Esse fato nos mostra que a frequência na derivação de bases não verbais pelos morfemas em *-ão* pode ser um dos motivos para que se evidencie a noção de aumentativo desses morfemas.

A seguir, as categorias que foram focalizadas na pesquisa serão apresentadas e exemplificadas:

- Categoria I - Palavras deverbais com {-ão};
 - Englobando palavras provenientes de verbos e que passaram por formação com o {-ão}.
 - Proveniente do verbo “homiziar”.

(3.1) homizião: indivíduo por quem se tem desprezo, rancor, inimizade; inimigo³⁶.

- Proveniente do verbo “queimar”.

(3.2) queimão₍₂₎: que queima, que arde muito (diz-se esp. de pimenta).

- Categoria II - Palavras deverbais com {-alhão};
 - Englobando palavras provenientes de verbos e que passaram por formação com {-alhão} e afins.
 - Proveniente do verbo “armar”.

(3.3) armalhão: indivíduo que se julga muito esperto, muito hábil.

- Proveniente do verbo “intrujar”.

(3.4) intrulhão: receptador de furtos; intrujão.

- Categoria III - Palavras deverbais com {-arrão};
 - Englobando palavras provenientes de verbos e que passaram por formação com {-arrão} e afins.
 - Proveniente do verbo “beber”.

(3.5) beberrão: que ou aquele que bebe muito ou freq. se alcooliza; ébrio.

³⁶ As definições de palavras foram retiradas e adaptadas do DEH.

- Proveniente do verbo “cagar”.

(3.6) cagarrão: [mesmo que] cagalhão (‘covarde’).

- Categoria IV - Palavras com base não verbal com {-ão};
 - Englobando palavras provenientes de bases não verbais e que passaram por formação com {-ão}.
 - Proveniente do numeral “oitenta”.

(3.7) oitentão: [mesmo que] octogenário.

- Proveniente do nome “zombeiro”.

(3.8) zombeirão: [mesmo que] zombador.

- Categoria V - Palavras com base não verbal com {-alhão};
 - Englobando palavras provenientes de bases não verbais e que passaram por formação com {-alhão} e afins.
 - Proveniente do nome “esperto”.

(3.9) espertalhão: que ou quem age, ou tenta agir, utilizando meios pouco honestos; que ou quem trai a confiança de outrem; finório.

- Proveniente do nome “rico”.

(3.10) ricalhão: [mesmo que] ricaço.

- Categoria VI - Palavras denominais com {-arrão};
 - Englobando palavras provenientes de nomes e que passaram por formação com {-arrão} e afins.

- Proveniente do nome “gato”.

(3.11) gatarrão: gato de grande tamanho; gatão.

- Proveniente do nome “seco”.

(3.12) secarrão: diz-se de ou indivíduo muito seco, muito severo, de poucas palavras, que não expressa carinho, ternura, compreensão.

Por fim, as quatro categorias encontradas na coleta, mas que não serão foco da pesquisa, por conterem dados que não contêm os morfemas em *-ão*, são as que se seguem:

- Palavras denominais com {-dão} de substantivação;
 - Englobando palavras provenientes de adjetivos e que passaram por formação com {-dão}.

- Proveniente do adjetivo “forte”.

(3.13) fortidão: qualidade do que é forte, robusto.

- Proveniente do adjetivo “vermelho”.

(3.14) vermelhidão: qualidade do que é vermelho.

- Palavras deverbais com {-ção} de ação de [verbo];
 - Englobando palavras provenientes de verbos e que passaram por formação com {-ção}.
 - Proveniente do verbo “heroicizar”.

(3.15) heroicização: ato ou efeito de heroicizar, de tornar heróico ou de transformar algo ou alguém em herói.

- Proveniente do verbo “xerocar”.

(3.16) xerocação: ação de xerocar, reproduzir documentos gráficos por intermédio da máquina Xerox.

- Palavras com <ão> no radical;
 - Englobando palavras que têm a terminação <ão> diretamente em seu radical.

(3.17) escorpião: design. comum a todos os artrópodes arácnidos da ordem dos escorpiones, que possuem pedipalpos em forma de pinças, abdome ligado ao cefalotórax, com porção posterior estreita e terminada em ferrão; boiquiba, carangonço, lacraia, lacrau, rabo-torto.

(3.18) mão₍₁₎: extremidade do membro superior, articulada com o antebraço pelo punho e terminada pelos dedos.

- Palavras denominais com <ão> de gentílico;
 - Englobando palavras que são gentílicos e têm a terminação <ão>.

(3.19) hermião: relativo a ou indivíduo dos hermiones, antigo povo da Germânia; Hermione.

(3.20) vascão: indivíduo natural ou habitante do País Basco. basco.

3.3 Procedimentos de análise

Primeiramente, devido ao enfoque desta dissertação, das 7465 palavras colhidas, as 933 palavras, que são formações em *-ão*, foram analisadas segundo os procedimentos descritos abaixo:

- Redivisão dos dados focalizados;
 - Redivisões da primeira categorização dos dados foram feitas a fim de acessar os processos morfológicos que formam os dados.
- Busca por padrões dentro dos grupos redivididos e descrição dos processos morfológicos;
 - Através da redivisão dos dados focalizados, os padrões de formação ficaram mais aparentes. Isso pôde facilitar o entendimento dos processos morfológicos que ocorreram durante a formação e esclarecer quais os processos fonológicos que ocorreram para permitir estas formações.
- Descrição dos processos fonológicos;
 - A partir dos processos morfológicos descritos, os processos fonológicos que adéquam a palavra formada aos padrões do português são explicados com maior clareza.
- Hierarquização dos processos segundo a Fonologia Lexical.
 - Por meio dos processos já descritos, conforme a Fonologia Lexical, estes vão ser dispostos hierarquicamente em representação em estratos nos níveis lexical e pós-lexical, explicitando a estrutura da gramática que dá suporte a estas formações.

3.4 Considerações finais

Pudemos apresentar nesta seção o material fonte do *corpus*, mostrando um pouco do que é o DEH e o projeto por trás de sua construção. Além disso, mostramos como foram colhidas e categorizadas, de acordo com suas formações aparentes, as 7465 ocorrências terminadas em <ão> e qual foi o recorte destes dados para a análise. E, por fim, apresentamos os passos seguidos para melhor analisar morfológica e fonologicamente as 933 palavras focalizadas.

4 DOS MORFES FOCALIZADOS AOS MORFEMAS POR ELES REALIZADOS

Nesta seção buscamos apresentar e descrever os dados e categorias que são objeto desta pesquisa, a fim de determinar quais são os morfes que compõem os dados das categorias apresentadas na Seção 3 e quais os morfemas que são realizados por estes morfes. Para tanto, as subseções a seguir irão apresentar análises morfológicas (Subseção 4.1) e um levantamento semântico (Subseção 4.2) dos dados focalizados.

4.1 As derivações e flexões dos morfes encontrados

Nesta subseção apresentaremos as análises morfológicas dos dados focalizados, com base na divisão de categorias apresentada na Seção 3.

A princípio, no nível flexional, não encontramos grandes diferenças entre as categorias. Quanto ao gênero, os dados enfocados são todos masculinos e podem ou não flexionar para o feminino. Quando há tal flexão, a terminação <ão> marca o gênero masculino e a terminação <ona>, o feminino (exemplos em 4.1). Já em relação ao número, todos podem ser flexionados para o plural, sendo <ão> para singular e <ões> para o plural (exemplos em 4.2).³⁷ Tais considerações podem ser atestadas nos exemplos a seguir, encontrados na coleta realizada:

(4.1)	Categoria I	fujão	/	fujona
	Categoria II	brincalhão	/	brincalhona
	Categoria III	bizarrão	/	bizarrona
	Categoria IV	alegrão	/	alegrona
	Categoria V	bobalhão	/	bobalhona
	Categoria VI	santarrão	/	santarrona

³⁷ As formas no masculino singular dos exemplos (4.1) e (4.2) fazem parte da coleta, enquanto as formas do feminino singular, encontradas em (4.1), e do masculino plural, em (4.2), são as flexões supostas para estas palavras. Contudo, ainda que não tenham sido aferidas na pesquisa, elas são intuitivamente resgatadas por falantes nativos de PB.

(4.2)	Categoria I	fujão	/	fujões
	Categoria II	brincalhão	/	brincalhões
	Categoria III	bizarrão	/	bizarrões
	Categoria IV	alegrão	/	alegrões
	Categoria V	bobalhão	/	bobalhões
	Categoria VI	santarrão	/	santarrões

Quanto aos processos derivacionais ocorridos a partir dos morfemas em *-ão*, encontramos uma série de possibilidades e, para melhor depreendê-las, mapeamos primeiramente os morfes aparentes que compõem os dados das categorias enfocadas, a fim de evidenciar os processos que eles poderiam desencadear.

Os morfes encontrados foram a princípio nove, que podiam, ou não, ser encontrados tanto nas categorias com dados derivados de verbos (Categorias I, II e III) quanto nas categorias com dados derivados de não verbos (Categorias IV, V e VI), como podemos ver a seguir:

- {-ão} - encontrado em dados das Categorias I e IV;
 - Proveniente do verbo “mergulhar”.

(4.3) mergulhão: grande mergulho.

- Proveniente do substantivo masculino “anjo”.

(4.4) anjão: representação disforme de anjo; anjo malfeito, de tosca fatura; anjola.

- {-alhão} - encontrado em dados das Categorias II e V;
 - Proveniente do verbo “quebrar”.

(4.5) quebralhão: que ou o que é muito arisco e manhoso (diz-se de cavalo).

- Proveniente do adjetivo “fresco”.

(4.6) frescalhão: bastante fresco.

- {-alão} - encontrado somente em dados das Categorias II;
 - Proveniente do verbo “sacar”

(4.7) sacalão: [m.q.] sacadela; ato ou efeito de sacar ('fazer sair', 'arrancar'); sacada.

- {-elhão} - encontrado somente em dados das Categorias II;
 - Proveniente do verbo “vender”.

(4.8) vendelhão: vendedor ambulante.

- {-ilhão} - encontrado em dados das Categorias II e V;
 - Proveniente do verbo “torcer”.

(4.9) torcilhão: ato ou efeito de torcer; torção, torcedura.

- Proveniente do adjetivo “curvo”.

(4.10) curvilhão: a parte da perna oposta ao joelho, e por onde este se dobra e flexiona, jarrete.

- {-ilão} - encontrado em dados das Categorias II e V;
 - Proveniente do verbo “comer”.

(4.11) comilão: que ou o que come muito; glutão.

- Proveniente do substantivo masculino “santo”.

(4.12) santilão: que ou aquele que simula pureza, santidade; falso beato.

- {-arrão} - encontrado em dados das Categorias III e VI;
 - Proveniente do verbo “cagar”.

(4.13) cagarrão: [mesmo que] cagalhão (‘covarde’).

- Proveniente do adjetivo “feio”

(4.14) feiarrão: que ou o que é muito feio; feianchão.

- {-arão} - encontrado somente em dados da Categoria VI;
 - Proveniente do substantivo “lapa”.

(4.15) laparão₍₂₎: lapa ('molusco') grande.

- {-errão} - encontrado somente em dados das Categorias III.
 - Proveniente do verbo “beber”.

(4.16) beberrão: que ou aquele que bebe muito ou freq. se alcooliza; ébrio.

Com base neste levantamento, nas subseções que se seguem apresentamos os processos desencadeados pelos morfemes presentes em cada uma das categorias criadas na Seção 3.

4.1.1 Categoria I – Palavras deverbiais com {-ão}

Nesta categoria, um único morfeme foi encontrado, sendo ele {-ão}. Para tal morfeme podemos encontrar uma formação mais regular e outras que apresentam certa irregularidade.

Nos casos mais regulares, encontramos um processo de formação que, a princípio, pode ser considerado como inserção do morfeme ao radical da base. Como mostra o exemplo a seguir:

- Verbo de primeira conjugação: “babar”_{verbo}

(4.17) [bab]_{radical verbal} + {ão} → [babão]_{substantivo masculino}

O fato de a vogal temática não alterar em nada o processo de formação nestes casos pode nos indicar que ela não está presente durante a formação, visto que não há traços dela que possam alterar algo ao afixar o morfe. Contudo a ocorrência “pidão”, sendo derivada a partir de “pedir”, pode trazer dados que mostram que de fato há a presença destas vogais temáticas em ocorrências como a do exemplo (4.17).

No caso de “pidão”, temos um verbo da terceira conjugação sofrendo um alteamento na vogal /e/ do radical. Tal alteamento pode ser encontrado em variações fonéticas, nas quais a pronúncia “p[e]dir” dá lugar a “p[i]dir”, ou em outros paradigmas de “pedir”, como em “p[i]dido” e “p[i]dinte”. Temos, neste caso, o que a literatura descreve como harmonização vocálica da pretônica. Bisol (2013) descreve para o PB dois casos como este: o da harmonia parcial e o da total, sendo, este último, aquele que vemos ocorrer em “pidão”.

Segundo Bisol (2013, p. 50), para que ocorra uma harmonia vocálica total é necessário que a vogal-alvo (aquela que será harmonizada) seja uma vogal médio-baixa e que a vogal-gatilho (aquela que causa a harmonia) seja uma vogal alta. Tendo isso em consideração, ainda que não encontremos em “pidão” uma vogal alta que possa ser a vogal-gatilho, na base “pedir”, a vogal temática {-i} pode cumprir esta função. Tal consideração nos indica, portanto, que o tema verbal é a base para a formação deste caso e a ausência desta vogal temática no fim da formação pode ser explicada por uma supressão gerada para garantir uma boa formação, de acordo com a OCP, evitando a formação de hiatos³⁸. Assim, temos:

(4.18) [pedi]_{tema verbal} + {ão} → [pidão]_{substantivo masculino}

Devido a isso, temos que {-ão} poderia se ligar ao radical verbal quando não houvesse nenhum processo fonológico ocorrendo e se ligar ao tema verbal quando algum destes processos atuasse. Apesar de possível, isso seria algo inviável por gerar duas regras de formação em contextos semelhantes para um mesmo morfe. Além disso, analisando as vogais temáticas de dados como o do exemplo (4.17), temos somente a possibilidade de harmonização vocálica (ou algum outro processo) para verbos de

³⁸ Detalhamentos sobre esse processo fonológico serão apresentados na Seção 5, na qual nos deteremos a apresentar os processos fonológicos que permeiam as formações dos casos expostos na presente seção.

terceira conjugação. O fato de não haver processos acontecendo com dados, que têm como base verbos de primeira e segunda conjugação, se dá por conta da natureza da vogal temática destes verbos usados como base (verbos-bases) e não por eles não estarem presentes na formação.

Dito isso, consideraremos para casos como o do exemplo (4.17) uma formação semelhante à representada no exemplo (4.18) excluindo somente a harmonização vocálica, visto que não encontramos exemplos além de “pedir” que podem cumprir as condições postas em Bisol (2013, p. 50), conforme vemos nos exemplos a seguir:

- Verbo de primeira conjugação: “babar”_{verbo}

(4.19) [baba]_{tema verbal} + {ão} → [babão]_{substantivo masculino}

- Verbo de segunda conjugação: “lamber”_{verbo}

(4.20) [lambe]_{radical verbal} + {ão} → [lambão]_{substantivo masculino}

- Verbo de terceira conjugação: “fugir”_{verbo}

(4.21) [fugi]_{radical verbal} + {ão} → [fujão]_{substantivo masculino}

Assim, o modelo geral para o processo de formação destes casos é como mostra o exemplo a seguir:

(4.22) [TEMA]_{verbal} + [morfe] → [[TEMA]morfe]_{substantivo masculino}

Há também um caso em que afixações simultâneas e sucessivas³⁹ à formação com {-ão} ocorrem. Nestes casos, além de {-ão}, que é o último sufixo a ser afixado, encontramos um sufixo {-icho} antes dele. Ao acontecer a afixação, o morfe {-ão} usa o radical derivacional resultante da afixação, assim se afixando após a terminação <ich>. Somente um dado para este caso foi encontrado:

- Verbo de segunda conjugação: “saber”_{verbo segunda conjugação}

$$(4.23) \quad [sab]_{\text{radical verbal}} + \{icho\} \rightarrow * [sabicho]^{40}$$

$$[sabich]_{\text{radical não verbal}} + \{\tilde{a}o\} \rightarrow [sabich\tilde{a}o]_{\text{substantivo masculino}}$$

$$[sab]_{\text{radical verbal}} + \{ich\} + \{\tilde{a}o\} \rightarrow [sabich\tilde{a}o]_{\text{substantivo masculino}}$$

Outros processos encontrados nesta categoria foram dois casos inconclusivos, pela quantidade de dados pequena e poucas pistas sincrônicas que nos ajudem a entender o porquê das irregularidades. Certamente tais dados merecem um estudo mais aprofundado, com abordagem histórica, a fim de compreendê-los de maneira mais ampla, mas, a título de categorização, os englobamos em grupos diferentes:

Um caso no qual a adesão do morfe causaria uma mudança de segmento consonantal, como pode ser visto a seguir:

- Verbo de primeira conjugação - “intrujar”_{verbo}

$$(4.24) \quad [intruja]_{\text{tema verbal}} + \{\tilde{a}o\} \rightarrow [intrulh\tilde{a}o]_{\text{substantivo masculino}}$$

Outros casos em que há a epêntese de uma consoante durante a formação. Tal inclusão é feita entre o tema verbal e o morfe. Foram encontrados dois casos neste grupo:

- Verbos de primeira conjugação: “puxar”_{verbo}; “safar”_{verbo}

³⁹ As afixações foram consideradas simultâneas por não encontrarmos a forma usada para a formação com {-ão} de maneira isolada em uso na língua e sucessivas por sempre ocorrerem em uma determinada posição (nesse caso com {-icho} seguido de {-ão} e nunca com {-ão} seguido de {-icho}), além do fato de que as afixações anteriores a {-ão} ocorrem em um estrato diferente, como apresentaremos na Seção 5.

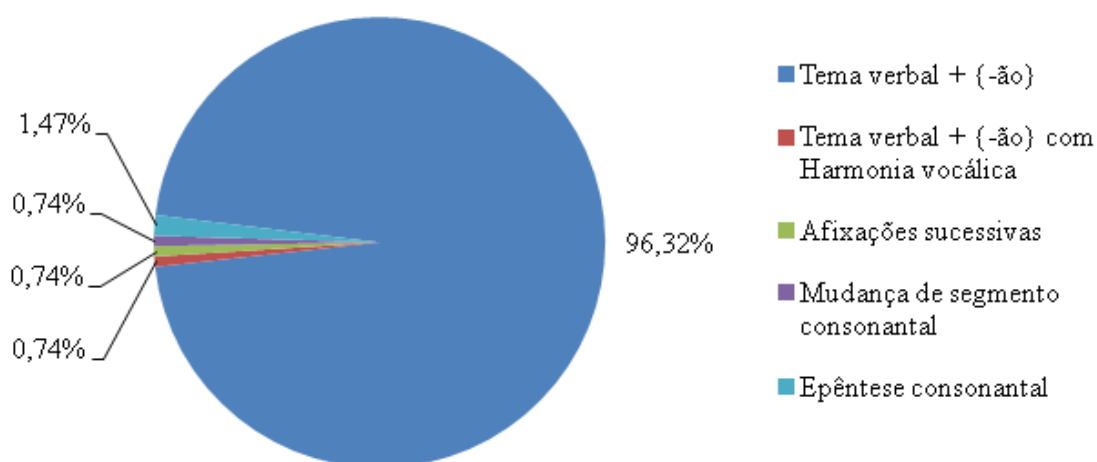
⁴⁰ O símbolo “*” no início do exemplo indica que a forma não é encontrada isolada em uso na língua.

(4.25) [puxa]_{tema verbal} + {-ão} → [puxavão]_{substantivo masculino}

(4.26) [safa]_{tema verbal} + {-ão} → [safanão]_{substantivo masculino}

A seguir, o gráfico relaciona as quantidades proporcionais dos processos encontrados e aqui descritos:

Gráfico 2 - Processos morfológicos da Categoria I



Podemos ver que todos os processos utilizam a formação na qual {-ão} se liga ao tema verbal, com exceção dos casos de afixação sucessiva. Contudo, ainda que nestes últimos casos a base seja verbal, o morfe {-ão} se liga a um radical derivacional não verbal como vimos no exemplo (4.23), nos permitindo afirmar que quando {-ão}, sozinho, deriva um verbo, ele faz uso do tema verbal deste.

Assim, para a Categoria I teríamos somente um morfe ({-ão}) com uma formação mais regular e bastante produtiva (representada no exemplo 4.21), e outras formações irregulares: uma em que há a ação de uma regra de harmonização vocálica (representada no exemplo 4.18); outra com afixações simultâneas e sucessivas (representada no exemplo 4.23) e outras duas ainda inconclusivas, nomeadas como mudança de segmento consonantal (representada no exemplo 4.24) e epêntese consonantal (representada no exemplo 4.25).

4.1.2 Categoria II - Palavras deverbais com {-alhão}

Os morfemes encontrados compondo os dados desta categoria foram {-alhão}, {-alão}, {-elhão}, {-ilhão} e {-ilão}. A princípio, uma formação aparente para estes casos seria uma que é semelhante à apresentada para o exemplo (4.17), como é mostrado nos exemplos de (4.27) a (4.30):

- Verbo de primeira conjugação: “brincar”_{verbo}

(4.27) [brinc]_{radical verbal} + {alhão} → [brincalhão]_{substantivo masculino}

- Verbo de primeira conjugação: “sacar”_{verbo}

(4.28) [sac]_{radical verbal} + {alão} → [sacalão]_{substantivo masculino}

- Verbo de primeira conjugação: “vender”_{verbo}

(4.29) [vend]_{radical verbal} + {elhão} → [vendelhão]_{substantivo masculino}

- Verbo de segunda conjugação: “benzer”_{verbo}

(4.30) [benz]_{radical verbal} + {ilhão} → [benzilhão]_{substantivo masculino}

- Verbo de segunda conjugação: “comer”_{verbo}

(4.31) [com]_{radical verbal} + {ilão} → [comilão]_{substantivo masculino}

- Verbo de primeira conjugação: “descantar”_{verbo}

(4.32) [descant]_{radical verbal} + {ilhão} → [descantilhão]_{substantivo masculino}

Contudo, a semelhança na qualidade vocálica da vogal temática da base e da primeira vogal do morfe (como visto nos exemplos 4.27 a 4.29) pode indicar que a vogal temática está presente na formação. Assim esta abordagem consideraria um morfe {-lhão} (exemplos 4.27 e 4.29) e outro {-lão} (exemplo 4.28), que se aderem ao tema da base verbal. Assim teríamos os seguintes processos de formação:

- Verbo de primeira conjugação: “brincar”_{verbo}

(4.33) [brinca]_{tema verbal} + {lhão} → [brincalhão]_{substantivo masculino}

- Verbo de segunda conjugação: “vender”_{verbo}

(4.34) [vende]_{tema verbal} + {lhão} → [vendelhão]_{substantivo masculino}

- Verbo de primeira conjugação: “sacar”_{verbo}

(4.35) [saca]_{tema verbal} + {lão} → [sacalão]_{substantivo masculino}

Portanto, o processo de formação geral para estes casos seria aquele representado no exemplo (4.22):

Quanto aos exemplos (4.30) e (4.31), a presença de um /i/, em vez do esperado /e/ da vogal temática, pode ser explicada pelo fato de a vogal temática -e poder ser realizada tanto como {-e} quanto como {-i} durante derivações, como temos “benz[i]mento” a partir de “benz[e]r” ou até em paradigmas flexionais do particípio passado, como termos “com[i]do” de “com[e]r”. Portanto, temos para estes casos de formação o mesmo encontrado no exemplo (4.22), como vemos a seguir:

- Verbo de segunda conjugação: “benzer”_{verbo}

(4.36) [benzi]_{tema verbal} + {lhão} → [benzilhão]_{substantivo masculino}

- Verbo de segunda conjugação: “comer”_{verbo}

(4.37) [comi]_{tema verbal} + {lão} → [comilão]_{substantivo masculino}

Por fim, o exemplo (4.32) é o único que, a princípio, não se enquadra nesta abordagem, visto que a vogal temática /a/ teria que passar por um processo que a derivaria para /i/, algo imprevisível para o PB. Contudo, se considerarmos como base não “descantar”, mas “descantear”⁴¹, podemos explicar a formação a partir do morfe {-lhão} aderindo ao radical {descante-}. Para verbos terminados em <ear>, temos, em PB, uma variação fonética em que o último /e/ do radical é produzido como [i] como em “enxam[i]ar”, “nort[i]ar”, “pirat[i]ar”⁴². Podemos então, pressupor que “descantear” pode, neste paradigma, assumir também a forma “descant[i]ar” ao ser derivado com {-lhão}, com {descanti-} como o radical verbal participante da formação, como mostrado a seguir:

- Verbo de primeira conjugação: “descantear”_{verbo}

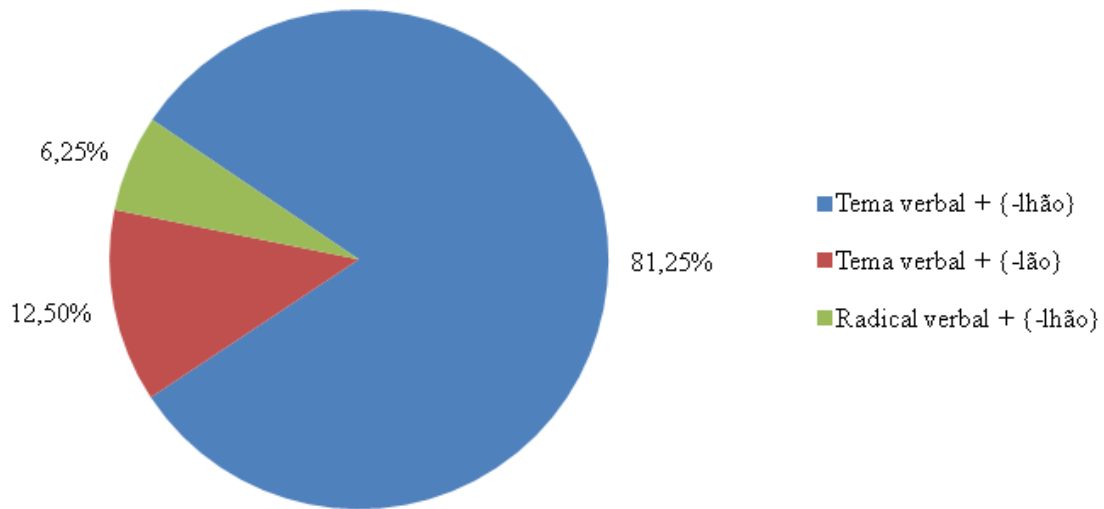
(4.38) [descanti]_{radical verbal} + {lhão} → [descantilhão]_{substantivo masculino}

O gráfico a seguir apresenta as proporções dos processos de formação encontrados nos dados da Categoria II e descritos nesta subseção:

⁴¹ O DEH apresenta tais dados como sinônimos retomando um pelo outro e apresentando a definição deles no vocábulo “descantear”, que, por sua vez, é o mais usado.

⁴² Nesse paradigma também podemos encontrar ditongação como no caso de fr[ẽ]ar em vez de fr[e]ar.

Gráfico 3 - Processos morfológicos da Categoria II



No Gráfico 3, podemos ver que as formações encontradas nos dados da Categoria II são mais numerosas nos casos em que {-lhão} se liga ao tema da base verbal compondo 81,25% da área plotada pelo gráfico; o morfe {-lão} é bem pouco produtivo com base nesta coleta, mas segue o mesmo processo de formação de {-lhão}; e há somente um caso mais irregular, que usa o radical verbal para a formação.

Assim, para a Categoria II teríamos dois morfes possíveis ({-lhão} e {-lão}), sendo que {-lhão} pode desencadear dois processos diferentes (representados nos exemplos 4.22 e 4.38) e {-lão}, somente o processo representado no exemplo (4.22).

4.1.3 Categoria III - Palavras deverbais com {-arrão}

Nesta categoria, como visto anteriormente, só recaíram dois dados: “cagarrão” e “beberrão”. Estes dados parecem seguir o mesmo paradigma de formação apresentado na seção anterior, em que o morfe se liga ao tema da base verbal, como a regra geral (4.22) representa. Teríamos, assim, os seguintes processos:

- Verbo de primeira conjugação: “cagar”_{verbo}

(4.39) [caga]_{tema verbal} + {rrão} → [cagarrão]_{substantivo masculino}

- Verbo de segunda conjugação: “beber”_{verbo}

(4.40) [bebe]_{tema verbal} + {rrão} → [beberrão]_{substantivo masculino}

Assim, nesta categoria, teríamos somente um morfe ({-rrão}), que pode desencadear somente um processo de formação (o descrito na regra geral 4.22).

4.1.4 *Resumo dos resultados para as categorias de base verbal*

Nas subseções de 4.1.1 a 4.1.3, descrevemos os processos morfológicos e morfofonológicos encontrados nos dados derivados de verbos, componentes das Categorias I, II e III. Os morfes encontrados compondo estas categorias foram quatro ({-ão}, {-lhão}, {-lão} e {-rrão}), o que é metade dos morfes inicialmente pensados para estas categorias. A partir da análise das bases, vogais temáticas e alomorfas, pudemos agrupar as realizações {-alhão}, {-elhão} e {-ilhão} em uma única realização {-lhão}; {-alão} e {-ilão}, em {-lão}; e {-arrão} e {-errão}, em {-rrão}.

Quanto aos processos de flexão, todos os morfes se comportam de maneira semelhante. A terminação <ão> é encontrada em formas de masculino e singular, <ona>, para as formas de feminino, e <ões>, para as formas de masculino plural, mostrando certa regularidade.

Já em relação aos processos de formação desencadeados por estes quatro morfes, encontramos:

- {-lhão}, {-lão} e {-rrão} se aderindo ao tema dos verbos-bases, representado no exemplo (4.22);
- {-lhão} se aderindo ao radical dos verbos-bases, representado no exemplo (4.38);
- {-ão} se aderindo ao tema verbal e causando a queda da vogal temática; e

- {-ão} causando afixações simultâneas e sucessivas (4.23) e formas irregulares dos verbos-base, marcadas como casos inconclusivos, representados nos exemplos de (4.24) a (4.26).

Por fim, quanto aos processos morfofonológicos desencadeados, encontramos somente o alteamento da vogal /e/ para /i/, que se dá por meio de uma harmonização vocálica a partir do segmento /e/ do radical verbal, como vogal-alvo, e do segmento /i/ da vogal temática, como vogal-gatilho; e queda da vogal temática gerada por {-ão}.

Desse modo, tendo em vista que os quatro morfemas apresentados podem realizar os mesmos processos flexionais e derivacionais, poderíamos considerá-los como realizações de um único morfema, o qual chamaremos de “-ão verbal”.

Contudo, não temos um contexto claro para a escolha de cada um dos morfemas, visto que todos podem se aderir a temas verbais. Mas ainda, temos que a escolha de um ou outro gera consequências, uma vez que {-ão} pode causar queda da vogal temática, algo que os outros morfemas não causam. Por fim, como exemplo da impossibilidade de haver regra que apure a escolha entre os morfemas, temos tanto a forma “cagalhão” quanto “cagarrão” sendo derivados de “cagar”, além disso ambas as formas podem ser tomadas uma pela outra com o sentido de pessoa covarde, marcando uma variação livre de contexto entre elas.

Posteriormente, a partir da Subseção 4.2, poderemos apresentar outros argumentos para a existência do morfema -ão verbal, com base também nos significados que estes morfemas podem trazer durante a formação.

4.1.5 Categoria IV - Palavras com bases não verbais em {-ão}

Os dados que recaíram nesta categoria têm formação muito próxima àqueles da Categoria I, em relação à formação mais regular em ambos, como podemos ver a seguir:

- “abelha”_{substantivo feminino}

$$(4.41) \quad [\text{abelh}]_{\text{radical não-verbal}} + \{\text{ão}\} \rightarrow [\text{abelhão}]_{\text{substantivo masculino}}$$

- “quente” adjetivo

(4.42) [quent]_{radical não-verbal} + {ão} → [quentão]_{substantivo masculino}

- “besouro” substantivo masculino

(4.43) [besour]_{radical não-verbal} + {ão} → [besourão]_{substantivo masculino}

- “calor” substantivo masculino

(4.44) [calor]_{radical não-verbal} + {ão} → [calorão]_{substantivo masculino}

Sendo assim, o modelo de formação para estes casos seguiria o processo de formação geral representado a seguir:

(4.45) [RADICAL]_{não-verbal} + [morfe] → [[RADICAL]morfe]_{Substantivo masculino}

Há também um caso encontrado que se usa do processo de formação representado no exemplo (4.45). Tal caso de formação apresenta uma vogal <i> na escrita e, por razões fonotáticas, esta vogal também encontrada na realização fonética por meio de uma epêntese vocálica. Contudo, este <i> não participa da formação, por não estar presente na forma de base do não-verbo-base. Portanto, este caso tem uma formação regular como os representados nos exemplos de (4.41) a (4.44) como aparece a seguir:

- “areia” substantivo masculino

(4.46) [are]_{radical não-verbal} + {ão} → [areão]_{substantivo masculino}

- “aveia” substantivo feminino

(4.47) [ave]_{radical não-verbal} + {ão} → [aveão]_{substantivo masculino}

- “correia” substantivo masculino

(4.48) [corre]_{radical não-verbal} + {ão} → [correão]_{substantivo masculino}

Outro caso encontrado, também tem dados com uma formação que é aparentemente irregular⁴³ por terem como base semântica formas que não são primitivas. Neste caso, somente o radical não derivado participa da formação. Como mostram os dados dos exemplos (4.49) e (4.50), os não-verbo-base têm formas com o sufixo {-ot} (exemplo 4.49) e {-im} (exemplo 4.50), ambos considerados como sufixos de diminutivo. Desse modo, temos a forma com {-ão} derivando do radical não derivado das formas diminutivas, conforme visto a seguir:

- “gaivota” substantivo feminino

(4.49) [gair]_{radical não-verbal} + {ão} → [gaivão]_{substantivo masculino}

- “quindim” substantivo masculino

(4.50) [quind]_{radical não-verbal} + {ão} → [quindão]_{substantivo masculino}

Temos, ainda, um caso que usa o processo de formação representado no exemplo (4.45), mas que faz uso de um alomorfe de radical de momentos da formação

⁴³ A aparência de irregular dessas formações se dá por as bases terem uma forma comum já derivada como gaivota que é composta pelo radical *gair-*, sufixo *-ot* e vogal temática *-a*, diferente do esperado (radical *gair-* mais vogal temática *-a*).

da língua portuguesa e que sobreviveu nestas formações⁴⁴. Tendo isso em vista, teríamos uma formação regular com um alomorfe de radical, conforme mostram os exemplos a seguir:

- “barriga” substantivo masculino

$$(4.51) \quad [\text{barric}]_{\text{radical não-verbal}} + \{\text{ão}\} \rightarrow [\text{barricão}]_{\text{substantivo masculino}}$$

- “ducado” substantivo masculino

$$(4.52) \quad [\text{ducat}]_{\text{radical não-verbal}} + \{\text{ão}\} \rightarrow [\text{ducatão}]_{\text{substantivo masculino}}$$

Nesta mesma linha, encontramos casos que, à primeira vista, parecem ter parte do radical suprimida. Contudo, estes casos têm uma alomorfia de radical que pode ser explicada a partir do fato de que estes não-verbos-bases têm uma parte átona extramétrica no fim do alomorfe de radical menos marcado. Devido tal extrametricidade, é possível encontrar realizações que usam radicais mais marcados que ignoram tal parte átona como “home” em vez de “homem” ou “viage” em vez de “viagem” como visto na Subseção 2.2. Assim, as formas dos exemplos (4.53) a (4.55) usam estes radicais mais marcados na formação com o processo de formação geral representado em (4.45), conforme vemos a seguir:

- “ferragem” substantivo masculino

$$(4.53) \quad [\text{ferraj}]_{\text{radical não-verbal}} + \{\text{ão}\} \rightarrow [\text{ferrajão}]_{\text{substantivo masculino}}$$

- “homem” substantivo masculino

$$(4.54) \quad [\text{hom}]_{\text{radical não-verbal}} + \{\text{ão}\} \rightarrow [\text{homão}]_{\text{substantivo masculino}}$$

⁴⁴ O DEH apresenta para “barriga” um radical vindo “provavelmente do gaulês”, {barric-} e para “ducado” um radical vindo do latim {ducat-}.

- “viagem” substantivo masculino

$$(4.55) \quad [\text{viaj}]_{\text{radical não-verbal}} + \{\tilde{\text{a}}\text{o}\} \rightarrow [\text{viajã}\tilde{\text{o}}]_{\text{substantivo masculino}}$$

Há também um caso similar ao encontrado no exemplo (4.23), em que afixações simultâneas e sucessivas à formação com {-ão} acontecem. Para estes dados encontramos {-acho} e {-eiro} participando da formação nesta ordem (exemplo 4.56), somente {-eiro} (exemplo 4.57), {-ejo} (exemplo 4.58) e {-ete} (exemplo (4.59)⁴⁵ como encontrado no exemplo a seguir:

- “simples” adjetivo

$$(4.56) \quad \begin{aligned} &[\text{simpl}]_{\text{radical não-verbal}} + \{\text{acho}\} \rightarrow *[\text{simplacho}] \\ &[\text{simplach}]_{\text{radical não-verbal}} + \{\text{eiro}\} \rightarrow *[\text{simplacheiro}] \\ &[\text{simplacheir}]_{\text{radical não-verbal}} + \{\tilde{\text{a}}\text{o}\} \rightarrow [\text{simplacheirã}\tilde{\text{o}}]_{\text{substantivo masculino}} \end{aligned}$$

$$[\text{simpl}]_{\text{radical não-verbal}} + \{\text{ach}\} + \{\text{eir}\} + \{\tilde{\text{a}}\text{o}\} \rightarrow [\text{simplacheirã}\tilde{\text{o}}]_{\text{substantivo masculino}}$$

- “tolo” adjetivo

$$(4.57) \quad \begin{aligned} &[\text{tol}]_{\text{tema não-verbal}} + \{\text{eiro}\} \rightarrow *[\text{toleiro}] \\ &[\text{toleir}]_{\text{radical não-verbal}} + \{\tilde{\text{a}}\text{o}\} \rightarrow [\text{toleirã}\tilde{\text{o}}]_{\text{substantivo masculino}} \end{aligned}$$

$$[\text{tol}]_{\text{radical não-verbal}} + \{\text{eir}\} + \{\tilde{\text{a}}\text{o}\} \rightarrow [\text{toleirã}\tilde{\text{o}}]_{\text{substantivo masculino}}$$

⁴⁵ Estes sufixos podem ser encontrados em palavras como: fogo/fogacho; certo/certeiro; lugar/lugarejo; farol/farolete. É interessante notar que alguns desses sufixos trazem uma noção de diminutivo/apreço às formas geradas por eles, contudo tais noções não foram encontradas nas formas dos exemplos de (4.56) a (4.59).

- “ave” substantivo feminino

$$(4.58) \quad [av]_{\text{radical não-verbal}} + \{ejo\} \rightarrow * [avejo]$$

$$[avej]_{\text{radical não-verbal}} + \{\tilde{a}o\} \rightarrow [avej\tilde{a}o]_{\text{substantivo masculino}}$$

$$[av]_{\text{radical não-verbal}} + \{ej\} + \{\tilde{a}o\} \rightarrow [avej\tilde{a}o]_{\text{substantivo masculino}}$$

- “moço” substantivo masculino

$$(4.59) \quad [moc]_{\text{radical não-verbal}} + \{ete\} \rightarrow * [mocete]$$

$$[mocet]_{\text{radical não-verbal}} + \{\tilde{a}o\} \rightarrow [mocet\tilde{a}o]_{\text{substantivo masculino}}$$

$$[moc]_{\text{radical não-verbal}} + \{et\} + \{\tilde{a}o\} \rightarrow [mocet\tilde{a}o]_{\text{substantivo masculino}}$$

Outro tipo de formação foi encontrado para as ocorrências com {-ão} e este é similar ao descrito no exemplo (4.22), no qual o morfe se liga ao tema do verbo-base. Três dos dados desta categoria se utilizam de tal processo de maneira direta, sendo eles os seguintes:

- “laje” substantivo feminino

$$(4.60) \quad [laje]_{\text{tema não-verbal}} + \{\tilde{a}o\} \rightarrow [laje\tilde{a}o]_{\text{substantivo masculino}}$$

- “torre” substantivo feminino

$$(4.61) \quad [torre]_{\text{tema não-verbal}} + \{\tilde{a}o\} \rightarrow [torre\tilde{a}o]_{\text{substantivo masculino}}$$

Como dito, o processo pelo qual estes dados passam é similar ao representado no exemplo (4.22), diferenciando deste somente no fato de as bases serem não verbais nesta categoria. Portanto, a representação seria conforme o exemplo (4.62) a seguir:

$$(4.62) \quad [\text{TEMA}]_{\text{não-verbal}} + [\text{morfe}] \rightarrow [[\text{TEMA}]\text{morfe}]_{\text{Substantivo masculino}}$$

Ainda, há um caso especial que se usa do processo descrito no exemplo (4.62). Neste caso, temos uma vogal temática *-e* que assume a forma {-i} durante a formação com {-ão}, se tratando, ainda, de uma formação regular.

- “agude”_{substantivo feminino}

$$(4.63) \quad [\text{agudi}]_{\text{tema não-verbal}} + \{\text{ão}\} \rightarrow [\text{agudião}]_{\text{substantivo masculino}}$$

Encontramos, também casos nos quais uma consoante aparece entre o não-verbo-base e o morfe. Nestes casos, com base em Cagliari e Massini-Cagliari (2000), temos um processo de epêntese consonantal que gera consoantes de ligação. Temos, segundo os autores, condições para podermos considerar uma consoante como epentética no PB (CAGLIARI; MASSINI-CAGLIARI, 2000, p. 171). Tais consoantes devem ser coronais e estariam ocorrendo ou para impedir uma ressilabificação ou um hiato. Dentre os exemplos encontramos aqueles que fazem uso do processo representado no exemplo (4.45) (exemplos 4.64 e 4.65) e outros, no exemplo (4.62) (exemplos 4.66 e 4.67). Devido a esta configuração, o que fora colocado como morfe {-arão} na Subseção 4.1 foi aqui reanalisado como “vogal temática + consoante epentética + {-ão}” conforme vemos no exemplo (4.68).

- “bom”_{adjetivo}

$$(4.64) \quad [\text{bom}]_{\text{radical não-verbal}} + \{\text{ão}\} \rightarrow [\text{bonzão}]_{\text{substantivo masculino}}$$

- “mau”_{adjetivo}

$$(4.65) \quad [\text{mau}]_{\text{radical não-verbal}} + \{\text{ão}\} \rightarrow [\text{mauzão}]_{\text{substantivo masculino}}$$

- “borra” substantivo feminino

(4.66) [borra]_{tema não-verbal} + {ão} → [borratão]_{substantivo masculino}

- “bafo” substantivo masculino

(4.67) [bafo]_{tema não-verbal} + {ão} → [baforão]_{substantivo masculino}

- “lapa” substantivo masculino

(4.68) [lapa]_{tema não-verbal} + {ão} → [laparão]_{substantivo masculino}

Vemos nos exemplos (4.64) a (4.68) que as consoantes que são inseridas entre o radical ou tema e o morfe são todas coronais e de fato ocorrem para evitar uma ressilabificação, quando o radical termina em consoante (exemplo 4.64), ou para evitar hiato, quando o radical termina em vogal (exemplo 4.65) ou quando temos um tema (exemplo 4.66 a 4.68). Ainda que não haja motivo aparente, é interessante notar também que, nestes casos, as cinco ocorrências que em sua formação encontramos {-ão} se ligando a radicais têm, todas, como consoante epentética /z/, enquanto as outras sete, que em sua formação vemos {-ão} se ligando a temas, têm uma variação de consoantes, podendo ter tanto /t/ quanto /r/ como consoantes epentéticas, nos indicando que possa haver um padrão na escolha dessas consoantes.

Por fim, ainda foram encontrados casos inconclusivos de formação mais irregular, que foram categorizados como fora feito na Subseção 4.1.1 desta dissertação. Primeiramente, encontramos um caso cujo contexto é favorável para uma epêntese de consoante por evitar a geração de um hiato na junção interna da palavra formada, mas a consoante a ser inserida não cumpre a condição de ser coronal, sendo, portanto, destoante da regra geral apresentada por Cagliari e Massini-Cagliari (2000) como vemos a seguir:

- “manduri” substantivo masculino

(4.69) [manduri]_{radical não-verbal} + {ão} → [manduricão]_{substantivo masculino}

Encontramos também um caso no qual ocorre uma epêntese vocálica entre o radical do não-verbo-base e o morfe, seguindo o processo de formação geral representado no exemplo (4.45), conforme vemos a seguir:

- “grota” substantivo feminino

(4.70) [grot]_{radical não-verbal} + {ão} → [grotião]_{substantivo masculino}

Outros casos em que há mudança de um segmento consonantal do radical do não-verbo-base. Nestes casos o morfe {-ão} se liga ao final do radical alterado, conforme os exemplos a seguir mostram:

- “fuzil” substantivo masculino

(4.71) [fuzil]_{radical não-verbal} + {ão} → [fuzilhão]_{substantivo masculino}

- “tabardilho” substantivo masculino

(4.72) [tabardilh]_{radical não-verbal} + {ão} → [tabardilhão]_{substantivo masculino}

- “rapaz” substantivo masculino

(4.73) [rapaz]_{radical não-verbal} + {ão} → [rapagão]_{substantivo masculino}

- “nariz” substantivo masculino

(4.74) [nariz]_{radical não-verbal} + {ão} → [narilão]_{substantivo masculino}

- “verbena” substantivo masculino

(4.75) [verben]_{radical não-verbal} + {ão} → [verberão]_{substantivo masculino}

Encontramos também casos com processos mais opacos. Os exemplos de (4.76) a (4.78) usam variações do radical encontradas em outras formas como “corpanzil” de “corpo”, “pedregulho” de “pedra” e “ladravaz” de “ladrão”. Tais formas derivadas já apresentam noções de aumentativo e com a formação com {-ão} seria como se houvesse duplo aumentativo. Contudo, esta noção semântica não foi encontrada nesta pesquisa, e até mesmo o DEH coloca estas formas derivadas com {-ão} simplesmente como aumentativos irregulares de suas bases. Os exemplos são:

(4.76) [corpanz]_{radical não-verbal} + {ão} → [corpanzão]_{substantivo masculino}

(4.77) [pedreg]_{radical não-verbal} + {ão} → [pedregão]_{substantivo masculino}

(4.78) [ladrav]_{radical não-verbal} + {ão} → [ladravão]_{substantivo masculino}

Nos exemplos (4.79) e (4.80) parece que estamos lidando com uma palatalização da consoante /l/, presente no radical, causada pela vogal /i/ (no exemplo 4.79) ou a consoante /g/ (no exemplo 4.80), adjacentes à consoante a ser palatalizada conforme vemos a seguir:

- “folia” substantivo masculino

(4.79) [foli]_{radical não-verbal} + {ão} → [folhão]_{substantivo masculino}

- “pocilga” substantivo masculino

(4.80) [pocil**g**]radical não-verbal + {ão} → [pocil**h**ão]substantivo masculino

Nos exemplos de (4.81) a (4.83) temos a epêntese dos segmentos /t/ (exemplo 4.81) e /g/ (exemplo 4.82 e 4.83) que vêm acompanhados de uma vogal /a/ que poderia ser interpretada como a marca de gênero como o exemplo (4.82) pode nos levar a pensar, mas tal marca não está presente nem em (4.81) nem em (4.83) como vemos a seguir:

- “ingrato” adjetivo

(4.81) [ingrat]radical não-verbal + {ão} → [ingratat**a**ão]substantivo masculino

- “espada” substantivo masculino

(4.82) [espad]radical não-verbal + {ão} → [espadag**a**ão]substantivo masculino

- “março” substantivo masculino

(4.83) [març]radical não-verbal + {ão} → [marçag**a**ão]substantivo masculino

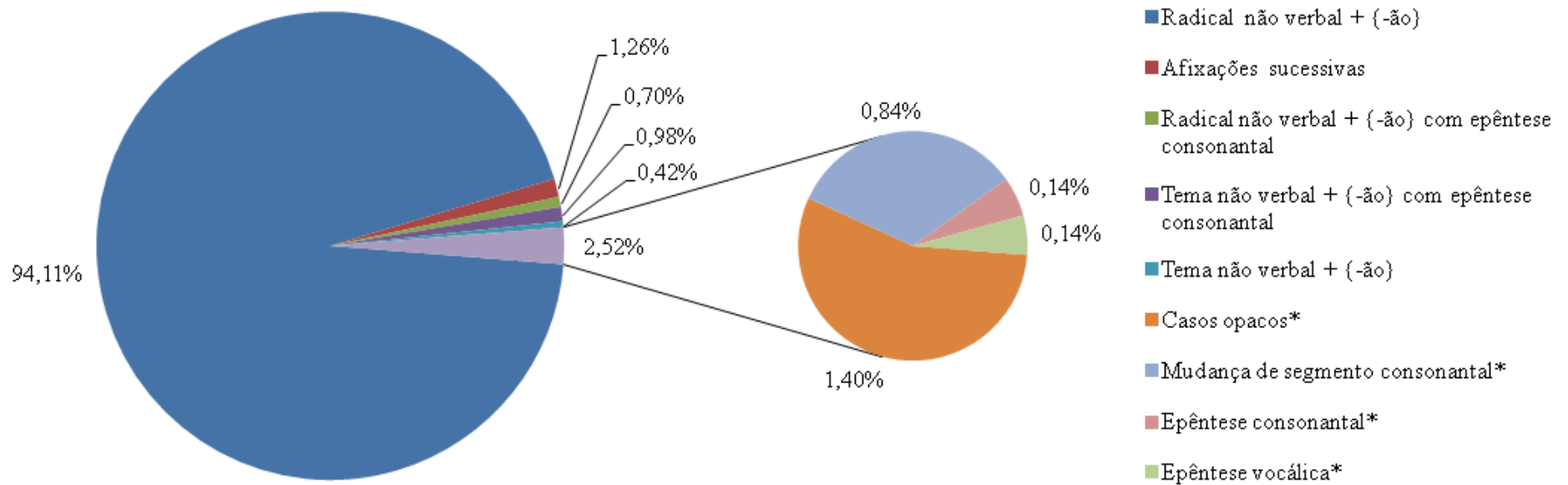
E por fim, no exemplo (4.84) encontramos a vogal /o/ que pode ser interpretada como uma dissimilação de /a/ para evitar o encontro de vogais semelhantes na formação.

- “cova” substantivo feminino

(4.84) [cova]tema não-verbal + {ão} → [covo**o**ão]substantivo masculino

O Gráfico a seguir quantifica proporcionalmente todos os dados desta categoria. A ordem das seções é decrescente, do mais numeroso ao menos, e a projeção menor conta com os casos representados do exemplo (4.69) ao (4.84) como é mostrado na legenda.

Gráfico 4 - Processos morfológicos da Categoria IV



Conforme vemos no Gráfico 4, o processo de formação mais utilizado dentre os dados coletados é aquele em que o morfe se adere ao radical do não-verbo-base, somando todos os casos que fazem uso deste processo de formação geral temos um montante de 96,07% dos dados desta categoria. Os casos em que o morfe se adere ao tema do não-verbo-base são bem menos numerosos, tendo apenas 1,40% dos dados. Ainda, os 2,52% restantes representam os dezoito casos que foram marcados como inconclusivos para as formações com {-ão}, a partir de não-verbos-bases.

Por fim, para a Categoria IV encontramos um único morfe, {-ão}, que pode desencadear dois processos de formação gerais (descritos nos exemplos 4.45 e 4.62), pelo menos um processo morfofonológico (representado pelos exemplos de 4.64 a 4.68) e uma série de outros casos ainda inconclusivos e que merecem maiores estudos.

4.1.6 Categoria V - Palavras com bases não verbais em {-alhão}

Nesta categoria, os morfemes encontrados foram, a princípio, {-alhão}, {-ilhão} e {-ilão}. Comparando com os resultados da Categoria II, que possui morfemes semelhantes aos desta, poderíamos supor que as vogais iniciais dos morfemes citados acima não fariam parte do morfe em si, como fora visto para os dados com bases verbais. Contudo, não encontramos contexto que suporte tal suposição para esta categoria.

Separando os dados de acordo com a vogal final deles, percebemos que, independentemente dela, podemos encontrar os morfemes atuando (com exceção de {-ilão}, que aparece somente em uma ocorrência), conforme vemos a seguir:

- Ocorrências com vogal final <a>

(4.85) **besta** → **bestalhão**

(4.86) **gruta** → **grutilhão**

- Ocorrências com vogal final <e>

(4.87) grande → grand**alhão**

(4.88) dente → dent**ilhão**

- Ocorrências com vogal final <o>

(4.89) amigo → amig**alhão**

(4.90) curvo → curv**ilhão**

(4.91) santo → sant**ilhão**

Por conseguinte, não foi possível agrupar os morfemas como fizemos anteriormente, deixando-nos com três morfemas que realizam o processo de formação descrito no exemplo (4.45), conforme vemos a seguir:

- “cama” substantivo feminino

(4.92) [cam]_{radical não-verbal} + {alhão} → [camalhão]_{substantivo masculino}

- “rabo” substantivo masculino

(4.93) [rab]_{radical não-verbal} + {ilhão} → [rabilhão]_{substantivo masculino}

- “santo” substantivo masculino

(4.94) [sant]_{radical não-verbal} + {ilhão} → [santilhão]_{substantivo masculino}

Além desses, encontramos um único caso inconclusivo devido à sua opacidade com relação ao processo de formação que sofre. Tal dado é “zangaralhão”. Segundo o

DEH, sua base seria “zangalho”; assim, seguindo a formação esperada, teríamos “zangalhalhão”, conforme é mostrado a seguir:

- “zangalho” substantivo masculino

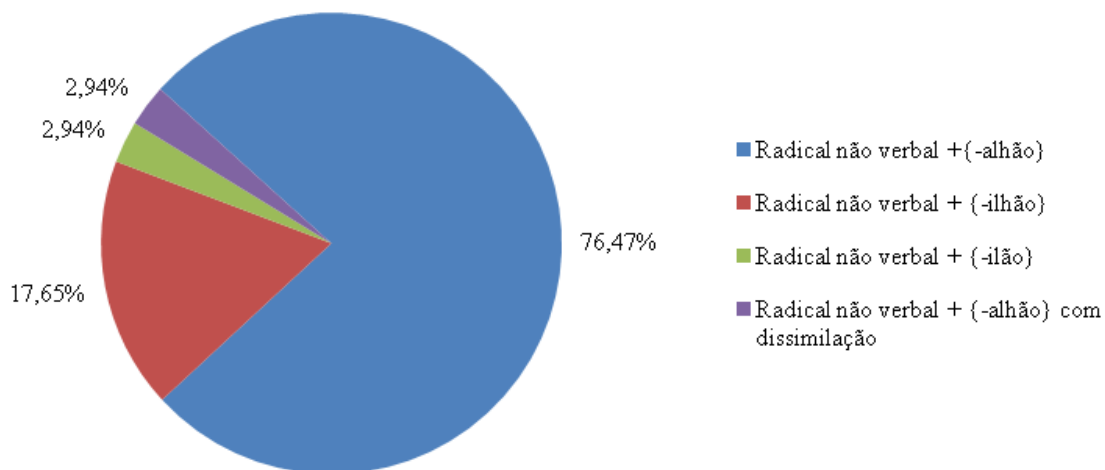
$$(4.95) \quad [\text{zangalh}]_{\text{radical não-verbal}} + \{\text{alhão}\} \rightarrow [\text{zangalhalhão}]_{\text{substantivo masculino}}$$

É provável que tenha ocorrido uma dissimilação de /k/ para /t/, com a finalidade de a formação estar de acordo com o OCP, resultando na representação seguir:

$$(4.96) \quad [\text{zangalh}]_{\text{radical não-verbal}} + \{\text{alhão}\} \rightarrow [\text{zangaralhão}]_{\text{substantivo masculino}}$$

O gráfico a seguir apresenta a quantificação proporcional dos processos desta categoria.

Gráfico 5 - Processos morfológicos da Categoria V



No Gráfico 5, podemos ver que o morfe {-alhão} é o mais numeroso nesta categoria. É interessante notar, ao comparar este e o Gráfico 3, que enquanto neste só encontramos a formação expressa no exemplo (4.45), o outro tem como formação mais numerosa a que faz uso do tema da base, algo que neste não foi encontrado.

Assim sendo, nesta categoria encontramos três morfemes diferentes ({-alhão}, {-ilhão} e {-ilão}), um processo de formação (representado no exemplo 4.45) e um caso irregular (representado nos exemplos 4.95 e 4.96)

4.1.7 Categoria VI - Palavras com bases não verbais em {-arrão}

Foram separados, a princípio, dois morfemes nesta categoria, sendo eles {-arrão} e {-arão}. Contudo, como visto na Subseção 4.1.5, {-arão} foi reanalisado como sendo a composição de “vogal temática + consoante epentética + {-ão}”. Desse modo, as formações encontradas foram uma que segue o processo de formação do exemplo (4.45) e outras formações irregulares. Nesta categoria, como na anterior, encontramos o morfeme {-arrão} independentemente de qual seja a vogal final do não-verbo-base, conforme podemos verificar a seguir:

- “barba” substantivo feminino

(4.97) [barb]_{radical não-verbal} + {arrão} → [barbarrão]_{substantivo masculino}

- “enfeite” substantivo masculino

(4.98) [enfeit]_{radical não-verbal} + {arrão} → [enfeitarrão]_{substantivo masculino}

- “bicho” substantivo masculino

(4.99) [bich]_{radical não-verbal} + {arrão} → [bicharrão]_{substantivo masculino}

Encontramos também um caso em que há o uso de um alomorfe de radical mais marcado que ignora uma parte do radical menos marcado, semelhante ao que vimos para os exemplos de (4.53) a (4.55) sobre a extrametricidade da parte átona do radical, como visto a seguir:

- “nuvem” substantivo feminino

(4.100) [nuv]_{radical não-verbal} + {arrão} → [nuvarrão]_{substantivo masculino}

Outras ocorrências retomam aquilo que foi colocado para os exemplos (4.64) a (4.68) sobre epêntese consonantal. Neste caso temos a epêntese de /z/ evitando uma ressilabificação na juntura interna da palavra formada:

- “cão” substantivo masculino

(4.101) [can]_{radical não-verbal} + {arrão} → [canzarrão]_{substantivo masculino}

- “homem” substantivo masculino

(4.102) [homem]_{radical não-verbal} + {arrão} → [homenzarrão]_{substantivo masculino}

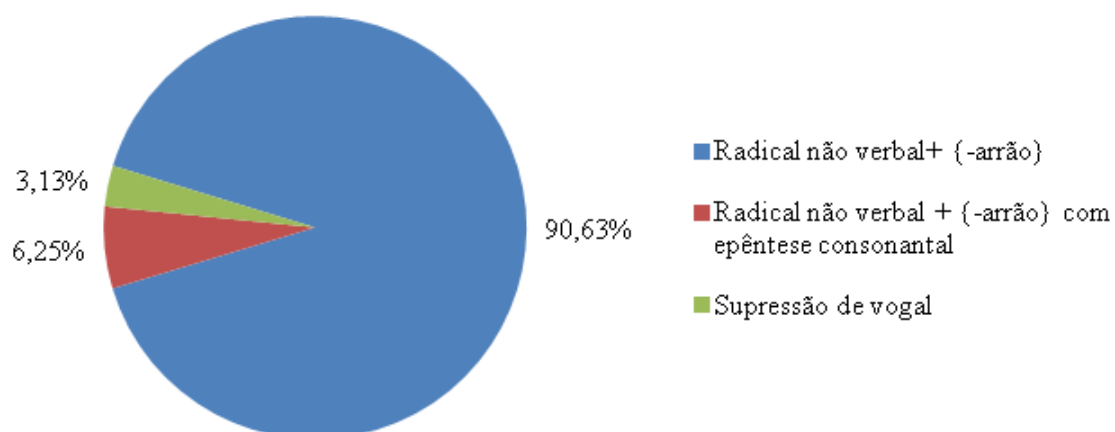
Por fim, um caso inconclusivo foi encontrado com {-arrão}, no qual há a supressão do segmento vocálico /i/ durante a formação, conforme visto a seguir:

- “sítio” substantivo masculino

(4.103) [síti]_{radical não-verbal} + {arrão} → [sitarrão]_{substantivo masculino}

O gráfico a seguir relaciona as proporções de dados entre os processos encontrados para esta categoria:

Gráfico 6 - Processos morfológicos da Categoria VI



No Gráfico 6 vemos que todos os processos realizados seguem o processo geral representado no exemplo (4.45).

Assim, foi encontrado somente um morfe para a Categoria VI, sendo ele {-arrão}. Tal morfe pode desencadear um único processo de formação (representado no exemplo 4.45) e um único processo morfofonológico (representado pelos exemplos 4.101 e 4.102) além de um processo inconclusivo (representado no exemplo 4.103).

4.1.8 Resumo dos resultados para as categorias de base não verbal

Nas Subseções 4.1.6, 4.1.7 e 4.1.8, descrevemos os dados das categorias de bases não verbais e nelas encontramos cinco morfes diferentes: {-ão}, {-alhão}, {-ilhão}, {-ilão} e {-arrão}.

Como dito anteriormente, os morfes citados possuem os mesmos processos flexionais, podendo ou não flexionar quanto ao gênero com a terminação <ão> para masculino singular e <ona> para feminino, e flexionar quanto ao número com <ão> para singular e <ões> para o masculino plural, mais uma vez mostrando a regularidade que dos morfes analisados, tanto com bases verbais, quanto, não verbais.

Em relação a processos derivacionais, ao menos dois podem ser desencadeados por estes morfes, sendo que:

- Todos os morfemes podem realizar o processo de formação representado no exemplo (4.45);
- somente {-ão} pode realizar o processo de formação representado no exemplo (4.62);
- Foram encontrados casos inconclusivos para formações com {-ão}, {-alhão} e {-arrão}.

Por fim, {-ão} e {-arrão} podem desencadear pelo menos um processo morfológico, que é o de epêntese consonantal (representado pelos exemplos 4.101 e 4.102).

Assim, por estes morfemes terem flexões e realizarem processos de formação semelhantes, poderíamos, a princípio, agrupá-los como realizações de um único morfema, sendo este chamado aqui de “-ão não verbal”. Contudo, não há um contexto que limite a escolha entre estes cinco morfemes, que realizam o dito morfema, sendo “santo” (que admite todos estes morfemes com exceção de {-ilhão}), o principal exemplo dessa falta de contexto. As formas “santão”, “santalhão”, “santilão” e “santarrão” são consideradas como sinônimos pelo DEH, com entradas que direcionam o usuário do dicionário para “santarrão”, sendo tal forma a mais utilizada. Esta relação pode nos indicar uma variação livre entre as formas, que poderá ser corroborada a partir das próximas subseções que apresentarão o levantamento semântico feito dos dados coletados.

4.2 A profusão de sentidos dos morfemas em <ão>

Os significados encontrados para os dados das seis categorias focalizadas foram bem amplos a cada uma. Contudo, poucas diferenças foram encontradas entre as tais categorias, sendo estas diferenças mais quantitativas que qualitativas. A princípio, a depender de a base ser um verbo ou um não verbo, encontramos dois agrupamentos de sentidos diferentes: um que relaciona as noções de agente, ação e resultado de ação dos verbos-bases e outro que relaciona noções mais amplas, desde a dimensão do não-verbo-base à determinação de alguém ou algo a partir do não-verbo-base, além de lexicalizações encontradas em ambos os agrupamentos.

Posto isso, foram encontrados cinco grupos de sentido possíveis nas categorias de base verbal. O primeiro dos grupos englobou os significados que continham a noção de agente como aquele que realiza a ação do verbo-base. Tal grupo, portanto, foi nomeado como “Agente” e pode ser subdividido em cinco subgrupos, de acordo com a especialização de sentido dada a esta noção de agente ou ao verbo-base:

- Agente puro: Quando somente há a noção de agente do verbo-base.

(4.104) chupão: que ou aquele que chupa, que suga.

- Intensidade: Quando, além da noção de agente do verbo-base, este agente realiza a ação de maneira intensa.

(4.105) corrao: muitíssimo veloz na corrida (diz-se de indivíduo).

- Frequência: Quando, além da noção de agente do verbo-base, este agente realiza a ação frequentemente.

(4.106) beberrão: que ou aquele que bebe muito ou freq. se alcooliza; ébrio.

- Pejorativo: Quando o uso do morfe traz uma noção pejorativa com especialização de sentido para o agente do verbo-base⁴⁶.

(4.107) furão₍₂₎: que ou quem falta a compromisso ou promessa feita (diz-se de pessoa).

⁴⁶ Deve-se notar que foi considerada para esta divisão somente a noção pejorativa que fora trazida pela derivação com *-ão*; os casos em que o verbo-base já era essencialmente pejorativo não foram considerados nesta divisão.

- Especialização: Quando, além da noção de agente do verbo-base, há uma especialização mais específica no sentido do verbo-base.

(4.108) lambarão: [mesmo que] lambuzão (‘desleixado’).

Outro grupo encontrado, engloba os significados que remetem a ação do verbo-base (nomeamos assim este grupo como “Ação”). As mesmas subdivisões para o grupo anterior foram encontradas neste, como vemos a seguir.

- Ação pura: Quando há somente a noção de ação do verbo-base, sem alguma especialização.

(4.109) estirão: ato de estirar, puxando; estiramento.

- Intensidade: Quando, além da noção de ação do verbo-base, a ação é realizada de maneira intensa.

(4.110) gabão₍₁₎: o que gaba, elogia muito.

- Frequência: Quando, além da noção de ação do verbo-base, a ação é realizada frequentemente.

(4.111) abusã₍₂₎: mau uso ou uso excessivo (de um direito, permissão etc.); abuso.

- Pejorativo: Quando o uso do morfe traz uma noção pejorativa com especialização de sentido para a ação do verbo-base.

(4.112) apertão: aperto dado com propósito libidinoso; apalpão.

- Especialização: Quando, além da noção de ação do verbo-base, há uma especialização mais específica no sentido dele.

(4.113) atracão: ato de abordar alguém com pedido insistente.

No próximo grupo, recaíram os significados que remetem a um resultado causado ao se realizar a ação do verbo-base (portanto, nomeamos o grupo como “Resultado da ação”). Não houve subdivisões neste grupo.

(4.114) torcilhão: objeto torcido irregularmente.

Por fim, no grupo nomeado como “Lexicalização” foram colocados os dados com significados que foram considerados como formas lexicalizadas, ou seja, aquelas em que, ainda que possamos encontrar o verbo-base e o morfe adjungido a ele, há pouca relação entre os significados entre forma derivada e a base. Na maior parte das vezes o vocábulo passou a ser designação comum para animais e plantas, mas também podem ser encontrados designando coisas no geral.

(4.115) golpeão: ferramenta que tem de um lado um machado e de outro uma enxada e que se utiliza para derrubar árvores e arrancar-lhes as raízes.

Para as bases não verbais, encontramos 3 grupos de sentido distintos. O primeiro deles engloba dados com sentidos nos quais a adesão do morfe altera a dimensão do não-verbo-base (nomeamos o grupo como “Dimensão”, portanto). Neste grupo há casos em que a adesão do morfe alterou a dimensão para mais, marcando aumentativos, e outros pra menos, marcando diminutivos, (sendo estes últimos casos muito pouco numerosos).

(4.116) pratarrão: prato grande.

(4.117) grotilhão: pequena grotta.

Outro grupo é composto por dados com sentidos que remetem àquilo que é determinado pelo não-verbo-base como se tal não-verbo-base fosse uma característica deste determinado (assim, nomeamos o grupo como “Determinado”). Este grupo foi dividido em cinco especializações de sentido que somam à ideia de determinado:

- Determinado puro: Quando há somente a noção de determinado.

(4.118) relvão: terreno em que há relva crescida.

- Reforço: Quando há um reforço, uma ênfase no sentido do não-verbo-base.

(4.119) grandalhão: diz-se de ou indivíduo corpulento e alto.

- Idade: Quando o não-verbo-base marca a idade do determinado.

(4.120) setentão: que ou aquele que está na faixa dos 70 anos de idade; setuagenário, septuagenário.

- Pejorativo: Quando é somada uma noção quista como pejorativa ao determinado.

(4.121) frescalhão: que ou aquele que possui modos efeminados.

- Especialização: Quando o sentido somado à ideia de determinado, trazido pela especialização, é muito específico.

(4.122) brandalhão: que ou quem é muito preguiçoso; moleirão.

Como último grupo temos o das “Lexicalizações”, que seguem o mesmo princípio daquelas encontradas para os dados derivados de bases verbais, sendo também na maior parte designações de animais, plantas e coisas no geral.

(4.123) lamarão: lagoa formada pela chuva nas depressões de um terreno.

Por fim, nas subseções a seguir, apresentamos este levantamento por categorias quantificando os grupos expostos e exemplificando-os com dados de cada categoria.

4.2.1 Categoria I – Palavras deverbais com {-ão}

O levantamento semântico nesta categoria retornou uma série de sentidos diferentes, até mesmo para uma única palavra. Tais sentidos podem ser enquadrados nos cinco grupos expostos anteriormente:

- Agente:
 - Agente puro:

(4.124) gingão: que ginga, ou próprio de quem ginga; gigante.

(4.125) rinchão: que rincha ou relincha (diz-se de animal).
 - Intensidade:

(4.126) corrao: muitíssimo veloz na corrida (diz-se de indivíduo).

(4.127) queimão₍₂₎: que queima, que arde muito (diz-se especialmente de pimenta).
 - Frequência:

(4.128) babão: que ou aquele que (se) baba muito; baboso.

(4.129) fujão: que ou o que está constantemente fugindo.
 - Pejorativo:

(4.130) adivinhão: aquele que julga adivinhar ou saber tudo.

(4.131) mandão: que ou aquele dado a mandar, que ordena com arrogância e imperativamente; mandador.

- Especialização:

(4.132) cavão: indivíduo que trabalha cavando.

(4.133) ganhão: aquele que ganha ou que faz qualquer tipo de trabalho; ganhadeiro.

- Ação:

- Ação pura:

(4.134) arrojão: ato ou efeito de arrojar, arrastar, conduzir algo que se mantém em contato com o chão.

(4.135) tropicão: ato ou efeito de tropicar; tropeção.

- Intensidade:

(4.136) abanão: ato de abanar com vigor ou força.

(4.137) pisão: pisada forte.

- Frequência:

(4.138) abusão₍₂₎: mau uso ou uso excessivo (de um direito, permissão etc.); abuso.

- Pejorativo:

(4.139) apalpão: apalpadela realizada de modo grosseiro ou obsceno.

- Especialização:

(4.140) cutucão: golpe com instrumento cortante; facada, cutilada.

(4.141) desgarrão: impulso violento; empurrão, esgarrão.

- Resultado da ação:

(4.142) arranhão: pequena escoriação ou ferimento superficial; arranhadura, arranhado.

(4.143) morsegão: pedaço de qualquer coisa, arrancado com os dentes.

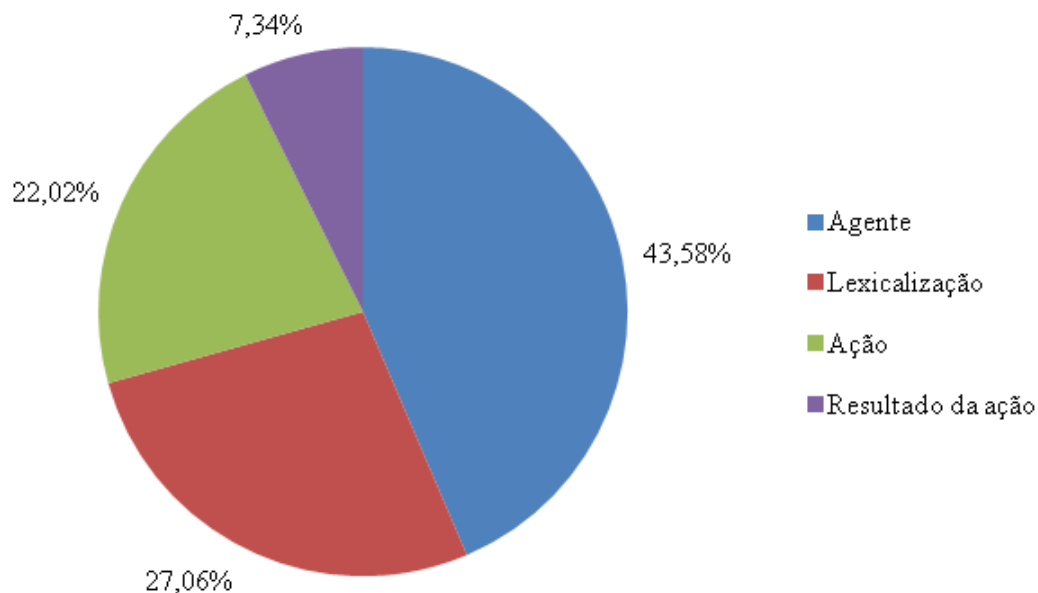
- Lexicalização:

(4.144) cação₍₁₎: tubarão; design. comum aos peixes condrictes, elasmobrânquios e eusseláquios, de pequeno e médio porte, corpo fusiforme e fendas branquiais laterais; cação [São predadores, e grande parte das spp. não oferecem perigo ao homem; embora de discutida qualidade, sua carne é muito consumida].

(4.145) pisão: máquina us. para dar maior consistência ao tecido, apertando e batendo; fula.

Quantificando os cinco grupos, chegamos ao gráfico a seguir:

Gráfico 7 - Quantificação de significados encontrados para os dados da Categoria I



Vemos no Gráfico 7 que a noção de agente é a mais numerosa (43,58%) entre os significados levantados para este grupo. Esse número grande nos indica que a função principal do morfe {-ão} ao se ligar a bases verbais é a de nominalizador da ação do verbo marcando quem realiza a ação.

4.2.2 Categoria II – Palavras deverbais com {-alhão}

Encontramos, para esta categoria, pouca diferença em relação aos sentidos apresentados na Subseção 4.2.1, com diferenças somente quantitativas, como vemos a seguir:

- Agente:

- Agente puro:

(4.146) revendilhão: que ou quem compra mercadorias para revendê-las.

- Frequência:

(4.147) brigalhão: que ou quem tende a se envolver em brigas e altercações com certa impulsividade e frequência; brigão, brigoso, briguento.

(4.148) gritalhão: que ou o que grita em excesso.

- Pejorativo:

(4.149) benzilhão: que ou quem pretensamente afasta o mal, defende de feitiços e cura doenças com benzeduras, eventualmente predizendo tb. o futuro; benzedor.

- Especialização:

(4.150) armalhão: indivíduo que se julga muito esperto, muito hábil.

(4.151) vendilhão: indivíduo que vende suas mercadorias pelas ruas, sem um ponto fixo; vendelhão.

- Ação pura:

(4.152) torcilhão: ato ou efeito de torcer; torção, torcedura.

- Resultado da ação:

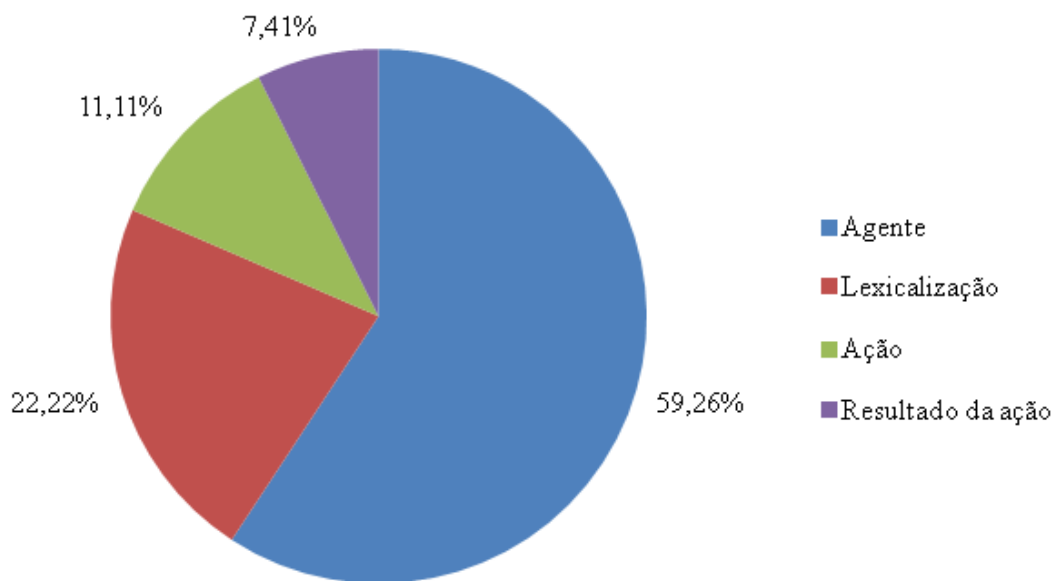
(4.153) cagalhão: quantidade de excrementos.

- Lexicalização:

(4.154) descantilhão: régua curta us. para riscar pedras ou madeiras nos respectivos cortes.

Quantificando os significados encontrados, temos o seguinte gráfico:

Gráfico 8 - Quantificação de significados encontrados para os dados da Categoria II



Comparando ao Gráfico 7, novamente a noção de agente é a mais numerosa reforçando o fato de que esta noção seja a principal em bases verbais.

4.2.3 *Categoria III – Palavras deverbais com {-arrão}*

Esta categoria é a menos numerosa das criadas, contando com apenas duas ocorrências. Os dois dados que a compõem são os seguintes:

(4.155) beberrão: que ou aquele que bebe muito ou freq. se alcooliza; ébrio.

(4.156) cagarrão: [mesmo que] cagalhão ('covarde').

Quanto aos significados encontrados, como visto nos exemplos (4.155) e (4.156), temos a noção de agente com (4.155) tendo uma especialização mais voltada para a intensidade e a frequência, e (4.156), sendo uma significação mais especializada. Ainda, é interessante notar que, mesmo com apenas dois dados, a noção de agente foi a encontrada o que é significativo visto pelos Gráficos 7 e 8.

4.2.4 *Categoria IV – Palavras de base não verbal com {-ão}*

Como vimos, foram colocados nesta categoria os dados mais comuns de formações com {-ão}, os tradicionalmente relacionados à ideia de grau aumentativo de nomes. Contudo, apesar desta relação tradicional, os sentidos encontrados para os dados nesta categoria foram bem mais amplos, como pode ser visto a seguir:

- Dimensão:
 - Dimensão maior:

(4.157) blusão: blusa grande.

(4.158) lanchão: grande lancha.

- Dimensão menor:

(4.159) caravelão: caravela rudimentar de pequeno porte.

(4.160) rabão: cujo rabo é curto ou cortado.

- Determinado:

- Determinado puro:

(4.161) fadistão: indivíduo com modos de fadista ('rufião, cáften').

(4.162) vozeirão: indivíduo dotado desse tipo de voz.

- Reforço:

(4.163) amigão: amigo dedicado, grande amigo; amigaço, amigalhaço, amigalhão.

(4.164) mauzão: muito mau, excessivamente ruim.

- Idade:

(4.165) noventão: que ou aquele que atingiu os noventa anos de idade.

(4.166) quatrocentão: que já completou ou existe há 400 anos.

- Pejorativo:

(4.167) garotão: rapaz ou adulto imaturo.

(4.168) tipão: indivíduo excêntrico; tipo estranho, curioso.

- Especialização:

(4.169) largadão: cujo comportamento não se ressent de constrangimentos.

(4.170) pesadão: que é vagaroso, lerdo.

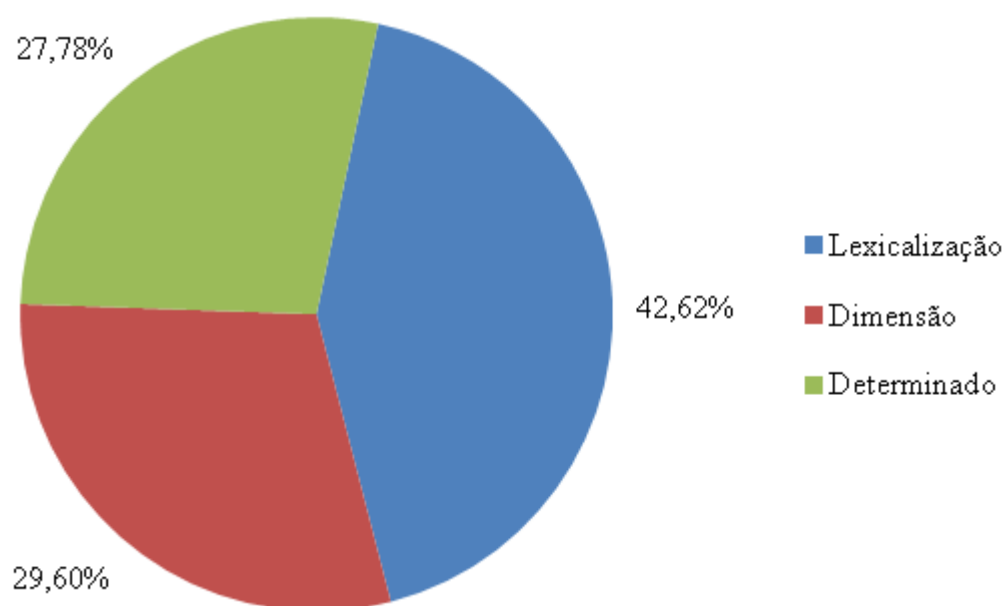
- Lexicalizações:

(4.171) pescoção: qualquer pancada com a mão desferida numa pessoa; tabefe, taponar.

(4.172) remendão: diz-se de ou sapateiro que conserta sapatos.

A partir deste levantamento, o gráfico a seguir foi feito, mostrando as relações de proporção entre os sentidos levantados.

Gráfico 9 - Quantificação de significados encontrados para os dados da Categoria IV



Podemos ver no Gráfico 9 que, para esta categoria, os dados mais numerosos foram os de lexicalização, algo até então esperado, uma vez que dicionários tendem a não apresentar vocábulos que possuem derivações mais regulares e com significados melhor recuperados intuitivamente pelo falante, como são a maioria dos casos com os morfemas em *-ão* que têm a noção de dimensão.

4.2.5 Categoria V – Palavras de base não verbal com {-alhão}

Nesta categoria, colocamos as palavras derivadas a partir de nomes com o morfe {-alhão} e terminações semelhantes (como {-ilhão} e {-ilão}). O levantamento semântico nos retornou os mesmos três grupos de formação, como vemos a seguir:

- Dimensão:
 - Dimensão maior:

(4.173) dentilhão: dente de grande tamanho.

(4.174) moçalhão: rapaz alto, corpulento e vistoso; rapagão.

- Dimensão menor:

(4.175) grotilhão: pequena grotta.

- Determinado:

- Determinado puro:

(4.176) parvalhão: pessoa parva; parvajola.

- Reforço:

(4.177) bambalhão: que ou o que é muito frouxo, muito bambo.

(4.178) ricalhão: que ou quem é muito rico; ricaço.

- Pejorativo:

(4.179) espertalhão: que ou quem age, ou tenta agir, utilizando meios pouco honestos; que ou quem trai a confiança de outrem; finório.

(4.180) fradalhão: frade corpulento, robusto.

- Especialização:

(4.181) frescalhão: bem conservado, apesar da idade.

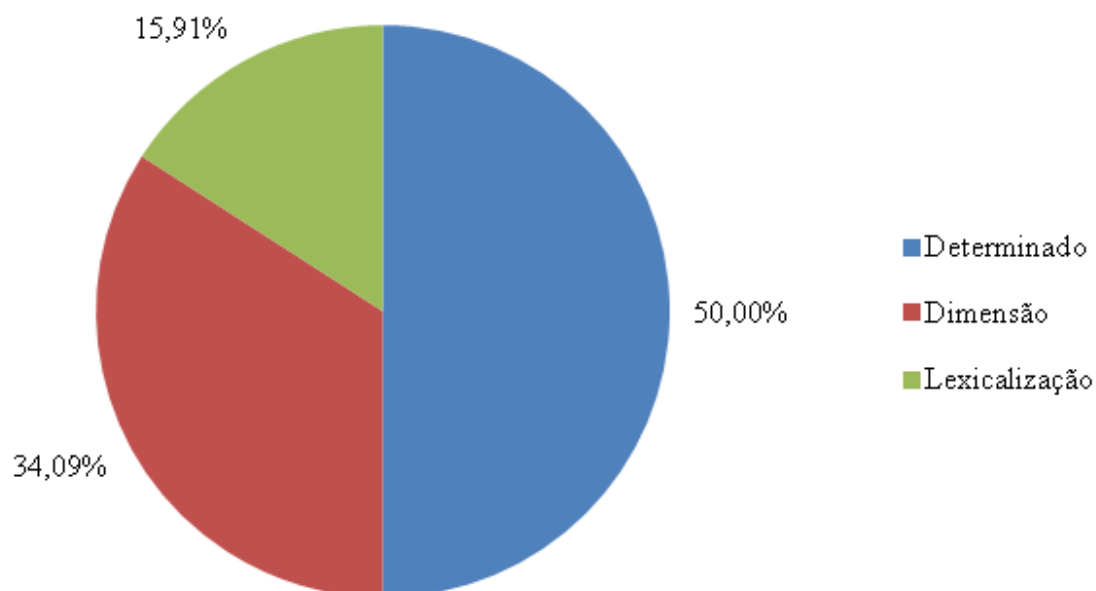
- Lexicalizações:

(4.182) camalhão: trecho de terra mais elevado, entre dois regos, que se utiliza para sementeira.

(4.183) fardalhão: farda ('vestimenta') suntuosa, pomposa; fardão.

Quantificando os sentidos desta categoria, temos o gráfico a seguir:

Gráfico 10 - Quantificação de significados encontrados para os dados da Categoria V



No Gráfico 10 vemos que os sentidos com noção de determinado acabaram sendo mais numerosos, mostrando que, diferentemente do que se viu na Subseção 4.2.4, os sentidos menos especializados acabam sendo mais presentes, isso pode se dar devido ao fato de os morfemas nessa categoria serem mais marcados que o morfema {-ão}, para aumentativos, desse modo poucas lexicalizações foram encontradas.

4.2.6 Categoria VI – Palavras de base não verbal com {-arrão}

Comparados aos casos da Categoria III, que engloba as formações de {-arrão} e semelhantes a partir de verbos, nesta categoria encontramos uma quantidade de dados maior e que, por sua vez, tem uma gama mais ampla de sentidos possíveis. Os significados encontrados foram divididos nos três grupos de sentidos para bases não verbais, como vemos a seguir:

- Dimensão:

- Dimensão maior:

(4.184) homenzarrão: homem corpulento e/ou alto; homão.

(4.185) sitarrão: sítio ou quinta grande.

- Determinado:

- Reforço:

(4.186) doidarrão: que ou quem é ou está muito doido; doidão, doidarraz, doudarraz.

(4.187) quietarrão: de muito pouco falar; caladão.

- Pejorativo:

(4.188) fidalgarrão: indivíduo presumido que ostenta fidalguia, sem necriamente possuir origens nobres.

(4.189) santarrão: que ou aquele que simula pureza, santidade; falso beato.

- Especialização:

(4.190) barbarrão: ancião venerável.

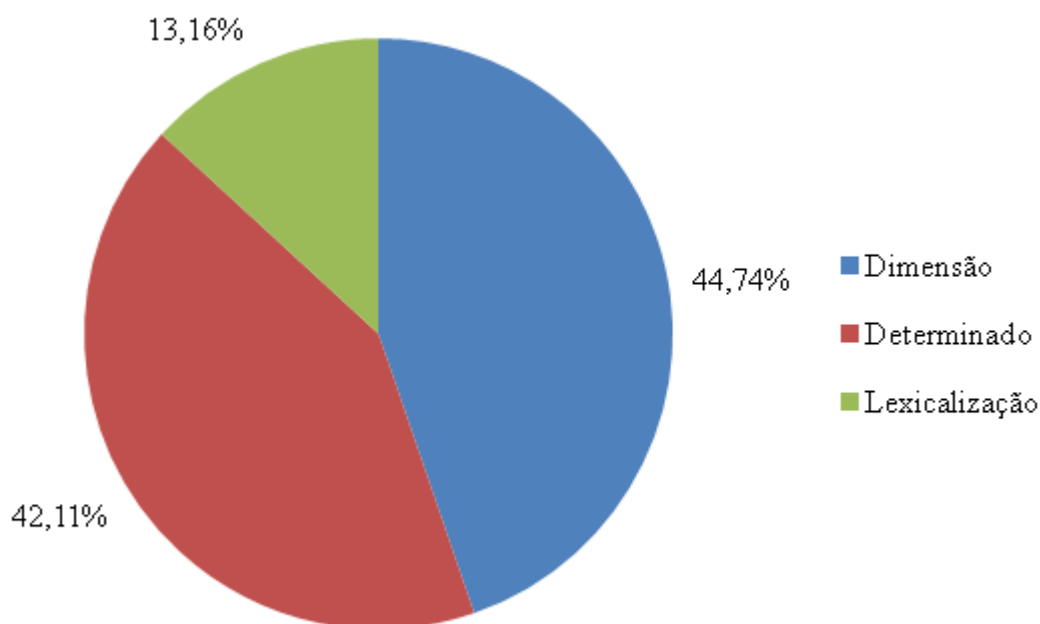
- Lexicalizações:

(4.191) conceitarrão: belo, bom, excelente conceito; conceitarraz.

(4.192) macharrão: onça macho, depois de adulta.

No gráfico a seguir, apresentamos a quantificação dos sentidos dos dados desta categoria:

Gráfico 11 - Quantificação de significados encontrados para os dados da Categoria V



Nele, vemos que as noções de Determinado e Dimensão são as mais numerosas, deixando novamente menos ocorrências para os casos de lexicalização, ao compararmos com os dados da Subseção 4.2.4 e reforçando o fato mencionado para o Gráfico 10 em relação a esses morfemas serem mais marcados e, portanto, apresentar mais dados que não os lexicalizados por conta de suas formações menos padrão.

4.3 Considerações finais

Como pudemos ver nesta seção, as categorias focalizadas são muito próximas quanto às suas flexões em gênero e número. Quanto aos processos de formação, também vemos uma semelhança grande entre os morfemas encontrados. Consideramos, separadamente, dois morfemas cunhados como *-ão* verbal e *-ão* não verbal, mas o fato de um se ligar a bases verbais e outro a bases não verbais seriam a principal diferença morfológica entre eles, visto que encontramos processos de formação muito semelhantes na composição dos dados.

Quanto aos seus sentidos, as semelhanças também foram grandes entre os morfemas. A princípio, a depender do tipo de base, temos dois grupos específicos de

morfes com um agrupamento de sentido próprio. Os dados derivados de bases verbais têm sentidos relacionados a ideias de ação do verbo-base, como a noção de ação propriamente dita, a de agente e de resultado da ação. Quanto aos dados derivados de bases não verbais, os sentidos encontrados são outros, relacionados ou com uma noção de dimensão, ou com uma noção de determinado pelo não-verbo-base, quando este é um adjetivo, em sua maioria. Além destas noções, encontramos lexicalizações em ambos os agrupamentos.

Dentro destes dois agrupamentos de sentido, no entanto, a diferença encontrada foi meramente quantitativa: as categorias dentro dos agrupamentos continham os mesmos significados possíveis, com diferenças na quantidade de um ou outro sentido, como os gráficos de 7 a 11 mostram. Mesmo ao utilizar a técnica de pares mínimos, como em “santarrão” e “santilão” ou “amigão” e “amigalhão”, encontramos uma sinonímia entre os pares. Tendo isso em vista, é interessante notar que, ainda que não haja diferença de significado nos pares mínimos encontrados na coleta, outros dados da língua que não foram encontrados no DEH mostram certa diferença ao serem analisados a partir de pares mínimos. Comparando, por exemplo, “espertão” com “espertalhão” (sendo este último um dado que compõe o *corpus* desta pesquisa), vemos que o primeiro é usado para designar pessoas muito espertas ou até prepotentemente espertas e o segundo para designar pessoas que agem de maneira desonesta e traem a confiança de outros. Contudo, ainda que seja possível este pareamento, há poucos dados que nos permitam inferir que tal diferença de significado, mais especializada e pejorativa, seja dada pelo morfe {-alhão} em relação ao morfe {-ão} (configurando-os como realizações de morfemas diferentes), além do fato de não haver outros dados no *corpus* que possam corroborar esta ideia.

Portanto, com base nos resultados apresentados, as evidências nos levam a acreditar que temos dois morfemas *-ão*. Ainda que no ponto de vista morfológico os processos flexionais e derivacionais sejam muito semelhantes, podemos ver que os morfes encontrados entre as categorias verbais não são os mesmos encontrados entre as categorias não verbais, havendo somente o morfe {-ão} presente em ambos, mas são meramente homófonos, visto que um desencadeia processos que o outro não desencadeia. Outra evidência é que, ao levantar os significados possíveis entre os morfemas, vemos que o agrupamento de sentidos é totalmente diferente quando os

morfes são adjungidos a radicais ou temas verbais, em relação ao encontrado quando são adjungidos a radicais ou temas não verbais, não havendo intersecções de sentidos.

Contudo um contra-argumento sobre a existência de somente dois morfemas são suas realizações. Vimos que o chamado *-ão* verbal pode ser realizado por quatro morfes, ainda que não haja contexto que justifique a escolha entre eles. O mesmo pudemos aferir para *-ão* não verbal e seus cinco morfes. Uma solução para este problema seria considerar todos estes morfes como morfemas independentes, mas como mostrado até então, não há justificativa morfológica ou semântica para tal interpretação e ao segui-la acabaríamos considerando nove morfemas independentes que podem trazer os mesmos significados e desencadear os mesmos processos, o que seria inviável.

Portanto, com base nestas considerações, temos para este trabalho, um morfema *-ão* verbal que se adjunge principalmente a temas verbais, e que tem como realizações {-ão}, {-lhão}, {-lão} e {-rrão}, sem um contexto específico que determine a escolha de um ou outro, com todos podendo trazer ao verbo-base sentidos relacionados à ação, ao agente ou ao resultado da ação dos verbos-bases; e um outro morfema *-ão* não verbal que se adjunge a bases não verbais, tem como realizações {-ão}, {-alhão}, {-ilhão}, {-ilão} e {-arrão}, sem um contexto específico que determine a escolha de um ou outro, com todos podendo trazer ao não-verbo-base sentidos relacionados à dimensão dele ou a algum ser determinado por este não-verbo-base; além das lexicalizações que tanto as formas com *-ão* verbal, quanto aquelas com *-ão* nominal puderam gerar.

5 FONOLOGIA LEXICAL DAS FORMAÇÕES COM OS MORFEMAS {-ÃO}: A HIERARQUIA DOS PROCESSOS MORFOLÓGICOS E FONOLÓGICOS

Nesta seção, buscamos apresentar as análises dos processos encontrados na seção anterior, utilizando conceitos da Fonologia Lexical. Primeiramente, esta análise englobará todos os processos descritos na Seção 4, com exceção dos casos marcados como inconclusivos, por conta da necessidade de um estudo mais aprofundado deles, a fim de explaná-los de maneira mais ampla. Ainda que este recorte seja feito, estas análises dão conta da grande maioria das ocorrências coletadas, como vemos no Gráfico 12.

Os dados a serem analisados nesta seção compõem 97,63% dos 933 dados coletados e neles encontramos como processos de formação de palavra:

- um no qual os morfemas se aderem ao radical da base, que é o caso mais numeroso com 78,67% dos dados, além de formações variantes dessa que ou contam com outros morfemas além de {-ão} durante a formação (1,07%) ou desencadeiam um processo morfofonológico de epêntese consonantal na junção interna da palavra a ser formada (0,75%);
- outro no qual os morfemas se aderem ao tema da base, que compõe somente 16,18% dos dados, além de formações variantes dessa que ou desencadeiam um processo de epêntese consonantal na junção interna da palavra a ser formada (0,75%) ou de harmonização vocálica entre a vogal temática e a do radical (0,11%).

Por fim, os dados colocados como inconclusivos compõem os 2,47% restantes dos dados coletados, somando 23 ocorrências em quantidade absoluta.

Dito isso, como primeira análise, temos os casos mais regulares, nos quais não foram encontrados muitos processos morfofonológicos. Como vimos na seção anterior, encontramos dois morfemas distintos no *corpus* coletado, sendo eles *-ão* verbal e *-ão* não verbal. Consideraremos as seguintes regras em relação à alomorfia para *-ão* verbal (5.1) e *-ão* não verbal (5.2)⁴⁷:

$$(5.1) \quad \begin{array}{l} - \text{Selecione } \{-\text{lhão}\} / \text{V}]_{\text{radical}} \\ - \text{Selecione } \{-\text{ão}\} \\ - \text{Selecione } \{-\text{lhão}\} \\ - \text{Selecione } \{-\text{lão}\} \\ - \text{Selecione } \{-\text{rrão}\} \end{array} \Bigg/ \text{V}]_{\text{tema}}$$

$$(5.2) \quad \begin{array}{l} - \text{Selecione } \{-\text{ão}\} / \text{V}]_{\text{radical}} \\ - \text{Selecione } \{-\text{ão}\} \\ - \text{Selecione } \{-\text{alhão}\} \\ - \text{Selecione } \{-\text{ilhão}\} \\ - \text{Selecione } \{-\text{ilão}\} \\ - \text{Selecione } \{-\text{rrão}\} \end{array} \Bigg/ \text{C}]_{\text{Radical}}$$

Também temos que levar em conta a afirmação feita para *-ão* verbal na Subseção 4.1.1, em relação à queda da vogal temática em formações com $\{-\text{ão}\}$. Assim, quando a regra de alomorfia (5.1) retornar o morfe $\{-\text{ão}\}$, e somente se retornar este morfe, a vogal temática deve ser suprimida antes do processo de sufixação.

Além destas questões sobre a alomorfia, temos a questão do acento destas formas. Como colocado na Subseção 2.3, esta dissertação considera que o acento no PB recai sobre o último pé trocaico moraico construído da direita para a esquerda de maneira não iterativa. Além disso, considera que os processos de formação desencadeados pelos morfemas em questão são estritamente derivacionais, significando que o acento deles se dá somente ao final da formação, diferentemente do que Lee (1995, p. 81) postula sobre estes sufixos, ou seja, que já vêm acentuados do nível α ,

⁴⁷ Estas regras ainda apresentam problemas por não selecionar de fato o morfe, podendo indicar uma variação livre de condicionamentos entre eles. Tal variação pôde ser atestada para algumas bases, mas não foi encontrada em outras. De todo modo, elas serão apresentadas como “Al. de *-ão* verbal”, para (5.1), e “Al. de *-ão* não verbal”, para (5.2), nas representações de estratos.

junto dos não verbos. Assim sendo, a regra de acento deve ocorrer ao final do processo com os sufixos já afixados seguindo a regra geral descrita a seguir:

- (5.3) O acento principal recai sobre a proeminência do pé trocaico mais à direita, no domínio da palavra.

Vale acrescentar que, como visto na Subseção 2.1.1, a derivação com os morfemas desta pesquisa foi enquadrada nos processos chamados por Lee (1995) de “formação produtiva”, junto a formações com *-inho*, *-zinho*, *-íssimo* e *-mente*, que ocorrem no nível β , devido a regularidade de seus processos. Mas, como expresso anteriormente, aqui consideramos que as formas são acentuadas apenas ao fim da formação da palavra. Assim, para os casos mais regulares, teríamos as representações em estratos expostas nos exemplos (5.4) (a partir das bases “abandar”, “brincar”, “sacar” e “beber”), com *-ão* verbal, e (5.5) (a partir das bases “abelha”, “traste”, “dente”, “santo”, “barba” e “casa”), com *-ão* não verbal⁴⁸:

(5.4)				
abana + ão	brinca + ão	saca + ão	bebe + ão	
abana + ã o	brinca + lh ão	saca + l ão	bebe + rr ão	Nível β Al. de <i>-ão</i> verbal
aban + ão	_____	_____	_____	Queda da vogal temática
abanã o	brincalh ão	sacal ão	beberr ão	Sufixação do Nível β
(*) a ba nã o —	(*) brin ca lh ão —	(*) sa ca l ão —	(*) be be r ão —	Projeção de pés trocaicos moraicos
<abanã>	<brincalhã>	<sacalã>	<beberrã>	

⁴⁸ Para melhor apresentação dos processos o item que sofre a ação da regra em cada estrato foi colocado em negrito.

(5.5)	abelh + ão	ave + ão	trast + ão	dent + ão	sant + ão	barb + ão	
	abelh + ão	ave + ão	trast + alhão	dent + ilhão	sant + ilão	barb + arrão	Nível β Al. de <i>-ão</i> não verbal
	abelhão	aveão	trastalhão	dentilhão	santilão	barbarrão	Sufixação do Nível β
	(*) a be lhão —	(*) a ve ão —	(*) tras ta lhão —	(*) den ti lhão —	(*) san ti lão —	(*) bar bar rão —	Projeção de pés trocaicos moraicos
	<abelhão>	<aveão>	<trastalhão>	<dentilhão>	<santilão>	<barbarrão>	

Em relação aos casos em que há mais de uma afixação ocorrendo, temos dois estratos de formação atuando. Primeiramente, no nível α , temos a afixação dos sufixos que aparecerem antes de *-ão* (seja verbal ou não verbal), que vão ocorrer neste nível, pelo fato de ele englobar os processos de derivação mais comuns, como prefixações e sufixações (que são, por sua vez, diferentes dos processos de derivação dos sufixos marcados como “formação produtiva”). Esta estrutura de dois níveis nos permite entender o porquê de os morfemas em *-ão* serem sempre os últimos a serem afixados, visto que ocorrem em um extrato diferente dos demais morfemas que formam as ocorrências enfocadas. O exemplo a seguir apresenta as formações a partir das bases “saber”, e “simples”:

(5.6)	sab + ich + ão	simpl + ach + eir + ão	
	sabich + ão	simplacheir + ão	Nível α Sufixação do nível α
	sabich + ã o	simplacheir + ã o	Nível β Al. de <i>-ão</i> não verbal
	sabichão	simplacheirão	Sufixação do nível β
	(*)	(*)	
	sa bi ch ão	sim pla chei r ão	Projeção de pés trocaicos moraicos
	—	—	
	<sabichão>	<simplacheirão>	

Os próximos casos a serem analisados são aqueles em que há uma epêntese consonantal. Como dito na seção anterior, com base em Cagliari e Massini-Cagliari (2000, p. 17), para ser considerada epentética, a consoante deve ser coronal (portanto, tem o traço [coronal] ativo no nó [Ponto de C]) e ocorre na juntura interna de palavras, para evitar ou a ressilabificação ou a formação de hiato.

Ainda, há certas bases que realizam a formação sem a necessidade de que ocorra uma epêntese consonantal, mesmo com o contexto favorável ao aparecimento de uma. Como exemplo, temos “anelão”, formado de “anel”, mas é comum encontrarmos a

realização “anelzão” com /z/ como consoante epentética, ainda que este dado não tenha sido encontrado durante a coleta. Tal variação marca, portanto, exceções a uma regra de epêntese consonantal em formações com {-ão}, podendo caracterizar tal regra como lexical.

Devido à característica de a regra ter como motivação o impedimento de hiatos (quando o tema ou radical termina em vogal) ou da ressilabificação (quando o radical termina em uma consoante líquida, C_L , como /N/, /R/, /L/ ou /S/) na juntura interna de palavras, ela deve atuar antes da sufixação, a fim de que, quando esta ocorra, tal consoante já possa estar ali presente, cumprindo com sua função. Dessa maneira, a regra pode ser representada como mostra o exemplo a seguir⁴⁹:

(5.7)

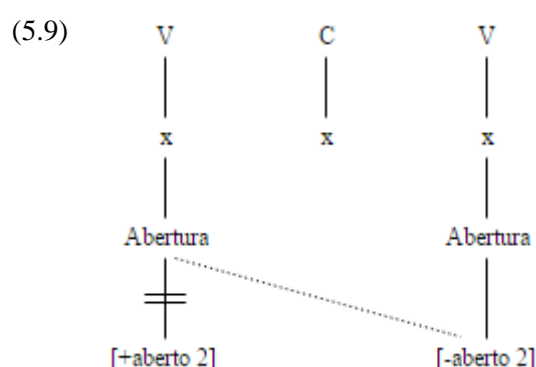
$$\begin{array}{l}
 \text{- Adicione C na juntura interna de palavra} \quad / \quad \begin{array}{l}
 \text{- } C_L + _ + V \\
 \text{- } V + _ + V
 \end{array} \\
 \text{Condições:} \quad \text{- C tem traço [coronal] ativo} \\
 \text{- } C_L \text{ é /N/, /R/, /L/ ou /S/}
 \end{array}$$

Com base nisso, o exemplo (5.8) apresenta a representação em estratos de processos destes casos, apresentando como exemplo as bases “bom”, “homem”, “borra” e “língua”:

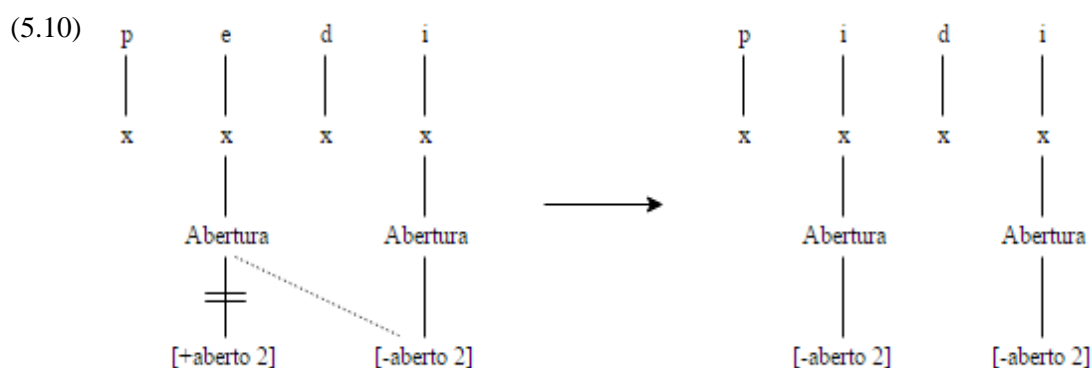
⁴⁹ Esta regra será representada como “Epêntese consonantal” nas representações apresentadas.

(5.8)	bom + ão	homem + ão	borra + ão	língua + ão	
	bon + ão	homen + arrão	borra + ão	língua + ão	Nível β
	bon + /C/ + ão	homen + /C/ + arrão	borra + /C/ + ão	língua + /C/ + ão	Al. de <i>-ão</i> não verbal
	bon/C/ão	homen/C/arrão	borra/C/ão	língua/C/ão	Epêntese consonantal
	(*)	(*)	(*)	(*)	Sufixação do nível β
	bon /C/ão	ho men /C/ar rão	bor ra /C/ão	lin gua /C/ão	Projeção de pés trocaicos moraicos
	—	—	—	—	
	<bonzão>	<homenzarrão>	<borratão>	<linguarão>	

O último caso a ser analisado, por sua vez, é aquele no qual ocorre uma harmonia vocálica total entre a vogal do radical e a vogal temática. Como dito na Subseção 4.1.1, para a harmonia vocálica ocorrer, é necessário uma vogal-gatilho que seja alta (possui todos os traços do nó ABERTURA inativos) e uma vogal-alvo que seja médio-alta (possui somente o traço [aberto 2] do nó ABERTURA ativo). Nestas condições, temos a base “pedir”, que tem como vogal-gatilho sua vogal temática <i> e, como vogal-alvo, a única vogal de seu radical <e>. Assim, temos a seguinte regra geral para a harmonia vocálica total⁵⁰, adaptada de Bisol (2013, p. 51):



Por meio desta regra, podemos gerar {pidi-} a partir do tema {pedi-} da base “pedir”, conforme vemos a seguir:



⁵⁰ Esta regra estará representada como “harmonia vocálica” nas representações apresentadas.

Assim, antes da sufixação de {-ão}, a vogal temática cai, deixando somente o radical já derivado pela regra representada em (5.9), como pode ser visto na representação em estratos exposta a seguir:

(5.11)	pedi + ão	
	pidi + ão	Nível β
	pidi + ã o	Harmonia vocálica
	pid + ão	Al. de -ão verbal
	pid + ão	Queda da vogal temática
	pidão	Sufixação do nível β
	(*)	
	pi dão	Projeção de pés trocaicos moraicos
	—	
	<pidão>	

Por fim, aplicando todas as regras de derivação da morfologia e adequação fonológica que geram os dados desta dissertação, chegamos à representação em estratos apresentada no exemplo (5.12), a seguir:

(5.12)	abana + ão	brinca + ão	abelh + ão	sab + ich + ão	bom + ão	pedi + ão	
	_____	_____	_____	sabich + ão	_____	_____	Nível α Sufixação do nível α
	_____	_____	_____	_____	_____	pidi + ão	Nível β Harmonia vocálica
	abana + ão	brinca + lhão	_____	_____	_____	pidi + ão	Al. de <i>-ão</i> verbal
	aban + ão	_____	_____	_____	_____	pid + ão	Queda da vogal temática
	_____	_____	abelh + ão	sabich + ão	bon + ão	_____	Al. de <i>-ão</i> não verbal
	_____	_____	_____	_____	bon + /C/ + ão	_____	Epêntese Consonantal
	abanão	brincalhão	abelhão	sabichão	bon/C/ão	pidão	Sufixação do nível β
	(*)	(*)	(*)	(*)	(*)	(*)	Projeção de pés trocaicos moraicos
	a ba não	brin ca lhão	a be lhão	sa bi chão	bon /C/ ão	pi dão	
	—	—	—	—	—	—	
	<abanão>	<brincalhão>	<abelhão>	<sabichão>	<bonzão>	<pidão>	

No exemplo (5.12), vemos que há boa formação das palavras, não havendo impedimento para a aplicação das regras, mesmo no caso de “abanão”, que, por conta da escrita, pode nos levar a aplicar a regra “Epêntese Consonantal”. Contudo, tal aplicação não se dá. Devido à forma de base deste dado, a consoante final do radical é /n/, enquanto a regra coloca como condição que a última consoante do radical seja /N/ (como o é a última consoante de “bom”), além de /R/, /L/ ou /S/. Além disso, podemos confirmar que, de fato, é mais produtivo pensar que, em formações a partir de verbos, {-ão} se liga principalmente a temas e não a radicais, visto que, com isso, podemos facilmente explicar porque “pedir” perde a vogal temática ao derivar para “pidão”, enquanto “brincar” não perde na derivação para “brincalhão”. Além de evidenciarmos as regularidades dos processos aproximando as derivações com os morfemas em *-ão* dos processos ocorridos no nível β , junto de outros morfemas que marcam o grau em PB.

5.1 Considerações finais

Pudemos apresentar nesta seção a hierarquia dos processos descritos na seção anterior, de maneira a elencar a posição destas regras nos estratos de formação. Vimos que a separação em dois níveis de formação, com o nível α englobando as derivações comuns e o nível β as formações produtivas, nos permitiu separar as formações com outros sufixos da formação com *-ão* e entender porque este morfema sempre vem ao final destas sufixações, visto que ele ocorre num nível posterior ao das outras. Além disso, foi possível, a partir dos níveis propostos por Lee (1995), analisar os processos, hierarquizando-os de maneira a permitir as realizações das palavras analisadas de maneira ampla e confirmar que, em formações verbais, {-ão} se liga principalmente a temas e não a radicais conforme analisamos na Subseção 4.1.1.

CONCLUSÃO

Nesta seção, buscamos fazer um apanhado das discussões feitas nesta dissertação bem como apresentar os resultados e questionamentos que ela pôde levantar.

Assim, na Seção 1 deste trabalho, apresentamos as visões dicionarizadas, gramaticais e também trazidas por estudiosos sobre os morfemas *-ão*. Pudemos iniciar uma discussão a respeito dos significados possíveis que são trazidos pelos morfemas e que a definição do que é grau aumentativo diz respeito às noções dimensionais da palavra derivada, ainda que em PB os morfemas em *-ão*, popularmente chamados de morfemas de aumentativo, tenham uma profusão de usos bem grande na língua. Também discutimos a natureza do processo de formação do qual o grau aumentativo faz parte em PB. Nesta discussão, pudemos notar que há uma confusão entre os gramáticos, no que diz respeito a se o aumentativo é um caso de flexão ou derivação; vimos também que talvez um motivo para esta confusão esteja no fato de a NGB tratar o grau como uma flexão, enquanto análises linguísticas tratam-no como uma derivação, sendo este último o tratamento o que utilizamos neste trabalho. Por fim, fechamos a seção discutindo sobre as possibilidades de flexão que os morfemas em *-ão* apresentam, sendo elas o número (singular <ão>, plural <ões>) e o gênero (masculino <ão> feminino <ona>).

Na Seção 2, discutimos as principais teorias que embasam este trabalho. Vimos um pouco do que são os modelos não lineares, desde seu surgimento na corrente de críticas aos estudos de Fonologia Gerativa Padrão até seu declínio, com o sucesso da Teoria da Otimalidade. Discutimos, também, a sílaba como um conceito, primeiramente como ela é descrita pela fonética e, posteriormente, os tratamentos de que ela foi sendo alvo, à medida que os estudos de fonologia foram sendo aprimorados e reformulados. Fizemos o mesmo para as discussões sobre acento, mostrando o percurso histórico desse fenômeno fonológico para o PB.

Na Seção 3, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta, bem como quais foram as dez categorias levantadas para dividir os 7465 dados colhidos. Também apresentamos os procedimentos metodológicos para a análise dos 936 dados enfocados, por estarem categorizados nas seis categorias de aumentativo levantadas.

Na Seção 4, apresentamos os dados coletados, além de explicar com mais cuidado o que englobavam as categorias levantadas apresentando exemplos a cada categoria e levantando os processos morfológicos que podiam ser encontrados nelas; além disso, apresentamos um levantamento semântico feito a partir do DEH, mostrando com mais dados que a designação de “morfema de aumentativo” dada aos morfemas trabalhados nesta dissertação é apenas uma denominação e não algo que os descreva de fato.

Na Seção 5, cuidamos da análise pela fonologia lexical dos dados, descrevendo e hierarquizando os processos apresentados na Seção 4.

Portanto, através das evidências trazidas pelas seções de revisão de literatura e principalmente pelas análises da Seção 5, pudemos chegar às seguintes conclusões:

- Temos dois morfemas em *-ão*:
 - um, designado como *-ão* verbal, por derivar bases verbais, trazendo a elas noções relacionadas com a ação, o agente e/ou o resultado da ação do verbo-base e podendo ser realizado por {-ão}, quando é afixado a radicais terminados em consoante, ou por {-lhão}, {-lão} e {-arrão}, quando é afixado em radicais terminados em vogais ou temas verbais;
 - outro, designado como *-ão* não verbal, por derivar bases não verbais, trazendo a elas noções relacionadas com a dimensão do não-verbo-base e/ou o ser determinado por este não-verbo-base e podendo ser realizado por {-ão}, {-alhão}, {-ilhão}, {-ilão}, {-arrão} e {-arão}, independentemente do contexto.
- Os processos de formação com os morfemas em *-ão* são processos de derivação, diferentemente do que pode ser encontrado na literatura tradicional, que considera a adjunção do aumentativo um processo flexional.
 - Além dos processos mais simples e regulares em que os morfemas realizam estes morfemas se aderem ao radical ou tema da base, encontramos processos morfofonológicos, como alteamento da última vogal /e/ do item a sofrer afixação, epêntese consonantal na junção interna de palavra, a fim de evitar hiatos, ou ressilabificações e afixações sucessivas com *-ão*, sempre sendo o último a se afixar, por estar em um nível de formação acima dos outros morfemas afixados.

- Os morfemas em *-ãõ* têm uma grande variação de casos de formação; ao todo foram encontrados 31 casos, sendo 11 deles desencadeados por *-ãõ* verbal e 20 por *-ãõ* nominal.
- Os morfemas em *-ãõ* têm uma profusão de significados muito grande e limitá-lo como morfema de aumentativo (como é feito pela literatura tradicional) é errôneo.
- Os morfemas em *-ãõ* atraem o acento, reacentuando as palavras que são derivadas com ele. Contudo, eles têm a tendência (salvo poucas exceções) de preservar as vogais médias baixas de suas bases, o que os marca como sufixos que funcionam de uma maneira diferenciada dos demais, junto a outros sufixos de grau e o morfema *-mente*.

Ainda, a pesquisa levantou uma série de outras questões que podem ser temas de outras pesquisas, como:

- Como se dá o processo de derivação fonológica dos morfemas em *-ãõ* em relação às suas flexões?
- Como se dá a escolha dos morfemas que realizam estes morfemas, visto que eles ocorrem independentemente do contexto?
- O que permite a grande variação de casos de formação com *-ãõ*?

Além dos nove casos marcados como inconclusivos e que merecem um estudo mais aprofundado.

Por fim, pudemos descrever nesta dissertação com maior afinco os processos desencadeados pelos morfemas em *-ãõ*, tradicionalmente chamados de sufixos de aumentativos. Apresentamos, como intencionado, o aparato morfofonológico destes morfemas além de proporcionar maiores dados para análises futuras que venham a contribuir para a descrição desta língua rica e plural que é o PB.

REFERÊNCIAS

ABREU, T. H. DE. Estudo dos nomes aumentativos e diminutivos em Português Arcaico. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 40, p. 880-893, 2011.

_____. O estatuto prosódico dos aumentativos e diminutivos em Português Arcaico: formas simples ou compostas?. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 41, p. 679-693, 2012.

ABREU-ZORZI, T. H. DE. **O estatuto prosódico dos advérbios em –mente: um estudo comparativo entre Português Arcaico e Português Brasileiro**. 2016. 435 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2016.

ANTÔNIO HOUAISS. In: HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico HOUAISS da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001, n.p.

ARCHANGELI, D. Optimality Theory: an introduction to linguistics in the 1990s. In: ARCHANGELI, D.; LANGENDOEN, D. T. **Optimality Theory: an overview**. Massachusetts: Blackwell. p. 1-32, 1997.

BASÍLIO, M. Sufixação sem mudança de classe. In: **Formações e classes de palavras no Português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 67-77.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

BISOL, L. O acento e o pé métrico binário. **Caderno de estudos linguísticos**, Campinas, (22), Jan./Jun. 1992, p. 69-80.

_____. Harmonização vocálica: efeito parcial e total. **Organon**, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 49-61, jan./jun. 2013.

BORGES, P. R. **Estrutura morfofonológica das formas futuras nas Cantigas de Santa Maria**. 2008. 309f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008.

CAGLIARI, L. C. **Fonologia do Português: análise pela Geometria de Traços**. Campinas: Edição do Autor, 1997.

_____. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado de letras, 2002.

CAGLIARI, L.C.; MASSINI-CAGLIARI, G. A epêntese consonantal em português e sua interpretação na Teoria da Otimalidade. In: **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.9, n.1, p. 163-192, jan./jun. 2000.

CAMARA JR., J.M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2004 [1970].

_____. **Dicionário de Linguística e Gramática**. Petrópolis: Vozes, 1986 [1973].

- CEGALLA, D.P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 13 ed. São Paulo: Nacional, 1973.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The sound pattern of English**. Cambridge: MIT Press, 1968.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. Internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (org.). **The Handbook of Phonological Theory**. Cambridge: Blackwell, 2006(1995), 3 ed., p. 245-306
- COLLISCHON, G. O acento em português. In: BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999a, p. 125-158.
- _____. A sílaba em português. In: BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999b, p. 91-119.
- COSTA, D. S. **A interface música e linguística como instrumental metodológico para o estudo da prosódia do português arcaico**. 2010. 200 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2010.
- _____. Morfo(lógica): flexão nominal. In: ABREU, A. S.; SPERANÇA-CRISCUOLO, A. C. **Ensino de português e linguística: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016, p. 47-69.
- CRYSTAL, D. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do Português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DUBOIS, J. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973, p. 80, 190, 191.
- DURAND, J. **Generative and Nonlinear Phonology**. London: Longman Group, 1990.
- FERREIRA, A.B.H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GOLDSMITH, J. A. **Autosegmental and metrical phonology**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- HALLE, M.; VERGNAUD, J. **An essay on stress**. Massachusetts: MIT Press, 1987.
- HAYES, B. Extrametricality and English Stress. **Linguistic Inquiry**, Vol. 13, No. 2 (Spring, 1982), p. 227-276
- _____. Inalterability in CV phonology. **Language**. Baltimore MD. v. 62, 1986, p. 321- 352.
- _____. **Metrical stress theory: Principles and case studies**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

- HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 11-79.
- HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico HOUAISS da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.
- HYMAN, L. M. **A theory of phonological weight**. Dordrecht: Foris, 1985.
- KIPARSKY, P., From Cyclic Phonology to Lexical Phonology. In: HULST, H.; SMITH, N. (orgs)., **The structure of phonological representations (Part 1)**. USA: Foris publications, v.1, 1982, p. 131 – 265.
- LAROCA, M. N. C., **Manual de morfologia do português**. Campinas: Pontes; ed 4, 2005.
- LEE, S.-H. A regra do acento do português: outra alternativa. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 29, n.4, 1994, p. 37-42
- _____. **Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil**. 1995. 200 f. Tese (Doutorado em linguística) – Instituto de estudos da linguagem, Universidade estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- LEVIN, J. **A metrical theory of syllabicity**. PhD dissertation, MIT, 1985.
- MASSINI-CAGLIARI, G. **Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento**. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 1999.
- MCCARTHY, J. **Doing Optimality Theory**. Malden, MA & Oxford: Blackwell, 2008.
- MICHAELIS, **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2002.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Portaria nº36 de 28 de Janeiro de 1959**. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(19\)09.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(19)09.htm). Acesso em: 3 de abril de 2017.
- MOHANAN, K. P. **The theory of lexical phonology**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.
- MONTEIRO, J. L. **Morfologia Portuguesa**. Campinas: Pontes, ed. 4, 2002.
- PRADO, N. C. **Processos morfofonológicos na formação de nomes deverbais com os sufixos –çon/-ção e -mento: um estudo comparativo entre Português Arcaico e Português Brasileiro**. 2010. 190 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2010.
- PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. **Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar**. Malden, MA & Oxford: Blackwell, 2004.
- RIO TORTO, G. M. **Operações dericacionais que envolvem sufixos -ão em português**. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1987.

ROCHA, L. C. A. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

TRUBETSKOY, N. **Grundzuge der Phonologie**. Göttigen: Vandenhoeck; Ruprecht, 1939.

VILLAR, M. S. Apresentação. In: HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico HOUAISS da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001, n.p.

WETZELS, W. L. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, v. 23, 1992, p. 19-55